



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

MARÍLIA GONÇALVES DAL BELLO

**JOVENS, VULNERABILIDADE E VIOLÊNCIA:
OUTRA HISTORIA É POSSÍVEL?**

Londrina
2004

MARÍLIA GONÇALVES DAL BELLO

**JOVENS, VULNERABILIDADE E VIOLÊNCIA:
OUTRA HISTORIA É POSSÍVEL?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Serviço Social e Política Social, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Serviço Social e Política Social.

Orientadora. Prof^a. Dr^a. Maria Ângela Silveira Paulilo

Londrina
2004

MARÍLIA GONÇALVES DAL BELLO

**JOVENS, VULNERABILIDADE E VIOLÊNCIA:
OUTRA HISTORIA É POSSÍVEL?**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Ângela Silveira Paulilo

Londrina, 05 de maio de 2004.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Therezinha e Dirceu, pelo exemplo de vida que são.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho. Em especial:

A Deus por ter me proporcionada força e saúde para concluir este trabalho de pesquisa.

À Maria Ângela, minha orientadora, pelo seu envolvimento em todas as etapas deste trabalho.

À CAPES, pelo auxílio bolsa que viabilizou tempo exclusivo a este estudo

À minha amiga Maria Rita, pelas correções de português, pela paciência e atenção dispensada nos momentos mais conturbados.

Às colegas de turma, especialmente a Sueli, pela amizade e estímulo.

Ao coordenador, auxiliar de coordenação e educadores do projeto Viva a Vida, por terem proporcionado a viabilidade deste trabalho.

Às assistentes sociais Mariza, Sirley e Vera pelo apoio durante o desenvolvimento do trabalho de campo.

À todas as mães e jovens, usuários do projeto Viva a Vida que gentilmente me cederam informações valiosas para realização deste estudo.

DAL BELLO, Marília Gonçalves. **Jovens, vulnerabilidade e violência: outra história é possível?**. 2004. 141f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.

RESUMO

O presente estudo buscou tecer uma análise sobre a vulnerabilidade de jovens pobres ao risco da violência. Foram considerados para isso os significados da violência sob a ótica de jovens e mães, usuários de uma das unidades do projeto Viva a Vida, desenvolvido em uma das regiões periféricas da cidade de Londrina-PR. Frente a isso, foi também analisado o desempenho do projeto no que diz respeito a sua atuação no sentido de atenuar entre os jovens o risco da violência. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas com os jovens e suas mães, freqüentadores do projeto Viva a Vida . A síntese final aponta para a invasão do narcotráfico no cotidiano desta população, sinalizando os jovens como principais vítimas da violência dele decorrente e apresenta as conquistas e desafios do Viva a Vida na atuação junto a estes jovens.

Palavras chave: Jovens. Vulnerabilidade. Violência

DAL BELLO, Marília. **Young, Vulnerability and Violence: Is another History possible?** 2004. 141f. Dissertation (Master's Degree in Social Work and Social Policies) – State University of Londrina, Londrina, 2004.

ABSTRACT

The present study wanted to analyse the poor youths' vulnerability to the risk of violence. They were considered, for this work, the meanings of the violence under the youth's optics and mothers, users of one of the units of the project Live the Life, developed in periphery areas of the Londrina city. Front to that, was also analyzed the acting of the project in what it tells about the performance in the sense of lessening among the youths the risk of the violence. The data were collected through interviews semi-structured with youths and their mothers, visitors of the project Live the Life in study. The final synthesis shows the narcotrafic invasion in the daily of htis population pointing the youths as principal victims of the violence, and it presents the conquests and challenges of the Live the Life in the performance close to these young ones.

Keywords: Youth. Vulnerability. Violence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I	15
2 JOVENS NA CONTEMPORANEIDADE: VULNERABILIDADE, RISCO E VIOLÊNCIA	16
2.1. Contemporaneidade, Jovens e Risco.....	16
2.2. Vulnerabilidade Social: Aproximações Teóricas.....	22
2.3. Jovens e Violência	24
CAPÍTULO II	34
3 URBANIZAÇÃO: PROGRESSO, POBREZA E VIOLÊNCIA	35
3.1 Londrina: um breve reconhecimento	35
3.2 O assentamento em estudo	39
3.2.1. Dados Sobre Violência	41
3.2.2. Jovens, Espaços Comunitários, Programas e Projetos.....	43
3.2.3. Projeto Viva a Vida.....	45
CAPÍTULO III	54
4 VIOLÊNCIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: UMA REFLEXÃO DOS JOVENS E DE SUAS MÃES	55
4.1 Violência: Vivencia e Significados	55
4.1.2 Violência na Esfera Pública.....	56
4.1.3 Violência na Esfera Privada	83
4.2. Projeto Viva a Vida: Mudanças e Desafios de um Projeto em Curso	96
4.2.1 Mudanças de Comportamento	96
4.2.2. Críticas e Sugestões	113
4.2.3 Perspectivas Futuras.....	118
5 SÍNTESE CONCLUSIVA	125
REFERENCIAS	131

1 INTRODUÇÃO

A vulnerabilidade ao risco da violência entre os jovens e a elaboração de projetos sociais capazes de estabelecer um contraponto a esta questão têm se constituído em objeto de preocupação de vários estudiosos. (Zaluar, 1994a, 1994 b; Castro et al, 2001; Abramovay et al, 2002)

Diversos aspectos de ordem social, cultural e econômica interagem apontando os jovens como uma categoria mais suscetível a diversos tipos de riscos¹. A juventude é um período em que as pessoas se deparam com momentos de insegurança e indefinição, relacionados à desorganização de estruturas do mundo infantil e à construção de novas maneiras de se situar no mundo adulto. Influências tradicionais atribuídas à orientação familiar, ao contato e à socialização de experiências com gerações antecedentes contribuía com maior intensidade para diminuir as angústias e incertezas deste momento de passagem. No entanto, nos dias de hoje, muitas destas referências encontram-se empobrecidas ou mesmo ausentes culturalmente, o que favorece a potencialização dos riscos vivenciados pelos jovens (Balandier *apud* Jeolás, 1999). Assim, eles são levados a procurar sozinhos uma forma de se situar no mundo. A busca de identidade e referenciais baseados em valores consumistas tem sido marca de uma juventude que, ao se desvincular das orientações tradicionais, adota valores relacionados aos modismos instáveis e à socialização no interior de grupos, gangues ou galeras.

Na visão de Balandier (1997), os dias de hoje apresentam características que se traduzem pelo excesso e embaralhamento de imagens, códigos e incertezas. Sendo assim, o jovem é levado a ser o produtor das suas próprias referências que se embasam nos acontecimentos cotidianos e nas necessidades imediatas. Entre os jovens que compõem as classes mais pobres da sociedade, a impossibilidade de satisfazer as necessidades de consumo associadas a diversos estilos de roupas, acessórios, lazer e alimentação tornou-se mais uma forma de vulnerabilidade em face da violência.

¹ De acordo com Jeolás (1999) diversas áreas do conhecimento de ordem social, psicológica e epidemiológica relacionam a adolescência e a juventude a diversos tipos de risco, como a morte no trânsito, uso de drogas e tentativas de suicídio.

No Brasil, a incursão de jovens em quadrilhas de tráfico de drogas, principalmente os que vivem em áreas periféricas de cidades médias e grande pode ser apresentado como uma alternativa que oferece facilidade na obtenção de dinheiro, em contraste com o contexto de pobreza no qual estão inseridos (Zaluar, 1994b). Soma-se a isso a questão de que muitos jovens pobres, ao tornarem-se membros das quadrilhas de tráfico de drogas, adquirem integração social e respeito na comunidade, conquistado por meio do medo imposto pelo poder da arma de fogo.

A situação tem merecido iniciativas de ordem governamental no sentido de atuar na contramão da violência que atinge grande parte dos jovens. Sposito (2003), em análise de políticas públicas para jovens no Brasil, assinala que, se em momentos anteriores, a preocupação do Estado em relação aos jovens se destinava àqueles pertencentes aos setores das classes médias, devido ao caráter contestador de suas ações, atualmente, o interesse se dirige aos jovens pobres e moradores das periferias das grandes cidades. Muitos desses programas, segundo a autora, possuem caráter de contenção de um possível comportamento violento dos jovens.

Ainda segundo Sposito, a partir do final da década de 90, o crescimento das mortes por homicídios entre jovens levou à elaboração de projetos pelo Ministério da Justiça voltados para prevenção e redução da violência nas escolas e nos bairros, destinados principalmente a jovens moradores das periferias das grandes cidades. O formato assumido por estes programas tem por objetivo ocupar o tempo do jovem que não era preenchido pela escola. De acordo com Abramo (2003), diante dos perigos existentes na rua: assaltos, acidentes, o narcotráfico, a possibilidade do envolvimento com gangues e a gravidez precoce, percebeu-se a necessidade de uma vida social para os jovens, além da convivência escolar, o que levou o poder público a buscar meios de oferecer 'espaços para os jovens'. Ao referir-se a esses projetos, a autora coloca que uma das características assumidas por eles diz respeito a sua função de 'guarda' e ocupação do tempo livre, visando à criação de ambientes seguros para que os jovens possam se desenvolver de forma a complementar a educação escolar. Podem proporcionar atividades destinadas ao reforço escolar, lazer, esporte, cultura e até mesmo à qualificação profissional. Abramo (2003) discute ainda as atividades voltadas para o lazer e a cultura como uma proposta educativa destinada ao desenvolvimento de processos básicos de constituição da identidade e socialização dos jovens excluídos, de

recuperação da auto-estima, reconexão com a escola e desenvolvimento de vínculos com a família e a comunidade.

Ao oferecerem atividades lúdicas e de formação para cidadania, a criação de espaços de convivência e de centros que acolhem jovens no período extra-escolar tem sido uma das mais presentes propostas de políticas para crianças e adolescentes no Brasil. (Sposito, 2003; Abramo, 2003)

Em Londrina, o projeto Viva a Vida, implantado a partir de 2001 em 12 áreas periféricas da cidade, integra este conjunto de projetos, a medida em que suas ações objetivam o atendimento em contra turno escolar de crianças e adolescentes de 7 a 14, que se encontram em situação de risco social, entre os quais destaca-se o risco da violência, objeto deste estudo.

As atividades desenvolvidas pelo projeto estão pautadas em uma proposta arte-educativa, que se associa ao lúdico, dando ênfase a valores éticos e de estímulo à sensibilidade do indivíduo. Desenvolvido nas periferias de Londrina, onde predomina a pobreza e a violência, o projeto Viva a Vida busca promover a educação para a cidadania por meio de atividades que se traduzem em um esforço concentrado pela *socialização de experiências de produção em movimento e enriquecimento da perspectiva de vida, contrapondo-se ao cotidiano empobrecido, às ilusões compensatórias e à contemplação passiva que estão na base da indústria cultural*².

Foi assim delimitado como universo para este estudo, uma das unidades do projeto Viva a Vida situada próxima a um assentamento periférico, cujos índices de violência apresentam-se como um dos maiores da cidade de Londrina. Assim, este trabalho de pesquisa busca estudar a vulnerabilidade ao risco da violência entre jovens, apreender os significados da violência elaborados pelos jovens e suas mães e analisar a atuação do projeto Viva a Vida frente ao contexto de violência por eles vivenciados. Dada à situação de vulnerabilidade a violência na via dos jovens, sujeitos desta pesquisa, foi dado maior ênfase na análise dos significados atribuídos a violência, principalmente no que se refere àquela ocorrida na esfera pública.

² Outra História é Possível: Projeto Viva a Vida (2002)

O nome do assentamento, assim como o da unidade do projeto Viva a Vida em questão serão omitidos com o intuito de assegurar a integridade física dos sujeitos que compõem o universo desta pesquisa.

Foram considerados, como sujeitos deste trabalho de pesquisa, 3 meninas e 9 meninos, na faixa etária de 12 a 14³ anos residentes no assentamento e que freqüentam o projeto há pelo menos 1 ano; e suas mães, que também são parte integrante do trabalho desenvolvido pelo projeto.

Ao dirigir-se aos jovens como sujeitos desta pesquisa, é importante ressaltar que, em seus estudos, a Sociologia trabalha com a categoria juventude a partir de conceitos construídos histórica e culturalmente, de modo que os limites de idade não são fixos. Nos estudos, entretanto das áreas de psicologia e de ciências da saúde há referência à categoria adolescência, considerando para isso as mudanças biológicas, ou seja, o momento em que o corpo passa por mudanças hormonais, o que ocorre em torno dos 12 e 13 anos de idade (Lima, 1997). A Organização Mundial da Saúde (OMS) delimita a adolescência e a juventude entre 10 e 25 anos. No entanto, o aumento da expectativa de vida e as mudanças no mercado de trabalho permitem que muitos prolonguem o chamado 'tempo da juventude' até 29 anos (Novaes, 2003).

Para a abordagem metodológica utilizou-se a pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (1993), permite considerar como sujeito de estudo, pessoas analisadas a partir de sua condição social, de seu grupo ou classe social com suas crenças, valores e significados. Esta visão implica ainda na consideração do objeto das ciências sociais a partir de um processo complexo, contraditório e inacabado e que se encontra em constante transformação.

O qualitativo aprofunda o mundo dos significados e das relações sociais, complexas demais para serem tratadas através de equações que se restringem aos dados estatísticos. Este fato, no entanto, não exclui a possibilidade de utilizar dados estatísticos encontrados em outras pesquisas já desenvolvidas e que serão úteis para abordar o tema aqui pretendido.

A coleta de dados envolveu um período de inserção de oito meses no campo da pesquisa, de fevereiro a setembro de 2003, na região onde se localiza o assentamento e a unidade do projeto lá analisada. Em um primeiro momento,

³ 14 anos é a idade limite de permanência dos jovens no projeto.

buscou-se estabelecer os primeiros contatos com os sujeitos deste estudo e com o contexto por eles vivenciados. Para isso, foi feito um acompanhamento das visitas domiciliares realizadas pelas assistentes sociais que atendem o assentamento junto à população. Foi realizado ainda um trabalho de visitas a toda rede de serviços destinados ao trabalho com jovens no assentamento. Organizações Não-Governamentais (ONGs), projetos e programas sociais foram visitados com o intuito de verificar os objetivos, a demanda atendida e as atividades realizadas. O propósito final de tais visitas era verificar a articulação do projeto Viva a Vida com os demais serviços de atendimento ao jovem. Concomitante a este processo foi feito um acompanhamento das atividades diárias realizadas pelo projeto junto aos seus usuários.

O registro de todo processo de inserção, observação e acompanhamento dos sujeitos no campo de pesquisa foi realizado mediante registro em diário de campo.

Neste período de execução da pesquisa empírica, analisou-se também os Relatórios Mensais de Atividades do projeto Viva a Vida, referentes aos meses de fevereiro a setembro de 2003, a fim de verificar, sob a ótica dos educadores, as variações do comportamento violento entre os jovens que freqüentam o projeto. Este período foi ainda utilizado para a realização de pesquisa documental referente à região estudada. Dados sobre a caracterização da região, população e índices de violência foram obtidos junto aos serviços locais, à Secretária Municipal de Assistência Social de Londrina e à Companhia de Habitação de Londrina (COHAB-LD).

Durante o período de inserção no campo da pesquisa, uma das questões mais evidentes foi a da violência existente no assentamento. Alguns pontos de grande relevância chamaram a atenção para delimitar o objeto deste estudo. Ao percorrer o assentamento era comum a observação de casas destruídas e abandonadas, cujas famílias que ali habitavam haviam sido expulsas do local onde moravam por quadrilhas de tráfico de drogas. Nas idas ao projeto, era comum ouvir os educadores comentarem sobre os homicídios ocorridos com pessoas ligadas às famílias das crianças e adolescentes que freqüentavam o projeto.

O comportamento agressivo dos educandos foi outro ponto que despertou inquietação: brigas constantes envolvendo os jovens, que em muitas situações trocavam tapas, socos e pontapés; agressividade presente na forma de

falar e até mesmo na dificuldade de concentração nas atividades. A agressividade podia ser ainda notada nas armas de fogo de brinquedo que construíam; nas histórias que relatavam cenas que envolviam cemitérios, mortes e brigas de gangues. Todas essas características tornavam evidente a problemática maior que envolvia aquelas crianças e jovens: o risco da violência.

Após este primeiro contato e delimitados os sujeitos desta pesquisa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas que seguiram um roteiro previamente estabelecido. Foram realizadas um total de 24 entrevistas, sendo 12 delas feitas com os jovens e 12 com suas mães. Para garantia de sigilo quanto às informações prestadas, os entrevistados foram identificados através de letras alfabéticas de A a L. As mães aparecem identificadas somente através das letras, e os filhos por meio de letras acompanhadas do número 1. Assim respectivamente: (A, A1; B, B1...). As entrevistas com as mães foram realizadas nas próprias casas, a fim de assimilar de maneira mais próxima o cotidiano vivido pelas famílias. Com os jovens as entrevistas foram feitas em uma sala localizada nas dependências de uma ONG próxima ao projeto Viva a Vida. O espaço cedido proporcionou maior privacidade, e maior concentração nas respostas às indagações feitas.

O trabalho ora apresentado encontra-se dividido em três capítulos. Em um primeiro momento buscou-se a apresentação de um conteúdo teórico, visando contextualizar o jovem na sociedade contemporânea. Esta abordagem foi embasada a partir da ótica de diversos autores que discutem a sociedade atual, como: Harvey (1994) e Balandier, (1997).

O segundo capítulo traz uma discussão sobre o desenvolvimento do progresso urbano na cidade de Londrina, associado aos altos índices de desenvolvimento industrial, ao acirramento do êxodo rural e ao crescente aumento da pobreza de grande parcela da população de origem rural, que migrou para a cidade em busca da sobrevivência por meio de trabalho remunerado e de condições de vida digna. Com a vida urbana, importantes valores associados à terra, ao trabalho honesto, à socialização familiar e comunitária deixaram de ser compartilhados, contribuindo para uma situação de perda de referenciais, de desorientação e de violência que atingem em grande parte os jovens e, de modo particular, aqueles residentes em regiões periféricas do município. Neste capítulo, são apresentados ainda dados estatísticos sobre os índices de violência que envolvem a região estudada.

O terceiro capítulo consiste na apresentação dos resultados das entrevistas realizadas junto aos jovens e suas mães. Para apresentação dos dados coletados foram estabelecidos dois eixos temáticos de análise das entrevistas. O primeiro versa sobre os significados da violência elaborados pelos jovens e suas mães. No segundo são analisadas as mudanças e desafios no que diz respeito à atuação do projeto em favor da diminuição da vulnerabilidade ao risco da violência entre os jovens, às críticas e sugestões dos jovens e mães em relação ao projeto e apresentadas as aspirações futuras das mães em relação aos filhos, e dos jovens, em relação as suas perspectivas de futuro.

CAPÍTULO I

2 JOVENS NA CONTEMPORANEIDADE: VULNERABILIDADE, RISCO E VIOLÊNCIA

2.1 CONTEMPORANEIDADE, JOVENS E RISCO

Muitas são as denominações utilizadas para designar a contemporaneidade: pós-modernismo, modernidade tardia, sociedade do conhecimento e da informação, entre outros. Entretanto, no discurso de diversos autores que discutem a sociedade atual (Harvey, 1994; Balandier, 1997), é possível identificar um consenso que aponta para as transformações que ocorreram com a expansão do capitalismo monopolista globalizado, o desenvolvimento científico-tecnológico e o acirramento das desigualdades sociais.

Harvey (1994) entende a “condição pós-moderna” a partir de uma perspectiva histórica, cujas raízes encontram-se na própria modernidade em um processo sem fim de rupturas e fragmentações no seu interior. O autor considera o século XVIII como o início da era moderna, representada pelos ideais iluministas que levavam os indivíduos a acreditarem na convergência entre progresso e razão; produção e acumulação, através do domínio da natureza, o que conseqüentemente traria a satisfação das necessidades humanas e a existência de seres humanos mais plenos e felizes. Admitia-se, na racionalidade, um processo de destruição que traria o novo; com o desenvolvimento de formas racionais de organização social e de modos racionais de pensamento, seria possível o fim de irracionalidades, tais como o mito, a religião, a superstição e o uso arbitrário do poder.

Entretanto, as duas grandes guerras mundiais, a instalação de campos de concentração, os genocídios étnicos, o desenvolvimento do progresso tecno-científico e a possibilidade de destruição do planeta, contrapondo-se ao abismo econômico entre classes sociais denunciam o colapso da racionalidade humana. Estes acontecimentos levam à crença de que não houve um rompimento com a modernidade, pois, apesar de todo progresso vivenciado nos dias atuais, convive-se com a continuidade de outras formas de irracionalidades humanas, como a fome, a miséria, as guerras, a discriminação étnica, que se fazem presente nas mais diversas regiões do planeta.

Ao associar a discussão da modernidade com um movimento de superação do espaço por meio do tempo, o autor lança a expressão “compressão do tempo-espaço” para explicar a lógica capitalista que, para manter-se e perpetuar-se, necessita de um constante processo de expansão em busca de novos mercados de consumo. Esta lógica implica em uma aceleração do processo global, que atravessa fronteiras nacionais, interconectando e colocando em choque diferentes culturas. Se por um lado se gera uma padronização de cultura, valores, consumo, por outro, vê-se acirradas as diversidades e desigualdades sociais, gerando conseqüentemente conflitos, tensões e inseguranças surgidas de inovações e pseudo-necessidades impostas pelo mercado capitalista.

O autor situa as raízes das mudanças culturais atuais na flexibilização da economia, associada à superação da rigidez do fordismo e à aceleração do tempo de giro dos produtos no mercado, como medidas para solucionar a crise do modelo fordista-keynesiano, requerendo assim estratégias mais criativas para atrair os consumidores e agentes produtivos como garantia do funcionamento do sistema capitalista de produção. As estratégias atuais de incentivo ao consumo no mercado globalizado estão baseadas na criação de novas mercadorias e necessidades.

A aceleração do tempo de giro das mercadorias em contraposição à durabilidade dos produtos levou os capitalistas a aumentarem o ritmo de consumo, através da produção de bens pouco duráveis e de fácil adaptação ao período de intensa inovação e transformação do mercado.

A ênfase do mercado em produtos efêmeros influencia valores e costumes a medida em que se tornam descartáveis e instantâneos, diante de mudanças drásticas e rápidas. Novos valores são construídos concomitantes aos velhos, que são destruídos e/ou absorvidos e aproveitados segundo a lógica capitalista. Neste contexto, as imagens adquirem um caráter eminentemente rápido, flexível e adaptável à conquista e ao estabelecimento de uma nova marca, de uma nova identidade que possibilita aos produtos a conquista de um espaço mais duradouro no mercado competitivo.

O pós-moderno é entendido por Harvey (1994:267) como marcado pelo efêmero, fragmentário e caótico, pela saturação de imagens e perda de significado do espaço em meio ao fluxo de informação, provocando a sensação da *perda de um sentido futuro*, aliada à rapidez que mescla presente e futuro, dando a

sensação da inexistência do futuro. *O resultado tem sido a produção da fragmentação, da insegurança e do desenvolvimento desigual e efêmero no interior de uma economia de fluxos de capital de espaço global unificado.*

Balandier (1997) reconhece na modernidade os valores positivos trazidos com as mudanças que produzem um mundo mais transparente pelo progresso científico e por uma natureza melhor dominada pelo progresso tecnológico. Não deixa de considerar, no entanto, o contraste, a contradição e a confusão resultantes destas mudanças rápidas. Se, por um lado, o movimento científico-tecnológico-produtivo, o saber de inventar e produzir crescem em larga escala, por outro, aumentam as contradições submetidas à lei da troca desigual no interior das sociedades capitalistas.

O autor caracteriza o momento atual pelo excesso, pelo embaralhamento de imagens, códigos, referências, pelo inédito dos acontecimentos, pelo efêmero e pelas incertezas. Os meios de comunicação provocam a diversificação e a proliferação das imagens, alimentam as necessidades de consumo regidas pelo mercado que dita a rapidez com que os produtos são tirados e colocados em circulação. Estimulam também a formação de uma cultura massificada, homogeneizada, empobrecida pelo apagamento progressivo das diferenças, o que implica em uma pauperização do imaginário que, segundo o autor:

Este se constitui cada vez menos a partir de repertórios, de 'esquemas' estabelecidos e transmitidos ao longo do tempo: os da religião, das tradições e suas simbologias, dos costumes, dos modos de fazer e de ver herdados ou reavivados. Torna-se mais abundante, mais fugidio e instável, porque se forma ou se renova em sociedades constantemente em movimento, que geram a inflação das imagens, tanto quanto a dos signos e objetos. (Balandier, 1997:233)

Em um mundo desencantado, em que se foge das referências estáveis da cultura, da religião e dos grandes mitos, o imaginário torna-se indispensável à vida pessoal e coletiva, sem o qual ela se arruinaria. É feito de todas as imagens que cada indivíduo cria a partir da apreensão que tem do corpo e desejo, do ambiente imediato, da relação com os outros, a partir do capital cultural recebido, assim como das escolhas que provocam a projeção do futuro próximo.

O imaginário pressupõe significações geradas pelas imagens e símbolos, sendo estes últimos, fornecedores de materiais a partir dos quais são elaboradas significações, compartilhadas crenças, mitos, sonhos trazidos e levados pelos modismos. Parte de um processo de construção identitária, os modismos relacionados ao lazer e aos bens de consumo são ditados por valores consumistas que regem o imaginário submetido aos efeitos dos mitos, das imagens e dos signos. Nas palavras do autor:

Eles invadem de tal forma o universo cotidiano que as gerações jovens vivem majoritariamente sobre um duplo registro, o de uma modernidade real, freqüentemente sofrida, e o de uma modernidade deslocada. Esta duplica a primeira e a transfigura, por outro lado a oculta, está associada a valores do momento, incita à busca da intensidade utilizando um imaginário sensorial nutrido de imagens abundantes e fugazes, de sons, ruídos e cores. (Balandier, 1997: 255)

A sociedade contemporânea se embasa no culto à aparência, que tem no vestuário uma das principais marcas sociais, designando a ocupação, a condição sócio-econômica e a identificação com determinadas 'tribos' de jovens. Neste universo, o estilo jovem é evidenciado através da criação de imagens associadas aos diversos tipos de 'jeans', às roupas esportistas e à moda de personagens criados pela mídia.

Balandier (1997) refere-se ainda ao imaginário do jovem moderno permeado pela exigência de viver mais e mais intensamente. Desta forma, o barulho, as brigas, o uso de drogas e a velocidade ajudam a apaziguar esta necessidade insaciável. A moto e o carro são transformados em símbolos de poder aquisitivo, ao mesmo tempo em que são adotados entre os jovens como ritos de passagem.

A moto transformada em paixão criou uma solidariedade de grupo ainda mais forte na medida em que permite uma ritualização da velocidade, do risco, da competição; faz mais: arrasta junto com a velocidade os sonhos de poder, de performance e de sucesso público; alia os mitos da técnica ao mito da prova que fabrica os heróis. O automóvel [...] tem uma função iniciática com o rito de passagem que é a obtenção da carteira de motorista [...] tem uma função significativa ao tornar-se uma marca de diferenciação (de distinção), uma forma de expressão da personalidade e da capacidade técnica, um revelador de autonomia ou maioridade, como foi para as mulheres e os jovens. (Balandier, 1997: 249/250)

Para o autor, diante de um imaginário fragmentado, saturado pelas informações dos dias de hoje, produz-se uma relação de incerteza com o real. As referências de tempo e espaço são modificadas. O tempo tornou-se fluído e o espaço retraído, a mídia controla artificialmente as imagens em regimes de 'flash', quase abolindo a relação espaço-tempo, o imaginário é sobrecarregado e torna-se embaralhada a distinção entre o real e o simulado, o fato e a ficção. A morte se banaliza num movimento de presença-ausência (a crença no além que se abre depois da morte), as viagens de longa distância são vulgarizadas (associa-se viagem ao ato de pensar, navegar pela internet). Esta realidade em rápida transformação coloca o jovem diante da dificuldade de se situar no mundo. *Apesar da multidão que os cerca nos shopping centers, nos aeroportos, nas auto-estradas, vivem a solidão e sofrem a crise identitária.* (Tomassino; Jeolás 2000:39)

Ao mesmo tempo em que provoca referências incertas e abundantes, o momento atual desafia o indivíduo a produzir as suas próprias identidades de maneira individualizada e estável. O jovem é desafiado a ser o produtor das suas próprias referências e significações, tornando-se o protagonista das suas práticas e representações, orientando-se pelos acontecimentos circunstanciais, pelas influências e necessidades imediatas.

O jovem contemporâneo se vê a todo momento diante da necessidade de buscar por si só o seu lugar no mundo, as suas referências e os seus significados, podendo contar apenas com seus próprios recursos e circunstâncias vivenciadas e não mais com valores tradicionais ritualizados e compartilhados coletivamente. *O adolescente busca autonomia e independência, mas no interior de um grupo, entidade específica que torna fundamental para a sua socialização na Modernidade.* (Sodré, 1992: 69)

Este fato provoca uma relação na qual o jovem se sente mais autônomo em relação às pressões e coações tradicionais, ao mesmo tempo em que encontra dificuldade para se situar na sociedade contemporânea.

O homem da modernidade estabelece uma relação flutuante com o que constitui sua personalidade e sua identidade, com o que determina as suas escolhas e suas condutas. Eles se descobrem mais livres diante das dificuldades impostas às gerações que os antecederam, o controle das igrejas, o peso da moral e da opinião pública, a censura familiar, os modelos sociais tradicionalmente

aceitos, os dogmas de diversas origens; ele tende à incredulidade generalizada, que chamei de agnosticismo banal e que se transforma em desilusão quando as conjunturas sociais se degradam. (Balandier, 1997: 266)

Na sociedade contemporânea, os jovens se deparam com os sofrimentos diante das dificuldades da futura vida profissional, com as divergências entre as próprias aspirações e as limitações de consumo, com a impossibilidade de verem os seus desejos satisfeitos. Diante da perda da força dos rituais tradicionais capazes de amenizar os medos e ansiedades, inseguranças diante do momento de transição, potencializam-se os riscos por eles vivenciados. (Douglas *apud* Jeolás, 1999)

Lê Breton *apud* Paulilo (1998) analisa as práticas de riscos nos dias atuais como expressão de uma relação imaginária com a morte à medida que propicia uma troca simbólica com ela. Em muitas situações, os riscos se configuram de maneira menos calculada ou se associam a situações de vulnerabilidades, como nos casos de gravidez na adolescência, do uso de drogas e do contágio pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Outras vezes, os riscos aparecem de modo mais planejado, mais desejado. Estas atividades de riscos voluntários podem ser observadas através dos esportes radicais como os ralis automobilísticos, surf, asa delta e salto com elástico. Menos difundida entre os jovens pertencentes às camadas mais empobrecidas, com os quais tive contato mais próximo, estas ações dão lugar a outras, praticadas em igual intensidade. É o caso dos jovens que andam de skate entre carros nas ruas das cidades, das agressões física entre jovens, do uso de drogas, dos roubos e dos tiroteios.

Paulilo, ao cotejar Le Breton, coloca ainda que estes riscos fazem ressurgir os antigos rituais ordálicos, em que a morte seria a busca extrema do limite humano, deixando, no entanto, uma possibilidade de escape. Nos dias atuais, estes riscos seriam vividos de maneira mais individualizada ou em pequenos grupos, diferenciando-se dos ritos sociais tradicionais praticados coletivamente.

Ao discutir o comportamento dos jovens na atualidade, Jeolás (1999) afirma que os rituais de passagem eram celebrados com maior intensidade até o primeiro quarto do século passado, demarcando com maior nitidez a passagem entre a infância e a vida adulta. Diversos rituais significavam simbolicamente as

transformações ocorridas na puberdade e o compromisso diante de novas demandas sexuais e sociais na sociedade. Os bailes de debutantes, o primeiro emprego e a primeira relação sexual anunciavam o início da maturidade.

Estes rituais preparavam melhor os indivíduos para enfrentar as mudanças, os medos e ansiedades diante de uma nova etapa da vida. No entanto, ao voltar-se para as sociedades atuais, o que é observado é que estes ritos de passagem estão menos visíveis, demarcados com menos intensidade, o que acaba por produzir incertezas e inseguranças nos jovens ao se depararem com momentos de importantes mudanças. A tradição dos ritos vem perdendo seu valor de clara demarcação entre o jovem e o adulto. A contemporaneidade encontra-se permeada por rituais pouco enraizados, pulverizados, por múltiplas influências culturais, pelos meios de comunicação, implicando em uma transição menos marcada.

Na sociedade contemporânea, os rituais que se fazem presentes não se embasam na tradição, as gerações atuais vêm perdendo cada vez mais o contato com as de seus antecedentes e, com isto, importantes valores de formação, informação e também autoridade vêm sendo deixados de ser transmitidos às gerações mais novas. *Hoje nenhum rito proporciona referenciais e valores estáveis e unívocos.* (Jeolás, 1999: 193)

Neste sentido, a busca de inserção dos jovens em “grupos”, “galeras” e “turmas” se relaciona com a busca de referências, segurança e até mesmo proteção física, em caso de jovens que habitam locais mais violentos.

Buscando ampliar um pouco mais a discussão sobre violência, será utilizado como instrumento de análise no presente trabalho o conceito de vulnerabilidade, que permite a elaboração de um estudo mais aprofundado dos aspectos econômicos, sociais e culturais que envolvem a temática da violência entre os jovens na sociedade atual.

2.2 VULNERABILIDADE SOCIAL: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Originado da discussão sobre Direitos Humanos, o conceito de vulnerabilidade foi inicialmente associado à defesa dos direitos de cidadania de grupos ou indivíduos fragilizados jurídica ou politicamente. Posteriormente, o termo

passou a ser aplicado à saúde pública, no contexto da epidemia de aids, por Mann e colaboradores (Ayres,1999). Embora relacionado à questão da aids, é importante ressaltar que o termo vulnerabilidade pode ser generalizado para outras situações que não as de saúde/doença.

De acordo com Ayres (1999), Mann e sua equipe, buscando articular os aspectos envolvidos na contaminação pelo HIV, estabeleceram uma classificação de vulnerabilidade baseada em três eixos: social, programático ou institucional e individual.

O eixo social inclui condições sociais e econômicas, acesso à informação, à educação, à assistência social e à saúde, garantias de respeito aos direitos humanos, situação sócio-política e cultural do indivíduo. O eixo programático ou institucional associa-se a programas voltados especificamente para a prevenção, controle e assistência social. O eixo individual refere-se ao acesso a recursos que diminuem a vulnerabilidade. Este último eixo está intrinsecamente relacionado com os eixos social e programático, acima citados.

Vignoli e Filgueira *apud* Abramovay (2002) refere-se a definição de vulnerabilidade como sendo o resultado negativo da relação entre o acesso aos recursos materiais ou simbólicos dos indivíduos ou grupos e a disponibilidade da estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais provenientes do Estado, do mercado e da sociedade. Assim, com o desenvolvimento do conceito de vulnerabilidade foi possível identificar outros fatores que interferem, ampliando ou diminuindo as situações de risco à qual estão expostos. Entre estes fatores estão: o acesso ou não à informação, escola, serviços, programas de saúde, condições de vida digna e os códigos culturais.

A partir destes elementos, define-se por situação de risco a exclusão de pessoas, famílias e coletividades das políticas sociais básicas, entre as quais, educação, saúde, habitação, saneamento básico, trabalho e lazer (Costa, 1992). Deste modo, nas regiões periféricas mais pauperizadas pode-se dizer que o jovem pobre esta mais vulnerável a diversos tipos de risco, entre outros, a violência, presenciada de forma acentuada entre os mais pobres, vítimas da pobreza, da impunidade do sistema jurídico e do narcotráfico.

Associados à pobreza, outros fatores como as mudanças provocadas pelo momento de transição entre a adolescência e a vida adulta

contribuem para potencializar uma maior suscetibilidade do jovem a diversos tipos de risco.

Os jovens são naturalmente vulneráveis pelas características que são intrínsecas à idade. Entre elas estão: mudanças físicas, período considerado intenso pelos desafios, descobertas e oportunidades que se apresentam, conflito diante da construção da identidade (descobrir quem é, o que quer ser e encontrar o seu lugar no mundo), momento de transitoriedade, marcado pelo fato de não se ser mais criança, mas ainda não ser adulto; sentimento de invulnerabilidade perante à morte.

É importante, no entanto observar que tais características assumem diferentes configurações quando contrastadas com as condições sociais, econômicas e culturais vivenciadas pelos jovens. Estas condições são determinadas em certa medida pelo ambiente no qual vivem, pelo acesso a políticas públicas de lazer, a educação, a projetos sócio-educativos, a valores religiosos e familiares socializados, pela condição econômica de seus responsáveis e pelo contexto social que permite ao jovem uma maior ou menor suscetibilidade aos riscos, entre eles, o risco da violência

2.3 JOVENS E VIOLÊNCIA

A palavra violência vem do latim 'violentia', que significa violência, caráter bravo, força. Encontra-se assim na origem do termo a idéia de uma força ou potência natural que, quando exercida excessivamente contra alguma coisa ou alguém, torna o caráter violento. (Michaud, 1989)

Visando uma dimensão mais ampla do conceito de violência, de forma a não considerar somente o ato em si, mas também a situação que o condiciona, Arblaster (1996:803) considera que:

Se a violência não envolve necessariamente uma agressão física no confronto direto de algumas pessoas com outras, então a distinção entre violência e formas coercitivas de infligir danos, dor e morte fica enevoada. Uma política que deliberada ou conscientemente conduz a morte de pessoas pela fome ou doença pode ser qualificada de violenta. Essa é uma razão porque slogans como 'pobreza é violência' ou 'exploração é violência' não constituem meras hipérboles.

Neste sentido, entende-se por violência uma situação em que um ou vários indivíduos agem de maneira direta ou indireta, causando danos a uma ou várias pessoas em níveis variados, seja em sua integridade física, moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (Michaud, 1989)

É importante ressaltar, entretanto, que não existe um consenso quanto à percepção do que seja a violência, uma vez que esta é multideterminada a partir das significações, das normas e de contextos sociais, variáveis de acordo com diferentes momentos históricos.

A partir dos anos 50, assiste-se a um aumento do crescimento urbano, apontando para uma tendência à formação das periferias (Durham, 1986). Considerável parcela da população formada por trabalhadores com baixos salários e por desempregados passa a habitar áreas periféricas, formadas por bairros distantes, mais pobres, menos servidos por transportes e serviços públicos. Origina-se assim uma população local segregada pela distância, pela precariedade das condições de moradia, pelo desemprego e pelo baixo rendimento financeiro. Juntamente à configuração urbana desigual, a população sofre com as mudanças em seu cotidiano cultural. Segundo Zaluar (1997), os modos de sociabilidade que se formavam com a realização de torneios, concursos e festas, envolvendo bairros e grupos populacionais rivais deram lugar a outras formas de sociabilidade entre os jovens, que passam a se organizarem em grupos com suas normas e códigos particulares. Ao desvincular-se da tradição, os rituais tornam-se pulverizados e apresentam-se aos jovens apenas como 'ilhas de segurança', capazes de renovar apenas em parte e de forma muito limitada as incertezas, ansiedades e agressividades próprias a sua fase de vida. (Jeolás, 1999)

O mercado capitalista não tardou em se apropriar do conflito gerado pelas mudanças de costumes para alcançar entre os jovens um público fiel consumidor. A partir dos anos 80, surgem no Brasil diversas manifestações culturais associadas aos jovens, que se baseiam em grande parte aos valores colocados pelo mercado de consumo (Abramo, 1994). Ainda segundo a autora, diferentes estilos de grupos de jovens surgem no cenário contemporâneo, como os 'punks', 'rappers', 'funkeiros', 'metaleiros', 'skatistas', que passam a ocupar o espaço urbano com seus estilos de músicas, roupas e acessórios. Diante desta realidade o jovem sente-se limitado frente à impossibilidade de adquirir os bens que almeja, de satisfazer os desejos criados pelo mercado e apresentados como necessidades de consumo.

Ao analisar este contexto vivenciado pelos jovens nos dias de hoje, Carmo (2001b) afirma que muitos já não têm permanecido numa atitude conformista diante das desigualdades de renda e de lazer em contraste à tamanha ostentação de riqueza num universo simbólico que se faz presente através dos “shoppings centers”, dos padrões de beleza e da mídia, entre outros.

O contraste gritante no Brasil entre a riqueza e sua ostentação e a pobreza suscita maior ressentimento. O menor infrator que rouba uma carteira para comprar um tênis ou comida pode sentir também a sensação de revanche ou de vingança por ter ludibriado um ‘bacana’ tê-lo feito passar de otário. (Carmo,2001b: 18)

Em entrevista a revista “Caros Amigos”, a presidente da Associação de Mães e Amigos (AMAR) dos internos da Fundação do Bem Estar do menor (FEBEM), Conceição Paganele, mãe de um adolescente que esteve internado na instituição por uso de drogas e roubo, compara a contradição entre a pobreza e o desejo de consumo na sua luta em favor dos direitos dos jovens institucionalizados:

As pessoas estão cada vez mais pobres, a cada dia mais miseráveis, a questão do salário e os sonhos de um carro, os jovens de ter uma moto, um tênis, de ter uma roupa legal para chamar a atenção das meninas, essa questão é muito complicada porque estamos cada vez mais pobres. (Paganele,2002: 36)

Graciane (1997), ao investigar grupos de adolescentes com vivência de rua, constata que a violência é vista como possibilidade de demonstração de força e/ou agressividade e de conquista de visibilidade e reconhecimento dentro da sociedade por jovens que se vêem como seres inferiores ou deslocados da sociedade. A discriminação entre os jovens pobres se faz presente no imaginário daqueles que em uma associação preconceituosa entre pobreza e criminalidade, os chama de “pivetes” e “trombadinha”.

Os jovens estão em interação com a sociedade que os cerca. Sofrem um processo de rotulação no qual são desvalorizados e vistos como perigosos. Moram em bairros pobres [...] são vistos com desconfiança, como ameaça real ou potencial. Sua linguagem, sua roupa, seu comportamento os distinguem. (Lima, 2000: 122)

Organizados em grupos, os jovens elegem o espaço público como sendo o lugar para expressar sua revolta diante do seu grau de pobreza, miséria, fome, nudez, abandono, estigma, desproteção política e sofrimento pela privação do acesso aos seus direitos. Travam embates com a polícia, com a sociedade civil, como forma de quebrar as normas sociais, manifestando assim o seu inconformismo. (Graciane, 1997)

Os jovens não são só segregados por grande parte da população em geral, mas também, em certa medida, pelas políticas de proteção do Estado, destinadas a suprir as necessidades deles para que tenham um desenvolvimento saudável diante da impossibilidade da família em fazê-lo. São elas: os direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à alimentação, a profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, lei 8.069/90- Art.4º)

As formas de agressividade de alguns jovens frente às condições de segregação social a qual foi relegado se manifestam ainda por meio de sua incursão em quadrilhas de tráfico de drogas. Antes de prosseguir com a análise, é preciso ter em mente que as drogas nem sempre estiveram associada à violência. *A história das drogas anterior à economia capitalista é com raras exceções, um aspecto normal da história da cultura, da religião, e da vida cotidiana em toda sociedade: não é a história de um 'problema'.* (Barata, 1994: 39)

Bucher (1996), ao contextualizar sobre a difusão da droga na sociedade ocidental e também no Brasil toma como marco os anos 60, momento de grande expressão do 'movimento hippie'. Entendido a partir de uma reação contracultural, o movimento opunha-se aos estilos de vida padronizados, às pressões familiares, escolares, religiosas e aos apelos consumistas de bens materiais. O uso de drogas no interior deste movimento era bastante disseminado, integrando uma filosofia 'underground' ou alternativa, exercendo um papel integrador, a medida em que propiciava ao grupo a experiência de novas sensações, de vida e da interioridade humana.

Com as mudanças provocadas pela crise econômica e pela introdução de novos valores consumistas nas sociedades ocidentais, o movimento de contracultura acabou se desmantelando, pois de certa forma a procura sossegada de prazeres floridos e de convivência mais harmoniosa acabou

perspassada por um contexto de violência e autodestruição (Bucher, 1992). Ainda segundo o autor, o consumo de drogas que significava um protesto surdo contra as formas de organização da sociedade civil, passa a ser feito como forma de apaziguar os sentimentos de solidão, vazio, angústia e sofrimento diante das frustrações na vida, na família e no trabalho.

Ocorre assim um aumento do consumo de drogas observado nos mais diversos segmentos da sociedade, sejam nas famílias pobres, naquelas de camada média ou ricas.

Após a 'lua de mel' das primeiras descobertas, elas [drogas] levam, dependendo do contexto e da pessoa, a aumentar o vazio, o desespero. O consumo aí tem que adotar um ritmo mais acelerado, entrando em múltiplas misturas com álcool e medicamentos; a delinqüência, a prostituição se alastram para garantir o abastecimento com substâncias que cada vez menos realizam o que prometeram: o sonho de uma vida prazerosa, sem dor e sem limites. (Bucher, 1992:29)

Este fato desencadeia uma reação das autoridades que aponta para a criminalização das consideradas drogas ilícitas⁴. Medidas repressivas foram adotadas como forma de impedir o comércio e o consumo de drogas. Segundo Barata (1994), esta estratégia adotada acabou por produzir diversos efeitos, designados por ele de 'custo social da droga'. Entre os aspectos discutidos pelo autor, destaca-se a questão do aumento do preço da droga de até mil vezes em relação ao preço que estas substâncias teriam no mercado se não fossem proibidas. Este fato gera um acirrado processo de mercantilização, desencadeando formas brutais de violência associadas ao tráfico de drogas. Bucher (1996), ao analisar o uso de drogas a partir de um contexto mundial, afirma que houve aumento contínuo do consumo de entorpecentes relacionado à expansão mercadológica do narcotráfico, que se organiza de acordo com avançadas formas de gerência, política financeira e comercialização. As ramificações do tráfico de drogas, segundo o autor, representam atualmente o terceiro volume de transações comerciais, ficando a sua frente somente os negócios do petróleo e dos armamentos.

⁴ De acordo com a definição do Conselho Nacional de Medicina de Jundiaí, drogas ilícitas são todas aquelas substâncias que têm a sua comercialização proibida, devido ao alto risco de provocarem dependência física e química no organismo humano. (Urahama,2002)

Segundo Procópio (1999), a partir dos anos 70, o Brasil passou a fazer parte da estrutura do tráfico de drogas, apresentando-se como um país de trânsito. Esta característica o diferencia dos países eminentemente produtores ou consumidores, uma vez que possibilita aos grupos atuantes no narcotráfico estabelecerem vínculos que envolvem as duas pontas do processo: produto e consumo.

Mesmo não produzindo a folha ou a pasta para produção da cocaína, o país foi utilizado como 'rota da cocaína' intermediando o comércio das drogas entre países como Colômbia, Peru, Bolívia e os países da América do Norte e Europa. Este fato propiciou aos grupos envolvidos com a venda da droga estabelecerem vínculos com os grandes cartéis internacionais e com redes de corrupção que fomentaram o narcotráfico no país. Assim, o crime organizado nasce ligado a outras atividades ilícitas como o contrabando e a corrupção de policiais e autoridades judiciais, sem a qual seria impensável tamanha prosperação do narcotráfico no país.

Zaluar (1994 b) analisa este contexto associado à violência decorrente do tráfico de drogas em regiões periféricas do Rio de Janeiro. Segundo a autora, o acesso facilitado a armas de fogo e a existência de policiais coniventes com a criminalidade, contribuem para o aumento da violência, uma vez que as *próprias instituições encarregadas de manter a lei tornam-se implicadas com o crime organizado. Sem isso, não seria possível explicar a facilidade com que as armas e drogas chegam até as favelas e bairros populares do Rio de Janeiro. (Zaluar, 1996:77)*

De acordo com dados publicados pela revista IstoÉ de 16/7/03, seis em cada dez homicídios são cometidos com armas de fogo no Brasil, o que aponta para um descontrole da entrada de armamentos no país. Para cada cinco milhões de armas registradas, há de três a quatro milhões de armas ilegais. Ainda segundo dados da revista, estimativas da polícia civil revela que só nas favelas do Rio de Janeiro existam cerca de 60 mil armas de fogo, a maior parte sob o poder do crime organizado.

Os subornos fiscais facilitam ainda o transporte da droga, que circula com maior facilidade pelas rodovias do país. Segundo Procópio (1999), o volume de droga confiscada corresponde a menos de 10% do volume traficado, sendo que na prática este montante não ultrapassa 1%.

Formada em sua maioria por jovens com menos de 20 anos, as quadrilhas envolvidas com o crime organizado, principalmente aquelas que atuam em grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro têm acesso a sofisticados armamentos como metralhadoras e fuzis, como o M-16 utilizado pelos Estados Unidos na Guerra do Golfo. Roubos a carros fortes, aviões e agências de banco são também ações comuns planejadas pelas quadrilhas no sentido de mostrar o seu poder de ação. (Procópio, 1999)

Desenvolveu-se no país uma estrutura de operação do narcotráfico incomparável com a que se faz presente nos países eminentemente produtores, pois aqui a estratégia utilizada é quase de uma guerrilha urbana. *Seus agentes são ágeis, violentíssimos, leais ao crime, eficientemente operativos, competentes e com notável poder de penetração no aparato policial, jurídico e político* (Procópio, 1999:73). Ao referir-se a violência que se faz presente em meio ao crime organizado, o autor coloca ainda: *No bando reina a ordem e a disciplina. Não existem castigos. Quem infringe as regras rígidas existentes nesse submundo da contravenção paga com a própria vida.* (p.72)

Ao analisar as manifestações da violência entre os jovens na favela “Cidade de Deus” no Rio de Janeiro, Zaluar (1994 b) relaciona-as com a influência do tráfico de drogas entre jovens carentes, por ser considerado uma forma rápida e fácil de ganhar dinheiro, perigosa e cheia de aventura, que se contrasta com a pobreza, o desemprego, o trabalho árduo e mal remunerado de seus pais. Nas palavras da autora:

Os mais destemidos e, às vezes os mais talentosos que viram frustradas as suas possibilidades de sair daquela vida opressiva de pobre, são os candidatos mais certos à última opção que lhes trará fama, poder, dinheiro fácil e morte na certa. (Zaluar, 1994b:10)

Ainda segundo a autora, a entrada dos jovens para a criminalidade ocorre aos 10 anos de idade e termina aos 25, quando acabam mortos por policiais ou por membros das quadrilhas rivais. Muitos iniciam sua passagem pelo tráfico como ‘olheiros’ (observadores), ‘aviões’ (entregadores de droga), ‘vapores’ (vendedores) até se tornarem chefes de quadrilhas. O critério para subir de cargo está na disposição que cada um tem para matar, prevalecendo o que Zaluar

(1994b:146) chama de *ethos da masculinidade*, de modo que a disposição para matar representa um dos símbolos da virilidade masculina diante da difícil transição para o mundo adulto. Assim a arma na cintura torna-se fetiche do bandido⁵, que ganha fama, respeito e prestígio no local onde mora. Desta forma, os jovens pobres e excluídos adquirem o passaporte para a integração social e conquista de respeito de todos. Almejam dinheiro no bolso, roupas caras e mulheres.

Segundo a autora, outra forma de ingresso dos jovens no crime organizado ocorre com o uso de drogas. Ao contraírem dívidas com os traficantes, muitos jovens são levados a roubar e, em determinados casos, até a matar aqueles que os ameaçam de morte caso não paguem a dívida. Em outros casos, tornam-se membros de quadrilhas como meio de saldar o que devem ao traficante.

Pesquisas recentes têm apontado para um aumento do consumo de drogas envolvendo a população jovem. Dados publicados pela revista *Época* em 15/6/1998 com base em pesquisa realizada pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), mostram que 24% dos jovens de escolas públicas já usaram algum tipo de droga ilícita. Nesta mesma reportagem, dados do governo federal apontam que aproximadamente 20 mil brasileiros morrem a cada ano devido ao uso de drogas ou crimes que se associam ao narcotráfico.

Em Londrina, pesquisas realizadas por Paulilo; Jeolás e equipe (2000) com adolescentes atendidos por instituições e/ou programas sociais públicos da cidade mostraram que a idade em que a droga foi utilizada pela primeira vez varia de 12 a 14 anos (25,64%) seguida da faixa de 14 a 16 (14,74%). Ainda segundo a autora, a primeira droga utilizada em ordem crescente varia da seguinte forma: álcool 81,1%, maconha 60,3%, cocaína 50,9%, cola/tinner 39,6%, crack 33,9%, ecstasy 11,3% e anfetaminas 9,4%.

A vulnerabilidade ao uso de drogas entre os jovens envolve em grande parte aqueles jovens pertencentes aos segmentos mais pobres da sociedade. Para Zaluar (1994c), a pobreza aliada à falta de perspectivas de uma vida melhor no futuro esta entre os principais motivos para a ocorrência deste fato.

⁵ Ao estudar a participação dos jovens nas quadrilhas de tráfico de drogas em "Cidade de Deus" no Rio de Janeiro, Zaluar (1994 b) coloca que na comunidade a figura do bandido se distingue através da arma de fogo que carrega na cintura .

É nesse contexto socioeconômico mais amplo que o consumo de drogas tem crescido grandemente entre as parcelas mais pobres da população no Brasil, as mais afetadas pelas falhas da escola e do mercado de trabalho em lhes dar esperanças e projetos para o futuro. (Zaluar, 1994c:11)

A organização do tráfico de drogas é analisada por Zaluar (1994b) como sendo semelhante a de uma empresa, com normas e regras próprias que são rigidamente colocadas pelo chefe a seus subordinados, os 'teleguiados'. Assim, a pequena parcela de jovens que terminam como membros das quadrilhas de tráfico de drogas ficam à mercê das rigorosas regras que proíbem a traição e a evasão de quaisquer recursos financeiros, por mínimos que sejam.

Ainda segundo a autora, as quadrilhas envolvidas com o crime organizado delimitam espaços públicos que passam a ser parte do território por elas comandados; roubam, matam e estupram, principalmente as mais jovens, num movimento de banalização da violência.

Através do domínio exercido pelo poder da arma de fogo, o crime organizado torna-se um poder paralelo, que se sobrepõem ao Estado.

Por deterem meios de coerção física poderosos, ou seja, as armas de fogo, e por enriquecerem, os bandidos acabam uma força política e montando um sistema de poder local. Muitos de seus métodos se assemelham ao Estado moderno: o poder está baseado em última instância na capacidade de fogo de suas armas. (Zaluar, 1994b:32)

A violência se faz presente também através dos altos índices de homicídios que vitimizam os jovens. De acordo com Adorno (1998), houve nos anos 80 um aumento da violência criminal no Brasil associado ao tráfico de drogas em curtos espaços de tempo, apresentando como principais vítimas os jovens do sexo masculino, em sua maioria moradores de regiões periféricas das grandes metrópoles do país. Para cada 100 mil habitantes do Brasil, são assassinadas uma média de 7,73 crianças e adolescentes, cujas principais vítimas (80%) se concentram na faixa de 15 a 17 anos, segundo o autor, estes dados mostram de forma impressionante que ser jovem no Brasil é ser possivelmente uma vítima da violência. Jorge (1998), com base em dados do Ministério da Saúde, analisa as mortes por 'causas externas', entre elas: acidentes, suicídios e homicídios, como a segunda maior

causa de óbitos na população brasileira, abaixo apenas das doenças do aparelho circulatório.

Segundo Procópio (1999), atualmente, o tráfico de drogas não se concentra somente nas grandes metrópoles como nas décadas de 70 e 80. Nos dias de hoje, vive-se um processo de interiorização das drogas que se estendem para cidades pequenas e medias. Este fato explica a predominância de altas taxas de violência associada aos homicídios, envolvendo em larga escala os jovens residentes em regiões periféricas de cidades de pequeno e médio porte, como é o caso do município de Londrina, que apresenta altas estatísticas de violência ligadas ao crime organizado, envolvendo a população jovem.

Segundo dados apurados pelo Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Infrator (Ciaadi) junto ao Instituto Médico Legal (IML), em 2003, do total de 72 mortes ocorridas no município, 47 são de assassinatos de jovens entre 12 e 21 anos de idade. Destas ocorrências, 90% se relacionam ao crime organizado, que se faz presente principalmente nas periferias do município (www.andi.gov.br-3/7/03). Estes dados refletem a vulnerabilidade dos jovens que residem em áreas comandadas pelo tráfico de drogas em Londrina.

Aliado à violência ligada ao tráfico de drogas, muitos jovens se deparam ainda no contexto em que vivem com situações particulares de violência determinadas pela precariedade das condições de sobrevivência, decorrentes da condição de extrema pobreza. Situação esta que se prolifera e se agrava com as transformações trazidas com o progresso urbano-tecnológico no município de Londrina, a ser discutido no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

3 URBANIZAÇÃO: PROGRESSO, POBREZA E VIOLÊNCIA

3.1 LONDRINA: UM BREVE RECONHECIMENTO

Situada ao Norte do Estado do Paraná, a cidade de Londrina se originou em 1929, em consequência de um processo de colonização promovido pela empresa inglesa Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), que ao adquirir terras do governo do Estado do Paraná, na região, onde hoje se situa o município⁶, promoveu a sua divisão em pequenos lotes para a venda. (Neto, 1993)

Ainda segundo o autor, o plano de colonização promovido pela CTNP seguia a idéia de um empreendimento mobiliário, que previa desde a repartição dos lotes rurais e urbanos, ao planejamento urbanístico da cidade.

Atraídos pelas propagandas divulgadas pela CTNP vinculadas à idéia de progresso associado à fertilidade do solo, à possibilidade de uma vida melhor através da posse de terras e de acumulação de riqueza, estrangeiros e migrantes de diversas áreas do país (São Paulo, Minas Gerais e nordeste, principalmente) ocuparam a região. Muitos se estabeleceram como grandes ou pequenos proprietários de terra, enquanto outros tornaram-se meeiros (produtores rurais parceiros do proprietário da terra) e empregados no meio rural.

A promessa do enriquecimento com o plantio do café, nas terras mais produtivas do Brasil, trouxe à região grandes proprietários de terras, mineiros e paulistas, que para cá transferiram seus empregados com experiência no cultivo do café. Atraiu, ainda, antigos colonos das grandes fazendas de café, geralmente imigrantes e estrangeiros, que economizaram durante décadas e juntaram um montante suficiente de dinheiro a fim de adquirir um pequeno lote de terras. Chegaram ainda estrangeiros, comerciantes à procura de mercados mais promissores e imigrantes estrangeiros de várias partes do mundo em busca de um recomeço de vida, com investimentos nas terras férteis do norte do Paraná. (Alves,2002:32)

⁶ Londrina tornou-se município pelo decreto estadual nº 2.519 em 3 de dezembro de 1934 (ALVES, 2002).

A partir dos anos 30, Londrina passou a ser identificada pela produção do café. Nas palavras de Neto (1993:15), tornou-se *O Eldorado Cafeeiro*. O cultivo do café era a principal atividade econômica na época. A propriedade rural representava a unidade familiar, local de moradia e trabalho onde todos os membros de uma mesma família se empenhavam na plantação, no cultivo e na colheita do café. A vivência na zona rural era sinônimo de abrigo e de convivência comunitária entre pessoas que compartilhavam relações de amizade, vizinhança e matrimônio. *A terra era o signo que condensava na imaginação dos imigrantes, o espaço de trabalho e de moradia. Era fonte de renda e, porque não, de vida.* (Lima, 2000:92)

Nos anos 50, este quadro sofreu importantes modificações provocadas pela intensificação do processo industrial e pelo desencadeamento do êxodo rural. Segundo Alves (2002), grande parcela da mão-de-obra humana foi substituída por máquinas; muitos pequenos proprietários de terra não conseguiram acompanhar tal desenvolvimento tecnológico e, diante das dificuldades de comercializar seus produtos, foram levados a venderem suas terras aos grandes proprietários e migrarem para a periferia de Londrina.

Juntamente a estes dois fatos, as fortes geadas consecutivas que atingiram a região implicaram na substituição da cultura do café por outras como a soja e o trigo. O processo de mecanização agrícola provocou um excedente de mão-de-obra no campo e um movimento de migração campo-cidade. *A partir de 1948, a [...] população rural passa a decrescer e, na década de 50, equiparou-se à população rural a urbana.* (Alves, 2002:77)

O desenvolvimento econômico e o aumento da população urbana tiveram como conseqüências o crescimento acelerado da cidade concomitante ao aprofundamento das desigualdades sociais. Segundo Adum (1991), o espaço foi ocupado de maneira desordenada, sem qualquer critério estabelecido, técnicas ou planos, o que ocasionou um crescimento urbano para além da malha viária existente. Houve um transbordamento dos limites traçados inicialmente pela CTNP e o crescimento do sítio urbano não foi acompanhado pela presença de equipamentos de consumo coletivo, como moradia, infra-estrutura e emprego, que permitissem que a força de trabalho disposta nestes novos espaços fosse atendida.

Segundo análise de Neto (1993), houve uma desestabilização do sítio urbano provocado pela proliferação dos loteamentos, do crescimento vertical e das residências de luxo que se erguiam em contraste com os casebres da população

de baixa renda. Os equipamentos urbanos como fornecimento de água, energia elétrica, transporte, telefonia e correios tornaram-se insuficientes frente ao aumento populacional.

Lima (2000), ao referir-se às transformações trazidas com o progresso urbano, aponta que as gerações que viveram um passado associado à vida na terra, símbolo de trabalho e moradia eram capazes de transmitir às gerações futuras antigos valores associados ao trabalho honesto, ao valor do cultivo da terra e à socialização familiar e comunitária. Porém as condições do cenário atual enfraqueceram os vínculos tradicionais associados à terra, à família e ao trabalho, expondo seus descendentes à busca de prestígio e poder através das brigas envolvendo grupos ou turmas de jovens e à obtenção de dinheiro fácil, geralmente adquirido com o comércio de drogas ilícitas. A demarcação de território já não depende da compra pelo dinheiro, mas da apropriação através da ação de grupos ligados ao crime organizado que dominam espaços públicos pelo poder da arma de fogo.

Ocorre também um significativo acirramento das desigualdades sociais, da marginalidade e da violência. Nas palavras de Lima (2000: 109), há uma *situação de desorientação que abre campo ao fatalismo, ao saudosismo e à violência*.

Com o fim do ciclo do café na década de 70, tendo como uma das principais causas períodos de fortes geadas na região, o município tornou-se alvo de um acirrado processo migratório de pequenos agricultores e empregados da área rural que vinham para o município em busca de trabalho estável e remunerado (Lima, 2000). No entanto, os índices de desenvolvimento industrial não corresponderam ao aumento do poder aquisitivo das classes populares, que se deparavam com o desemprego e com a precarização das condições de sobrevivência.

Segundo Neto (1993:296), as mudanças que ocorreram no cenário urbano londrinense nos anos 70, tiveram como uma das principais causas:

A expulsão da mão-de-obra do campo decorrente, de um lado, da crise da cafeicultura e da implantação de culturas que se beneficiaram com a crescente mecanização da agricultura ao longo dos anos sessenta e, por outro, de uma violenta concentração da propriedade rural, provocou um êxodo rural sem precedentes [...] o processo de favelização iniciado nos anos 60 se acentua.

Assim, muitas famílias vindas do campo passaram a ocupar espaços urbanos periféricos, situados em áreas distantes do centro da cidade, onde prevaleciam a pobreza, a precariedade de recursos e infra-estrutura, conferindo a seus habitantes condições de vida muito semelhantes associadas a segregação social e a precariedade de serviços públicos. (Santos, 2001)

Na década de 80, segundo Lolis (1993), ocorreu um acirramento do processo de ocupação dos terrenos na periferia, apresentando como principal consequência o aumento do desemprego. De acordo com a autora, a maioria da população que residia nas regiões periféricas era formada por migrantes, que viviam na zona rural até 1982. No ano seguinte, os habitantes das periferias passaram a ser, em sua maioria, pessoas que pagavam aluguel ou prestações de moradias populares.

De acordo com pesquisa realizada por Ferreira (1999), em 1983, foram localizadas 7.500 pessoas residindo em moradias precárias em áreas periféricas no município de Londrina. Dez anos depois, esta população é de aproximadamente 20.000 pessoas, o que significa que houve um crescimento de mais de 180% .

Os dados referentes ao Mapa da Pobreza do Estado do Paraná/1997 citado no Plano Plurianual de Assistência do município de Londrina indicam que aproximadamente 160.354 pessoas vivem em situação de pobreza na cidade. Em geral, estas pessoas ocupam áreas periféricas do município como favelas⁷, assentamentos⁸ e encontram-se excluídas das políticas básicas de trabalho, saúde, habitação e lazer. Londrina, o antigo *Eldorado Cafeeiro*, transformase em metrópole. No entanto, paralelo ao progresso urbano, percebe-se um crescente aumento da pobreza, que atinge em grande parte a população de origem rural, que migrou para a cidade em busca da sobrevivência através do trabalho remunerado e condições de vida digna. Para estas pessoas, a promessa de uma vida melhor através da posse da terra não se concretizou.

Na periferia, muitas famílias passaram a conviver com situações precárias de sobrevivência, relacionadas à pobreza, à carência de serviços públicos

⁷ De acordo com O Plano Estratégico Municipal para Assentamentos Subnormais-PEMAS (2000) favelas são núcleos de gênese espontânea, inicialmente desordenado, consequência de invasão organizada ou ocupação desordenada em área pública ou privada.

⁸ Assentamentos constituem núcleo de gênese planejada pela administração pública em área cuja demanda, em geral, é formada por invasão na própria área ou em outra (PEMAS,2000).

e à violência. Este contexto pode ser equiparado ao assentamento aqui estudado, onde foi encontrado um dos maiores índices de criminalidade do município de Londrina, o que contribui para uma maior vulnerabilidade ao risco da violência entre os jovens.

3.2 O ASSENTAMENTO EM ESTUDO

Localizado na região urbana de Londrina, o assentamento em estudo é parte de um processo de invasão de terra para fins de moradia iniciado em 1995. Esta foi a solução encontrada por muitas famílias para baratear o custo de vida diante do agravamento da pobreza determinado em larga escala pelo desemprego e baixos salários que atingiram a classe trabalhadora.

De acordo com dados levantados pela Cohab (2002) para o programa de urbanização federal Habitar Brasil, vivem no assentamento cerca de 633 famílias, que somam um total de 2.303 pessoas. Destas, 391 têm idade entre 0 e 5 anos, 805 entre 6 e 14 anos, 184 entre 15 e 18 anos, 757 entre 19 e 40 anos e 167 entre 41 e 65 anos (Cohab, 2002). Dados que apontam para um grande contingente de jovens no local. Estes jovens, em sua maioria, pertencem a famílias pobres, com renda de até 3 salários mínimos (Cohab, 2002). Entre as ocupações mais comuns à população encontra-se a de pedreiro, empregada doméstica e diarista. De acordo com dados levantados pela Cohab (2002), cerca de 22,7% da população trabalha como autônoma, 11, 87% estão desempregados e apenas 8,24% são assalariados com vínculo empregatício. Outros 2,6% são aposentados e pensionistas.

A região de abrangência do assentamento conta com três escolas públicas. Uma municipal, voltada ao ensino fundamental de 1ª a 4ª série e supletivo noturno; e duas estaduais, sendo que uma oferece ensino fundamental completo, e outra atende estudantes da 5ª série fundamental à 3ª série do ensino médio.

Não há arborização ou espaços para lazer no assentamento. De acordo com Lima (2000), em pesquisa realizada na região que abrange a área estudada, uma reserva de cerca de 5 alqueires constitui um dos poucos espaços arborizados e é dividido por grupos de usuários de drogas, famílias e crianças em

busca de lazer. Construções feitas em geral com material reaproveitado, como madeira, blocos de alvenaria, plástico ou papelão tomam conta de todo espaço. O comércio também é bastante restrito, com destaque para o número de bares existentes no local: um total de 7 estabelecimentos.

As ruas não são pavimentadas, a maioria delas encontra-se em processo erosivo provocado pelo excesso de chuvas e ausência de infra-estrutura como galerias pluviais, asfalto e arborização, além da falta de conservação das vias urbanas pelo poder público.

Devido às condições insalubres, a população residente no assentamento está mais vulnerável às doenças. De acordo com pesquisa feita pela Cohab (2002) junto a Unidade Saúde da Família local, os casos anti-rábicos constituíram a maior demanda nos atendimentos a população em 2002. Este fato foi atribuído ao grande número de animais nas ruas e quintais. Doenças como parasitoses intestinais e infecções respiratórias são também bastante freqüentes devido à falta de asfalto e esgotamento sanitário.

Ainda segundo a Cohab (2002) em pesquisa realizada junto a Unidade Saúde da Família local (2003), as principais causas de morte na região de abrangência do assentamento foram em primeiro lugar associadas ao aparelho circulatório (13 mortes), apresentando como principais vítimas os idosos. A neoplasia (tumores) (9 mortes) e as causas externas relacionadas aos homicídios (9 mortes) ocupam o segundo lugar como as principais causas de morte na região. No município, as principais causas de morte são, em geral, associadas à incidência de acidentes de trânsito, enquanto na região onde se localiza o assentamento estão mais freqüentemente ligadas à incidência de homicídios.

Em meio ao cenário de desemprego, pobreza e precárias condições de vida, a população da região convive com diversas formas de violência. Fazem parte do cotidiano destas pessoas a presença de jovens ociosos perambulando armados pelas ruas do assentamento, crianças, adolescentes e mulheres violentadas; homens e mulheres alcoolizados. Furtos, roubos e mortes também são comuns no local.

3.2.1 DADOS SOBRE VIOLÊNCIA

Alguns dados levantados junto ao 3º Distrito Policial, Delegacia da Mulher, Unidade Saúde da Família local, Conselho Tutelar e Instituto Médico Legal-IML, apontam a região que abrange o assentamento em estudo, como uma das mais violentas do município de Londrina. De acordo com registros feitos pelo 3º Distrito Policial, dos 116 homicídios ocorridos no ano de 2001 em Londrina, 40 ocorreram próximas ao assentamento estudado. (Cohab 2002)

Um levantamento mais detalhado sobre os índices de violência na região foi feito por Lima (2000). Para seu estudo, o pesquisador coletou dados junto ao IML, através dos quais constatou que o índice relativo de violência na região de abrangência do assentamento é superior ao de Londrina. Em 1999, ocorria 1 homicídio para cada 5.000 habitantes. A região foi responsável nesse ano por 8% dos 50 assassinatos na cidade, sendo que 3 deles (6% do total de registros do município e 75% dos da região) ocorreram no assentamento.

Grande parte dos homicídios que lá ocorreram está relacionada ao tráfico de drogas, envolvendo os jovens como vítimas da violência. A Cohab (2002), tendo por base informações publicadas pela Folha de Londrina em 5 de maio de 2002, divulgou dados que relacionam o índice de homicídios com os jovens da cidade. Dos 43 homicídios registrados entre janeiro e maio de 2002 na cidade, 16 vítimas eram menores de 21 anos e 8 tinham entre 22 e 24 anos incompletos. Somando-se os números pode-se dizer que 55% dos homicídios registrados na cidade naquele período tiveram como vítimas jovens com menos de 24 anos.

Em relação à violência praticada contra crianças, adolescentes e mulheres, os índices do assentamento também são altos. De acordo com levantamento feito por Lima (2000) junto à Delegacia da Mulher, foram registradas, em 1999, 43 ocorrências de violência contra mulheres na região de abrangência do assentamento em estudo. Desse total, 25 (58% do total) pertenciam ao assentamento. Entre os tipos de violência sofrida pelas mulheres destacam-se: lesão corporal, danos morais e ameaças de morte.

De acordo com pesquisa sobre violência contra crianças e adolescentes realizada por Suguihiro; Barros e equipe junto ao Conselho Tutelar de Londrina foram registrados 545 atendimentos relacionados à violência em 1999.

Agressão física, maus tratos, abandono e situação de pobreza extrema foram as principais ocorrências. 12,7% dos casos ocorreram com moradores da região de abrangência do local estudado, perfazendo um total de 69 registros, dos quais 11 casos são do assentamento. Segundo dados da pesquisa, os atos de violência foram geralmente praticados contra crianças de 0 a 5 anos. Os pais foram apontados como os principais agressores na maioria dos casos. Os policiais militares ficaram em segundo lugar.

O mesmo grupo de pesquisadores realizou ainda, naquele mesmo ano, um levantamento junto ao IML, no qual foi constatado que dos 593 laudos de lesões corporais, ato libidinoso, necropsia e conjunção carnal contra crianças e adolescentes da cidade de Londrina, 53 casos (8,9%) eram advindos da região de abrangência do assentamento. 7 desses casos foram registrados no local em estudo. A pesquisa constatou ainda que, de modo geral, os atos violentos ocorreram no ambiente familiar ou público e as principais vítimas foram crianças e adolescentes do sexo masculino na faixa etária entre 12 e 17 anos.

Os assaltos e pequenos roubos também são bastante comuns no assentamento. Ocorrem desde pequenos roubos domésticos envolvendo roupas do varal, rádios, sapatos até roubos à mão armada às instituições públicas, Organizações Não Governamentais e linhas de ônibus que atendem as localidades próximas ao assentamento. De acordo com Lima (2000), ocorreram três assaltos a ônibus somente no mês de abril de 2000. Na última semana de maio daquele mesmo ano, ocorreram dois roubos de motocicleta e dois furtos ao comércio local.

Tendo em vista os dados acima apresentados e considerando que os jovens são um grupo vulnerável à violência sofrida e praticada, surgiram algumas iniciativas de cunho governamental, não-governamental e de ordem religiosa com o objetivo minimizar a vulnerabilidade ao risco social, entre os quais esta o da violência. São espaços comunitários, programas e projetos desenvolvidos no assentamento que buscam ocupar o tempo ocioso dos jovens, de modo a proporcionar-lhes, desde criança, ambientes de sociabilidade, de valorização da auto-estima e de desenvolvimento de suas potencialidades, visando a preparação dos jovens para um futuro mais digno e cidadão.

3.2.2 JOVENS, ESPAÇOS COMUNITÁRIOS, PROGRAMAS E PROJETOS SOCIAIS

No assentamento, as igrejas evangélicas se destacam pelo número de construções e pela quantidade de adeptos conquistados no local. São dezenas delas espalhadas por todo o assentamento e já se constituem na opção religiosa da maioria da comunidade. Apesar de possuir apenas uma capela, a Igreja Católica também é um movimento de destaque no assentamento, exercendo um grande poder de mobilização junto à comunidade. Segundo Lima (2000), o movimento católico carismático reúne cerca de 200 jovens semanalmente para as suas atividades religiosas.

Participantes desde pequenos nos movimentos religiosos, muitos jovens freqüentam missas, cultos e demais atividades promovidas pelas igrejas. Participam de tardes de louvores, comandam orações, cantam e dançam ao ritmo de músicas religiosas. Nestes espaços, estimula-se a participação, a sociabilidade e o compartilhamento de valores associados à honestidade, paz, justiça e respeito. Internalizados como princípios associados ao poder simbólico religioso, muitos jovens constroem suas identidades baseadas em valores éticos que se contrapõem às diversas práticas de violência.

Lima (2000:134), ao analisar o papel exercido pelas instituições religiosas entre os adolescentes que residem próximos ao assentamento, afirma: *as organizações comunitárias e religiosas exercem um papel determinante na produção e difusão de valores éticos [...] O aparato ético simbólico sustentado no princípio da cooperação, condena a violência.*

Em funcionamento na escola municipal próxima ao assentamento, o projeto Educação Musical Canto Coral “Um Canto em Cada Canto” é voltado para atividades musicais através do canto em grupo, visando oportunizar o acesso ao processo de iniciação musical. Financiado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura⁹, o projeto atende crianças e adolescentes de 8 a 13 anos, matriculados na rede municipal de ensino.

O espaço ocupado por uma ONG se destaca como local de socialização comunitária entre os jovens e a comunidade de maneira geral.

⁹ Programa Municipal de Incentivo a Cultura-PROMIC/ Lei municipal 8.984/2002.

Localizada nas proximidades do assentamento, a organização procura mobilizar crianças e jovens na discussão e na busca de soluções para os problemas que atingem a comunidade, entre eles a violência, considerada uma das questões mais graves que atingem a população local. Neste sentido, o espaço oportuniza aos jovens uma interação de maneira consciente junto aos problemas que os rodeiam, à medida que interagem enquanto sujeitos de mudanças do ambiente em que vivem. Segundo Lima (2000), cerca de 50 adolescentes das regiões próximas freqüentam o espaço.

Atualmente, funciona na ONG uma biblioteca, disponível a toda comunidade. Na instituição encontra-se também em desenvolvimento o projeto “Centro de Documentação e Pesquisa”. Financiado pelo programa Municipal de Incentivo à Cultura, o projeto atende 9 crianças e jovens, visando desenvolver o incentivo à leitura através das oficinas de “Contaçon de História” desenvolvidas por profissionais das áreas de Letras e Biblioteconomia.

A instituição disponibiliza ainda seu espaço para o funcionamento de outros projetos junto à comunidade. No trabalho com os jovens, ganham destaque as atividades desenvolvidas por um programa de atendimento psicológico à cerca de 40 jovens entre 12 e 21 anos e seus familiares. O programa é financiado pelo governo do Estado.

As ações desenvolvidas englobam atividades físicas como dança, yoga, exercícios físicos, alongamento, relaxamento e atendimento psicológico individual e em grupo aos jovens e seus familiares. Através destas atividades, busca-se desenvolver a socialização, a cooperação e a integração familiar, aumentar a capacidade criativa, estabelecer o senso de responsabilidades e limites, resgatar a valorização da auto-estima e favorecer a relação interpessoal.

O programa Rede da Cidadania¹⁰, vinculado a Prefeitura Municipal de Londrina e desenvolvido pela Secretaria de Cultura em diversas regiões do município, tem-se constituído em uma importante iniciativa no trabalho com os jovens do assentamento e demais regiões próximas, a medida em que busca o resgate da cidadania através da democratização do acesso à cultura. É entendido como um programa estratégico que visa articular vários projetos, a partir de uma perspectiva sócio-cultural, tendo como centro de atenção às pessoas vistas no

¹⁰ Programa Rede da Cidadania (2002)

presente, como seres integrais a serem beneficiados por políticas públicas integradas de saúde, educação, renda e lazer. (Lacerda, 2002)

Entre os projetos desenvolvidos, destaca-se o projeto Oficinas Rede da Cidadania. Trata-se de oficinas de Capoeira Expressiva, Hip-Hop e Percussão realizadas com jovens residentes nas regiões próximas ao assentamento. Para o desenvolvimento das suas atividades, o projeto utiliza espaços cedidos por ONGs e escolas públicas. O projeto atende cerca de 60 crianças e adolescentes.

No trabalho com os jovens, as oficinas buscam o aprendizado do manuseio de instrumentos musicais, práticas de capoeira e dança de rua. Busca-se também garantir o acesso a atividades lúdicas de lazer e de entretenimento, fazendo com que estes jovens tenham a oportunidade de participar de atividades de socialização e de assumir compromissos com estas atividades, dando-lhes a perspectivas de um futuro melhor.

Outro projeto dentro do programa Rede da Cidadania é o Viva a Vida. Desenvolvido em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social, este projeto tem como objetivo principal atender crianças e adolescentes de 7 a 14 anos em situação de risco social, inclusive no tocante à violência. As ações desenvolvidas envolvem atividades de arte, lazer e educação, garantindo-lhes a ocupação do tempo ocioso e a esperança de uma vida mais digna frente à pobreza e à violência. São atendidas pelo projeto em torno de 60 crianças e adolescentes.

Vale ressaltar que o projeto Viva a Vida é composto por 14 unidades. Sendo 2 delas voltadas para o ensino profissionalizante de jovens entre 14 e 18 anos, e 12 para o atendimento de crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos que se encontram em situação de risco social. Para fins deste estudo, será destacada uma das unidades deste projeto, localizada próxima ao assentamento aqui estudado.

3.2.3 PROJETO VIVA A VIDA

O projeto Viva a Vida é vinculado à Prefeitura Municipal de Londrina e é gerenciado em parceria com organizações governamentais e não-governamentais. Caracteriza-se como um projeto sócio-educativo, voltado para o

atendimento de crianças e adolescentes em situação de risco social. Suas ações enfatizam a promoção da educação para a cidadania através de atividades artístico-culturais, que se traduzem em um esforço concentrado pela *socialização de experiências de produção em movimentação e enriquecimento da perspectiva de vida, contrapondo o cotidiano empobrecido, às ilusões compensatórias e a contemplação passiva que estão na base da indústria cultural*¹¹¹².

É importante ressaltar que, a atual configuração do projeto Viva a Vida consiste em uma reestruturação do projeto Núcleo de Convivência, desenvolvido no município desde 1997. Iniciado em Março de 2002, o projeto Viva a Vida é gerenciado pela Secretaria Municipal de Assistência Social em parceria com a Secretaria de Cultura e com duas organizações não-governamentais: Programa do Voluntariado Paranaense de Londrina -PROVOPAR-LD¹³ e Associação Projeto Educação do Assalariado Rural Temporário -APEART¹⁴.

Juntas, estas organizações formam um colegiado que se subdivide em operacional e ampliado. A coordenação geral fica a cargo da Secretaria Municipal de Assistência Social. O colegiado operacional é composto por um representante de cada organização parceira. É responsável pelo acompanhamento sistemático das atividades e pelos procedimentos operacionais em cada unidade de funcionamento do projeto Viva a Vida. O ampliado é formado pelo colegiado operacional mais os gestores das organizações envolvidas. São eles: dirigentes das organizações não-governamentais, secretários municipais de assistência social e cultural. Este colegiado tem a função de definir as diretrizes políticas referentes à execução do projeto. O financiamento do projeto segue as deliberações das Conferências Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente e da Assistência Social Municipal que priorizam os recursos para o atendimento voltado ao público infanto-juvenil. (Araripe, 2003)

¹¹ Outra História é Possível: Projeto Viva a Vida (2002).

¹² A denominação do texto acima citado embasou o título deste trabalho.

¹³ PROVOPAR-LD- entidade filantrópica sem fins lucrativos voltada à contribuição junto às entidades sociais e serviços públicos para ações articuladas no enfrentamento à pobreza. Tem como fim a melhoria da qualidade de vida da população usuária dos serviços de assistência social que se encontram em situação de pobreza (PROVOPAR-LD, 2001).

¹⁴ APEART- instituição não-governamental voltada para o trabalho na área de educação popular. Seus atendimentos são voltados para a população do Paraná, excluída e marginalizada do processo educacional formal. A organização atende cerca de 110 municípios do Paraná, atendendo aproximadamente de 34 mil educandos (APEART, 2002)

O objetivo geral do projeto é a diminuição do risco social através do atendimento a crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, que se encontram em situação de vulnerabilidade pessoal e social.

Os objetivos específicos do projeto são:

- a) Enriquecer o universo informacional, cultural e lúdico das crianças e adolescentes atendidos pelas 14 unidades do projeto, por meio de atividades complementares e articuladas entre si, destacando aquelas voltadas ao desenvolvimento da comunicação, da sociabilidade, de habilidades para a vida e de trocas culturais;*
- b) Promover ações que potencializem a sensibilidade, a auto-estima, atitudes críticas e conscientes;*
- c) Contribuir através das diversas linguagens (capoeira expressiva, Hip Hop, Artes Cênicas, música) para o desenvolvimento biopsicosocial da criança e do adolescente;*
- d) Favorecer o equilíbrio emocional, valorizando sentimentos afetivos e cultivando a sensibilidade;*
- e) Incentivar e valorizar outras formas de linguagem como fontes geradoras do desenvolvimento intelectual, emocional e social;*
- f) Auxiliar na formação de valores como cooperação, solidariedade, espírito de equipe, ética e respeito;*
- g) Proporcionar a formação para cidadania de forma descontraída e prazerosa;*
- h) Promover a sociabilidade e a convivência familiar e comunitária, e o acesso a melhores condições de vida, formando público participativo;*
- i) Prestar orientação pedagógica considerando a realidade de periferia urbana e rural;*
- j) Oportunizar o estudo de subsídios críticos que contribuam para a compreensão de mundo e de cultura;*
- k) Desenvolver atividades conjuntas com as instituições, organizações e serviços sociais existentes na comunidade;*
- l) Promover a capacitação continuada do quadro de pessoal;*
- m) Avaliar periodicamente a proposta de trabalho dentro das unidades, visando melhorar o desenvolvimento do projeto.*

Localizado em um conjunto habitacional próximo ao assentamento em estudo, a unidade do projeto Viva a Vida aqui investigada tem capacidade para atender diariamente 60 crianças e adolescentes, em períodos alternados de contra turno escolar. No entanto, atualmente, o projeto é desenvolvido acima de sua capacidade, prestando um total de 71 atendimentos. São 36 crianças e adolescentes que freqüentam a unidade no período matutino e 35 no vespertino.

Para o atendimento a esta demanda, são priorizados os atendimentos a crianças e adolescentes que residem no assentamento e regiões próximas, encaminhados pelas assistentes sociais ou por instituições, entre as quais está o Conselho Tutelar e o projeto municipal de abordagem de rua Sinal Verde. É dada prioridade também para crianças e adolescentes incluídos em projetos sociais como Programa de Erradicação do Trabalho Infantil –PETI– e Bolsa Escola Municipal¹⁵.

A equipe de técnicos do projeto Viva a Vida é formada por 1 coordenador e 1 auxiliar de coordenação, 4 agentes culturais, 1 cozinheira e 1 auxiliar de serviços gerais. Todos os funcionários foram contratados mediante teste seletivo promovido pela prefeitura e ONG's parceiras.

O nível de formação da equipe técnica é diversificado. O coordenador possui o ensino superior completo, dois agentes culturais são estudantes universitários, um possui o segundo grau completo e outro o primeiro grau completo e a auxiliar de coordenação possui o segundo grau completo. A cozinheira e a auxiliar de serviços gerais possuem ensino fundamental incompleto.

A capacitação técnica da equipe é feita periodicamente. Mensalmente, todo o quadro de pessoal participa junto com os demais funcionários das outras unidades do projeto Viva a Vida dos chamados “Encontros de Formação”. É quando ocorrem palestras, debates coletivos e grupos de discussões relacionados ao trabalho junto às crianças e aos adolescentes.

Uma vez por semana, ocorre a reunião de coordenação, em que participam coordenadores e auxiliares de coordenação de todas as unidades do

¹⁵ Estes projetos caracterizam-se pela garantia de uma renda mensal a famílias com renda de até ½ salário mínimo que têm filhos em idade escolar (entre 6 e 15 anos). A contra-partida exigida é de que seja garantida a freqüência dos filhos à escola e a projetos sociais de contra turno escolar. Com isso, pretende-se evitar a permanência de crianças e adolescentes nas ruas e em situação de mendicância e/ou trabalho infantil. (Programa de Erradicação do trabalho Infantil, 2001; Programa Bolsa Escola Municipal, 2001)

projeto Viva a Vida. Nestes encontros, profissionais de diversas áreas como nutrição, psicopedagogia, psicologia e educação oferecem suporte técnico à equipe de coordenação na condução do trabalho nas unidades.

Em cada unidade do projeto, o processo avaliativo ocorre uma vez por semana envolvendo todos os funcionários. Na unidade do projeto Viva a Vida aqui estudada, as reuniões de equipe ocorrem toda sexta-feira. Em uma semana, no período da manhã e, na outra, no período da tarde. Por ocasião desta reunião, as crianças e adolescentes daquele turno são dispensados. É o momento em que os educadores e coordenadores discutem as dificuldades e facilidades na condução das atividades e estratégias do trabalho interno a unidade.

Nestes encontros internos de equipe são determinados temas geradores, que serão discutidos durante o mês e estabelecidos os sub-temas de trabalho da semana. Assim, são tratados assuntos como sexualidade, associado as suas diversas interfaces como aids, gravidez na adolescência e violência sexual. A abordagem dos temas embasa todos os trabalhos junto às crianças e aos adolescentes, de modo que todas as atividades do projeto são direcionadas para atingir os objetivos almejados pelo tema gerador.

Na unidade, estes temas são associados às atividades artístico-culturais: dança, capoeira expressiva, educação física e artes plásticas. São também abordados nas discussões que ocorrem na chamada “Roda da Conversa”, quando os assuntos são relacionados ao cotidiano vivenciado pelas crianças e adolescentes que freqüentam o projeto. É o momento em que eles têm a oportunidade de falarem e serem ouvidos pelos seus colegas e educadores.

As atividades englobam ainda duas refeições diárias (um lanche e uma refeição -almoço ou jantar de acordo com o período freqüentado no projeto), orações religiosas que antecedem as refeições (as orações são feitas pelas crianças ou adolescentes e não fazem apologia a nenhuma religião) e práticas de higiene, como escovação dos dentes e lavagem das mãos. São também realizadas festas comemorativas de aniversário, carnaval, páscoa, festa junina, entre outras.

Articulado ao meio social como um todo, com a comunidade local e com a família, o projeto Viva a Vida aqui em questão busca a criação e ampliação de espaços de lazer, de expressão artístico-cultural e participação comunitária do público infanto-juvenil nas atividades desenvolvidas.

Passeios periódicos a parques temáticos e lugares turísticos são realizados, visando ampliar os espaços de lazer e proporcionar uma maior integração das crianças e adolescentes ao ambiente em que vivem.

Como forma de valorizar o trabalho desenvolvido pelas crianças e adolescentes, por meio do reconhecimento público, realiza-se apresentações artísticas em espaços públicos (calçadão no centro de Londrina, praças e bairros) a fim de que eles possam mostrar o que aprenderam nas aulas de capoeira e dança.

Entre as ações desenvolvidas pelo projeto na comunidade, destacam-se as visitas à população da região local. É quando ocorre a divulgação de informações associadas a temas específicos como dengue, uso de drogas, entre outros. Outra ação desenvolvida é o convite aos moradores do assentamento para participarem das atividades do projeto. Auxílio na fabricação de bonecas e palestras sobre situações ligadas ao cotidiano na região como violência, drogas e socialização comunitária foram algumas ações já realizadas pelos moradores da região junto ao público infanto-juvenil.

As iniciativas buscam ainda a integração com as instituições locais como a Unidade Básica Saúde da Família local, através de encaminhamentos de crianças e adolescentes que necessitam de algum tipo de cuidado médico. Para situações emergenciais envolvendo problemas de saúde, o projeto possui uma cota mensal de quatro encaminhamentos para a UNIMED -instituição médico-hospitalar de cunho particular.

Há ainda integração com uma ONG voltada para o trabalho com reciclagem de lixo. Neste sentido, o projeto trabalha com crianças e adolescentes a importância de separar os lixos recicláveis dos resíduos orgânicos. O material reciclável separado pelas crianças e adolescentes do Viva a Vida é doado para a instituição.

O projeto Viva a Vida realiza junto às famílias eventos voltados para apresentação artístico-culturais. Estas atividades visam a promoção e o estreitamento dos laços familiares entre as crianças e adolescentes e seus pais ou responsáveis. Há também reuniões mensais no projeto com os pais e responsáveis para que possam acompanhar o desempenho dos filhos. Neste espaço, o coordenador do projeto discute coletivamente os problemas e as conquistas na condução das atividades junto às crianças e aos adolescentes. Nas reuniões, ocorrem também momentos de confraternização e socialização entre familiares. Temas específicos

ligados ao relacionamento familiar, como a importância da participação dos pais na educação dos filhos são enfocados através das técnicas de dinâmica de grupo, discussões grupais e Terapia Comunitária. A Terapia Comunitária é trabalhada com os pais ou responsáveis no sentido de fomentar a participação e a integração comunitária das famílias e responsáveis enquanto sujeitos de transformação social.¹⁶ Ocorrem ainda mensalmente festas comemorativas para celebrar os aniversários dos pais ou responsáveis. Questões individuais associadas à indisciplina e ao mau comportamento dos filhos são discutidas com os pais de forma particular.

Casos específicos, como evasão do projeto sem razão estabelecida e comportamento excessivamente violento praticado por crianças e adolescentes, são acompanhados de maneira mais cuidadosa. Visitas domiciliares às famílias cujos filhos estão apresentando problemas são realizadas pelo coordenador da unidade juntamente com a assistente social responsável pela região. Busca-se identificar as causas do problema a partir do contexto em que vivem e assim realizar os encaminhamentos para as soluções possíveis.

O acompanhamento do projeto ao público infanto-juvenil é realizado também em parceria com a rede de educação. Assim, a coordenação do projeto se responsabiliza pelo recolhimento nas escolas dos boletins de notas, monitorando o rendimento escolar das crianças e adolescentes que freqüentam o Viva a Vida, acompanhando de perto as ações da comunidade escolar e dos pais no estímulo ao bom desempenho dos estudantes.

Apesar do empenho da equipe técnica do projeto no desenvolvimento das atividades junto aos educando, pode ser observado que uma das principais dificuldades enfrentadas relaciona-se ao comportamento agressivo dos jovens. Com intuito de abordar este contexto de modo mais aprofundado, foi utilizado como referencial teórico os relatórios de atividades do projeto Viva a Vida referentes aos meses de fevereiro a setembro de 2003. Elaborados pela equipe de coordenação e pelos educadores envolvidos no trabalho junto às crianças e aos adolescentes, estes relatórios consistem em uma importante fonte de pesquisa, a medida em que abrangem registros sistemáticos de dados qualitativos e quantitativos sobre as atividades efetuadas junto ao público infanto-juvenil.

¹⁶ Viva a Vida na Família e na Comunidade (2002).

Ao referir-se a violência na região estudada, uma das educadoras relata as dificuldades enfrentadas no início deste ano, quando o projeto retomou suas atividades após um período de férias:

A convivência nos bairros próximos a unidade [...] é complicada devido à violência crescente. O que obviamente tencionou os relacionamentos familiares. (Relatório de atividades - Projeto Viva a Vida /fevereiro de 2003)

Ainda a respeito da influência da violência no comportamento das crianças e adolescentes atendidos pelo projeto, os educadores refere-se as dificuldades enfrentadas diante da falta de concentração, da agressividades e da resistência dos educandos em realizar as atividades.

A turma de crianças que entraram tem dificuldade de concentração e acabam agitando os outros. Mais com os problemas do bairro (violência e expulsão das famílias, roubos...) a agressividade aumentou muito. (Relatório de atividades-Projeto Viva a Vida /março de 2003)

Algumas crianças apresentam certa resistência a participação nas atividades do projeto e muitas brigas entre os educandos por motivos aparentemente banais são as dificuldades encontradas durante o desenvolvimento dos trabalhos com os educandos. (Relatório de Atividades - Projeto Viva a Vida/maio)

Com o passar dos meses, de acordo com análise dos relatórios de atividade do projeto, foi percebida uma tênue mudança no comportamento dos educandos. Uma das questões apontadas por um dos educadores para esta mudança diz respeito a uma maior integração entre o grupo e o educador. É importante lembrar que no início deste ano uma das educadoras saiu de licença gestante, sendo substituída por outra profissional. Houve também a contratação de um educador para ministrar aulas de educação física. Estas modificações contribuíram para uma certa resistência das crianças e adolescentes em relação à interação junto às atividades do projeto. Na fala deste educador recém chegado a unidade é possível observar este contexto:

A relação entre educador e educando está melhorando a cada dia que passa, eles sentem mais confiança em mim e as conversas estão cada dia mais fáceis. As brigas entre eles e os conflitos nas minhas aulas diminuíram bastante em relação aos primeiros meses do meu trabalho. Isso pode ser uma consequência do melhor relacionamento geral. Quanto à realização das atividades alguns educandos continuam bastante dispersos [...] no dia 6 deste mês os educandos de modo geral estavam impossíveis. (Relatório de Atividades-Projeto Viva a Vida- Junho de 2003)

Apesar dos conflitos terem se amenizado em determinados momentos, de modo geral, ainda estão bastante presente. Na fala desta educadora fica evidente a dificuldade de relacionamento afetivo entre os educandos:

Muitos conflitos ainda continuam acontecendo. Para os educandos, é muito difícil tocar e aceitar o outro. Percebi isto quando tentei fazer algumas dinâmicas em que o toque era bastante utilizado. Acho que isso muitas vezes vem da casa deles, onde o toque, o carinho praticamente não existem na maioria dos casos. (Relatório de Atividades-projeto Viva a Vida/setembro de 2003)

O fato de lidar com adolescentes que desde crianças já freqüentam o projeto e a boa integração da equipe de trabalho foram algumas facilidades citadas pelos educadores no desenvolvimento do trabalho com as crianças e adolescentes que freqüentam o projeto:

[...] o período da tarde esta se desenvolvendo melhor, pois temos um grupo mais amadurecido, com mais tempo de casa. (Relatório de Atividades-projeto Viva a Vida/Julho de 2003)

A equipe de trabalho é muito unida, nos planejamentos deixamos tudo redondo, tiramos as dúvidas e buscamos superar as dificuldades. Desde a cozinheira até os educandos, todos se envolvem e todos se acertam. (Relatório de Atividades Julho de 2003)

Para analisar com maior profundidade os resultados alcançados pela unidade do projeto Viva a Vida, foram estabelecidos eixos temáticos de análise, a fim de verificar as possíveis mudanças que ocorreram no comportamento dos jovens participantes do projeto. Para isso, serão considerados enquanto sujeitos desta pesquisa os jovens e suas mães por serem elas parte integrante do trabalho desenvolvido pelo projeto no sentido de contribuir para a diminuição da vulnerabilidade ao risco da violência entre jovens.

CAPÍTULO III

4 VIOLÊNCIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: UMA REFLEXÃO DOS JOVENS E DE SUAS MÃES

4.1 VIOLÊNCIA: VIVÊNCIA E SIGNIFICADOS

A violência será aqui analisada como construção social sob a ótica dos jovens que freqüentam o projeto Viva a Vida e de suas mães a fim de verificar a vulnerabilidade ao comportamento violento dos jovens. Ao referir-se à noção de violência, é preciso ter em mente que não há necessariamente uma tradução da realidade, mas sim a apreensão deste problema sob um ponto de vista particular, entendido como componente da realidade na qual se vive. Minayo (2002: 163), ao abordar os significados da violência entre jovens, afirma:

A noção de violência construída por um jovem é em parte retirada do que realmente acontece, de sua consciência de classe; de sua posição na sociedade, de suas interações sociais na família, na escola, nos grupos que freqüenta, e das mensagens que recebe da mídia, da sua própria experiência com esse fenômeno e de como a sua subjetividade processa esse conjunto de reações e de estímulos e reage a elas, fazendo sua síntese particular. A consciência dos jovens sobre o fenômeno, portanto, tem o peso das idéias de suas experiências enquanto grupo etário, extrato social, gênero, etnia, frente a fatos que lhes acontecem, dos quais participam, ou dos quais são vítimas ou agressores.

De acordo com as entrevistas realizadas, foi possível constatar que a idéia de violência esta associada de modo amplo à violência física, expressa nos verbos: matar, brigar, agredir e roubar. Relacionados abaixo seguem alguns exemplos expressos em trechos das entrevistas:

Violência é morte. (Jovem/ masc/12 anos-B1)

Violência é morte, é sangue. (Jovem/masc /13 anos-C1)

Violência é roubar, é violentar uma pessoa. É bater, é matar. (Jovem/fem/13 anos-D1)

Violência é latrocínio, que é quando rouba e depois mata, tentativa de homicídio, roubo, furto. (Jovem/masc/13 anos-I1)

Violência é matar, roubar, pra mim é isso. (Mãe/42 anos-H)

Considerando os jovens como vítimas, mas também como atores da violência, este estudo separou para fins de análise, a violência praticada na esfera pública e a violência presente no âmbito privado. Em um primeiro momento, o estudo se volta para a esfera pública, enfocando casos associados a homicídios, por abranger a forma mais expressiva e intensa da violência que envolve os jovens e mães no assentamento estudado.

4.1.2 Violência na Esfera Pública

Homicídio

Em todos os depoimentos coletados, tanto os jovens como suas mães relataram ter presenciado um ou mais assassinatos, ocorridos, em sua maioria, no local onde moram e cujas vítimas, em grande parte, eram pessoas conhecidas, vizinhos, amigos, ou mesmo membros da própria família. Em nenhuma das entrevistas, houve referência aos jovens como autores dos homicídios. É o que demonstram os trechos abaixo:

Eu não tenho pai. Ele morreu no ano passado, mataram ele numa chácara aqui em Londrina e jogaram o corpo dele no rio. Nunca mais ninguém viu. (Jovem/masc/13 anos-D1)

Faz uns 2 anos mataram o meu irmão aqui. (Jovem/masc/13 anos-D1)

*Meu sobrinho chegou e falou: “mãe, eu vou ali conversar com meu colega”. Foi e sentou ali na esquina de baixo, perto de um poste, aí passou dois caras de moto e deu 12 tiros nele! (Mãe/30 anos-K)
Deram tanto tiro no meu irmão que o olho dele saiu até pra fora.
Deram tiro na cabeça, deram facada na perna dele, na barriga dele, deram facada no rosto dele, arrancaram o olho dele com a faca.
Judiaram bastante dele, viu! (Mãe/42 anos-E)*

Eu vi o cara morto lá no chão. Ele era da minha rua, ele morava pra cima da minha casa. (Jovem/masc/13 anos-H1)

Neste bairro é terrível! Eu já vi muita coisa aqui! Eu lembro uma vez do filho da vizinha aqui de frente que levou tiro e morreu. (Mãe/42 anos-C)

Eu tava vindo sozinho do rio, dois caras estavam lá discutindo no bar, aí um saiu correndo e o outro saiu atrás dele. Um tava de cavalo e saiu dando chicotada no outro, aí quando o cara caiu acabaram de matar ele com paulada e tiro. (Jovem/masc/12 anos-B1)

Ele era conhecido meu aqui, ele passava, conversava [...]. Primeiro deram um tiro na perna dele pra ele não correr e depois atiraram na cabeça. (Mãe/39 anos- F)

Na maioria das entrevistas, tanto as mães quanto os filhos disseram que os homicídios constituem a violência mais comum observada no assentamento. No entanto, ao se referir à violência sofrida, um jovem descreve uma situação em que foi vítima de uma tentativa de assassinato. Ao relatar o ocorrido, ele me olha calmamente, levanta a barra da calça e pede para que eu olhe as diversas cicatrizes deixadas por marcas de tiro na sua perna direita:

Olha aqui, isso aqui é marca de tiro de espingarda! Nós [ele e um amigo] fomos numa festa lá na rua de baixo da minha casa, daí outro cara que também foi na festa começou a dar tiro e acertou em mim. Os caras estavam armado e nós só távamos com um revolver e não teve como atirar porque eles tava num monte. Eu saí correndo e eles dando tiro. Acertaram em mim, mas eu continuei correndo [...], aí quando chegamos em casa [...] eu e o meu amigo] fomos parar no hospital. A minha mãe levou a gente no hospital, mas já tinha feito até casquinha no sangue. (Jovem/masc/12 anos- G1)

Os homicídios no assentamento estão em grande parte relacionados ao tráfico de drogas. Quando indagados sobre os motivos das mortes, os jovens se mostram mais abertos, ao associá-los com as drogas e ao nomear os criminosos. As mães, no entanto, se apresentam mais temerosas ao falar sobre as causas das mortes. Os motivos dos homicídios em muitas situações eram ocultados ou comentadas em tom baixo de voz, o que tornava evidente a relação de dominação estabelecida entre a população e o poder exercido pelo crime organizado. Muitas me olhavam desconfiadas e apenas afirmavam:

Nem sei porque mataram, ninguém comenta nada. Senão, morre. (Mãe/36 anos-J)

Ah! Isso [motivo da morte] eu não sei, porque quem sabe não comenta. É perigoso porque aí eles vêm e matam a gente também. (Mãe/43 anos-D)

Mataram o tal de [...] por engano. (Mãe/42 anos-L)

Nem sei porque que mataram! Porque num lugar desses quem viu não pode nem abrir a boca. Tem que ficar quieto. (Mãe/42 anos-L)

Eu fiquei pensando que eles não deviam ter feito isso né! Ele tinha família, não podia ter acontecido isso. Era gente inocente que não tinha nada a ver [...] aqui morre gente inocente sem nem saber o porquê! (Mãe/40 anos-H)

Em outras falas os motivos das mortes, quando relatados nos depoimentos das mães não aparecem associados ao tráfico de drogas:

Foi por causa de mulher [...] ele [filho] rodou e subiu o quarteirão, quando chegou lá na frente a mulher que gostava dele, eles tavam batendo nela lá no bar. Aí eles chamaram ele e ele foi defender ela. Aí já seguraram ele e atiraram. Deram 13 tiros nele [choro]. (Mãe/43 anos-D)

Quando ele [vizinho] tava bêbado ele brigava mesmo com todo mundo, então ninguém sabe se foi alguma discussão de quando ele tava bêbado. (Mãe/39 anos-F)

Mataram um rapazinho lá da escola do meu menino. Foi o outro colega dele que matou. Tudo novinho precisa ver! Foi por causa de namoradinha, porque um tinha largado, aí o outro viu ela beijando a boca de outro. Então foi lá e matou. (Mãe/42 anos-L)

Um dos principais motivos apontados por Adorno (1998) para o aumento da criminalidade diz respeito ao crescimento das mortes resultantes de conflitos nas relações intersubjetivas. Mata-se gratuitamente nos desentendimentos causados por brigas de crianças, pela bola que entra na casa do vizinho ou por ter o vidro quebrado. Nos bares, são conflitos por causa de jogo, de futebol, de mulher ou de uma opinião que se diferencia da maioria. São explosões que muito facilmente acabam em morte.

Outro motivo assinalado pelo autor para o aumento da criminalidade no Brasil se associa ao narcotráfico e suas características de operação. O controle de território, as brigas entre quadrilhas rivais são ações conflitivas que desencadeiam grande número de mortes.

Lima (2000), em seu trabalho de pesquisa na mesma região aqui estudada, encontrou contexto semelhante ao analisado por Zaluar (1994a) em cidade de Deus no Rio de Janeiro¹⁷. De acordo com o autor, as quadrilhas que atuam na região restringem-se a ações apenas na região. O preço demandado pelas drogas mais caras impossibilita jovens pobres de consumi-las, limitando também o poder aquisitivo dos traficantes o que impede as quadrilhas de adquirirem armas mais potentes e de ampliar o seu campo de ação, como a prática de roubos mais rentáveis e a conquista de novos territórios para venda de drogas.

A situação de pobreza na qual vivem, em contraste com os apelos do mercado para o consumo de produtos destinados aos jovens e a “facilidade” com que se obtém dinheiro com o tráfico constituem-se nas principais motivações para a entrada dos jovens no comércio de drogas¹⁸. O dinheiro ganho com o tráfico, apesar de não ser muito, garante prestígio, dinheiro para o consumo de drogas como maconha e cola de sapateiro, comida, roupas, conquista de mulheres, além da autonomia individual. (Lima, 2000)

Segundo Carmo (2001 a), a moda atua como uma carteira de identidade junto aos jovens que buscam referência e auto-afirmação. Assim, a preocupação com a própria imagem assume importância especial nesta fase da vida, principalmente, porque permite aos jovens demonstrarem sinais seguros de pertencer a um determinado grupo e de definir uma identidade.

De acordo com publicação da revista Veja (Especial Jovens-agosto de 2003), as tribos urbanas de jovens que ocupam o espaço urbano nos dias de hoje, são uma espécie de pacote que envolve gosto musical, ídolos, roupas e acessórios diversos. Expressão sem compromisso da preferência momentânea por uma moda ou um artista pop, os estilos adotados oportunizam aos jovens criarem a

¹⁷ Ver pág. 43 e 44 deste trabalho.

¹⁸ Lima (2000), em sua pesquisa sobre jovens na região de abrangência do assentamento estudado, conclui que cerca de 10% dos jovens encontram-se envolvidos com o mercado de drogas ilícitas. Este fato vai ao encontro dos resultados obtidos por Zaluar (1994b) em sua pesquisa na favela Cidade de Deus. Segundo a pesquisadora menos de 1% do total da população na favela em questão acabam se envolvendo com a carreira criminosas.

sua identidade.

Carmo (2001a) analisa que a moda funciona ainda como disfarce das diferenças sociais, a medida em que se pode mentir na linguagem das roupas. Assim, a vestimenta, o tênis, a bermuda, o boné e a camiseta usada são peças essenciais que permitem aos jovens pobres apagarem vestígios da condição social a qual pertencem. A publicidade trata esses produtos como *objetos mágicos que dotam seus proprietários com o dom de encantamento, virilidade e poder sobrenatural*. (Carmo, 2001a: 193)

Esse contexto criado pelo mercado, no sentido de incentivar o jovem ao consumo, contrasta com as dificuldades de sobrevivência de muitas famílias pobres, como as que compõem o universo deste estudo. Suas rendas, em muitos casos proveniente de pequenos bicos e/ou programas sociais de renda mínima, garantem de forma muito precária a sobrevivência física. Não possibilita, assim, a satisfação das necessidades sociais, consideradas freqüentemente como a falta de algo, a preferência por determinado bem ou serviço em relação a outro, o desejo de quem psicologicamente se sente carente de alguma coisa, a compulsão por determinado tipo de consumo, a demanda como procura por satisfação econômica e social ou psicológica de alguma carência. (Potyara, 1997)

Em muitas comunidades carentes, este fato é vivido paralelamente com o ganho do dinheiro obtido com o comércio da droga, entendido como estratégia de acesso ao mercado de consumo de bens e serviços. Segundo Procópio (1999), o contingente de envolvidos com o processo de mercantilização das drogas absorve um contingente estimado em cerca de um milhão de pessoas.

Nos depoimentos a seguir, é possível observar as dificuldades de sobrevivência com que alguns jovens se deparam ainda quando crianças. Diante do baixo poder aquisitivo das famílias, muitos jovens se vêem diante da necessidade de auxiliar seus familiares a suprir as despesas da casa, tendo que se dedicar a trabalho árduo e pouco valorizado¹⁹:

¹⁹ É importante ressaltar que, no Brasil, os direitos da criança e do adolescente incorporados à Constituição Brasileira de 1988 e regulamentado por lei específica (ECA) proíbem o trabalho aos menores de 14 e fixam idade mínima para o trabalho remunerado aos 14 anos. Antes desta idade, não há autorização para o trabalho, exceção feita quando se trata de aprendiz.

Eu já passei muita dificuldade. Meu filho já trabalhou quebrando pedra quando ele tinha uns 8 anos de idade. Ele ganhava por dia, quebrava pedra na pedreira e era um serviço muito pesado. (Mãe/38 anos-B)

Eu cuido de carro e, com o dinheiro, eu compro as coisas pra minha bicicleta. Eu também guardo e dou pra minha mãe comprar comida, roupa e tudo lá em casa. Todos domingos eu cuido de carro lá no meio [centro de Londrina]. Da para ganhar uns R\$ 5,00 ou mais. (Jovem/masc/12 anos-G1)

Segundo análise de Graciane (1997:126), estes jovens (...) *vivem um processo de 'adultalização' precoce, obrigados a serem arrimo de família e/ou complementadores da renda familiar, sofrendo um processo de mortificação interna, com danos indelévels para a sua personalidade e identidade.*

De acordo com Groppo (2000), diversos grupos de jovens nos dias de hoje desempenham papéis que não condizem com sua idade e juventude. Este fato diferencia o tempo de hoje dos tempos passados, nos quais havia uma sintonia maior entre as aspirações do indivíduo adolescente e as funções por eles desempenhados.

Na mesma entrevista, uma mãe compara a sua situação financeira quando vendia droga e sua atual condição, quando possui como única fonte de renda o dinheiro proveniente do programa social:

Eu já vendi droga. Eu passava a noite inteira vendendo droga na rua. E droga é assim, se você ganha R\$ 200,00 você quer R\$ 400,00, você quer R\$ 600,00 e é assim, a gente sempre quer mais. Eu já tinha dinheiro guardado no banco que quase dava pra comprar uma casa. Eu ganhava dinheiro viu! Na minha casa não faltava nada. Você abria a minha geladeira e tava sempre cheia. Meus filhos comiam do bom e do melhor. Tinha roupa boa e tênis de marca. (Mãe/38 anos-B)

Eu recebo o Bolsa Escola Federal que é 45,00 e eu passo necessidade. [...] Tem dia que eu demoro pra dormir, eu fico pensando, fico angustiada com essa situação toda. Se eu compro gás, falta comida, se eu compro comida tenho que cozinhar lá fora no fogão de lenha. Nossa é uma vida muito difícil. O [filho] até já falou: "ô mãe, eu vou vender droga, viu? Pelo menos a gente tem as coisas direito dentro de casa e dá pra comprar as coisas que eu gosto".... Sabe, né, ele gosta de bermuda, tênis novo, essas coisas de adolescente. (Mãe/38 anos-B)

Apesar das dificuldades financeiras enfrentadas, a mãe acima citada, relata na mesma entrevista ter deixado de traficar por considerar esta uma atividade que envolve o risco a prisão:

Eu quase fui presa. A polícia chegou lá em casa revirou tudo [...] mas eu não tinha nada. Porque o problema é pegar em flagrante, né? Aí fiquei com medo e pensei: “essa não é a vida que eu quero pra mim não”. (Mãe/38 anos-B)

Segundo Lima (2000), muitos dos jovens que trabalham para os ‘empresários do tráfico’ são também consumidores. Usam e passam drogas, principalmente os menores, por serem inimputáveis.

O envolvimento com o uso de drogas constitui, em muitos casos, a porta de entrada para o crime organizado. Muitos, ao contraírem dívidas com o traficante, são levados a roubar ou mesmo tornar-se membros das quadrilhas como meio de saldar o que deve ao tráfico. É o que evidencia o depoimento deste jovem:

Nossa, uma vez nós roubamos uma casa que tinha rádio, televisão, roupa, som, tinha de tudo. Pegava, vendia tudo e o dinheiro nós repartíamos. Comprava droga, às vezes, comprava coisa pra comer. (Jovem/masc/12 anos-B1)

As ações que envolvem roubos no assentamento são bastante comuns. Na maioria dos casos, são praticadas por quadrilhas de tráfico de drogas como estratégia para alimentar a “empresa do tráfico”. Com a venda dos produtos roubados na própria comunidade, os bandidos compram armas e drogas.

A turma do [traficante] roubava e vendia pra comprar arma e droga pra vender. Tudo que dava o valor pra comprar revólver, eles [traficantes] roubavam e vendiam. E roubavam gente que morava aqui. Pegam suas coisas aqui: botijão de gás, televisão, fogão e vendiam ali pra sua vizinha. (Mãe/40 anos-H)

Eu vi a turma do [traficante] roubar o fogão e o botijão de gás aqui da vizinha. (Jovem/fem/14 anos-J1)

Embora os roubos em muito se relacionem ao narcotráfico, em algumas falas esta prática é relatada como meio de satisfação das necessidades básicas de consumo como roupa e comida:

A gente rouba e depois vende e reparte o dinheiro. Aí eu compro roupa e coisas pra comer lá em casa, arroz, carne, feijão estas coisas. (Jovem/masc/13 anos-E1)

Os jovens que se assumiram como autores dos roubos praticados, em sua maioria se referiram aos membros da própria família como sendo também autores de roubos, de modo que em alguns casos agiam juntos nos crimes praticados. Os locais escolhidos para os roubos, na maioria das vezes, eram as chácaras e sítios localizados em fundos de vales que cercam o assentamento:

Um dia a gente entrou numa chácara aqui perto cheia de luxo [...]. Aí a mulher começo a chorar, aí a gente falou “cala a boca, cala a boca”. Trancamos ela no banheiro e ela ficou lá chorando e a gente catando tudo que tinha na casa, até os bagulhos da geladeira a gente levou! (Jovem/masc/ 12 anos-B1)

O meu pai... ele... ‘robava’ as chácaras lá em baixo e ele vendia. Uma vez ele vendeu milho pra um cara e ele pagou só um pouco pro meu pai e pediu mais três sacos [...] e não pagou. Aí meu pai foi cobrar e o cara deu uma paulada na cabeça do meu pai. Aí meu pai se revoltou pegou a faca e deu uma facada no abdômen dele. Já faz uns 5 anos que ele tá preso. (Jovem/masc/12 anos-B1)

Um outro jovem fala sobre os roubos que praticava junto com o tio:

Eu já ‘robei’ sim. Eu ‘robava’ com meu tio. A gente entrava na chácara aqui mesmo lá embaixo. Roubava um monte de animal, galinha e porco. (Jovem/masc/13 anos-E1)

Algumas mães quando falam das situações de violência vivenciada, não se referem aos filhos como autores de roubos. Mesmo quando indagadas se os filhos já praticaram tal ação, a tendência é negar o fato para proteger o filho. No trecho a seguir, fica explícita a consciência de uma mãe da prática de roubo do filho. Em seguida, a própria mãe defende o filho para a diretora da escola:

Minha mãe descobriu que eu ‘robava’ porque uma vez eu fui em uma fita [roubo] com os caras e peguei um monte de CD, daí a minha mãe percebeu. Eu tava com um rádio e uma televisão assim segurando nas costas, daí eu subi correndo e ela viu [...]. Aí passando uns dias, a minha mãe conversou comigo e até me bateu! Falou que não era pra eu fazer mais isso, que ela não tava agüentando mais. (Jovem/masc/12 anos-B1)

A diretora falou que ele tava agressivo, brigando com todo mundo e no meu entender falou que o meu filho podia virar bandido, ladrão, sabe! Nossa eu fiquei louca. Sabe, né, mãe não gosta que fala mal do filho. Quer que fale bem. Eu falei pra ela “não fala assim do meu filho que eu não aceito, ladrão ele não é”. Chegou até a falar que o meu filho tava armado na escola, aí eu fui falei com ele e meu filho nunca teve armado na escola. Ele tava com uma arma de plástico aterrorizando na escola, ameaçando os colegas. (Mãe/38 anos-B)

Segundo Lima (2000), as quadrilhas que agem na região de abrangência do assentamento são formadas, em sua maioria, por jovens do sexo masculino que se organizam em torno de uma rede piramidal de relações, de modo que alguns assumem o papel de chefes e outros de subordinados. Adotam uma cultura específica de linguagens, ritos e códigos de condutas que lhes são próprios.

Aqui vira e mexe morre um. Hoje em dia, os adolescentes não têm mais amor ao próximo não, qualquer coisinha é motivo de matar. Eles não tão nem aí,[...] é tudo adolescente, tudo jovem que tá se perdendo nesse mundo das drogas, porque os motivos que você vê falar é por causa de droga. Aí vai ali ‘roba’ o colega que tá fumando. Um fuma mais, outro fuma menos e já tá matando. (Mãe/30 anos-K)

Organizados em grupos que denominam de “tropinha” ou “ganguinha”, os jovens desenvolvem uma rede de sociabilidade de modo que se sentem mais fortes e protegidos. Vêem-se como amigos e até mesmo como membros de uma mesma família. Tratam-se como primos e irmãos, a quem dedicam compromisso e lealdade sem exigir nada em troca. Da mesma forma, os moradores da região por eles comandada também são vistos como “membros da família”, a quem devem proteção contra possíveis ataques de quadrilhas rivais e até mesmo da polícia. Neste sentido, a atuação dos jovens como seguranças armados do traficante, como membros que subsidiam a ação de uma atividade criminosa, torna-

se uma questão secundária diante do seu sentimento de pertença ao grupo. No depoimento abaixo, um jovem relata a sua experiência de membro da “tropinha”:

Tropinha é uma turminha de amigo do [...]. A gente chama tudo de irmão, a gente fala “ô primo chega aí”. A gente fica na rua sentado. Quando vê que vem outros caras mexer, a gente sai metendo tiro, porva! É mesma coisa que tá vigiando uma casa, aí quando a polícia chega a gente sai “vazado” [sai correndo]. Quando a policia chega pra enquadrar, a gente grita e avisa: “a policia” aí eles escondem, a policia vê que não tem nada, vai embora e a gente volta lá [...]. A gente não ganha nada. A gente não precisa de dinheiro. Lá a gente é tudo irmão [...]. Também quando passa alguém a gente já pára pra ver quem que é, se é da família [pessoas que residem do lado comandado por eles] a gente deixa ir embora. Agora se não for, a gente fala pro [chefe da quadrilha], porque aí é inimigo do outro lado, aí o [chefe da quadrilha] conversa, pergunta o que tá fazendo ali e deixa ir embora [...]. A gente protege as crianças pequenas porque pode chegar alguém com revólver e matar alguma criança e as mulheres, porque a gente é homem e elas são mulheres não podem fazer nada. Elas têm que cuidar da casa, limpar, cuidar das crianças e a gente tem que ficar defendendo da polícia, de meter tiro nas mulheres. (Jovem/ masc /12 anos-G1)

As mortes por engano de pessoas consideradas honestas e trabalhadoras é condenada na comunidade. No próximo depoimento, um jovem demonstra a revolta diante da morte por engano, revolta reforçada pelo fato da pessoa assassinada ser pai do seu amigo de “tropinha”, o que incentiva a disposição em punir com morte os assassinos:

Era o tal de [...], ele trabalhava sossegado, não fazia nada pra ninguém, não devia nada, não fumava, só bebia a pinguinha dele e ia trabalhar. Morreu por engano, era o filho dele que era para morrer [...]. A gente é “tropinha” do [traficante] e o filho dele também é. Quando os caras saírem da cadeia²⁰, a gente vai continuar ser tropinha e a gente vai catar um por um dos caras que mataram o [...], Ah! A gente vai fazer a mesma coisa que fizeram com o cara que era meu amigo. (Jovem/masc/12 anos-G1)

As quadrilhas com o crime organizado delimitam espaços públicos que passam a ser parte do território por elas comandado. De acordo com o trabalho

de pesquisa realizado foi possível identificar no assentamento a presença de duas quadrilhas rivais ou “tretadas”, segundo a linguagem usada pelos jovens. Ambas disputam entre si território para a venda de drogas. As duas quadrilhas disputam ainda com uma terceira quadrilha o comando do tráfico em outro assentamento próximo. O que pode ser observado a partir dos seguintes depoimentos:

A gente era uma turma tudo unida assim, tipo uma “ganguinha”. Agora o [chefe da quadrilha] tá preso, mas era tudo da turma do [traficante] agora não é mais não, porque tá tudo preso. São várias gangues que são “tretadas” [brigada]. Tem o [assentamento x] e o [assentamento y]. Um dá tiro daqui, aí vem gente do outro lado dá tiro também e é assim tiroteio direto. (Jovem/masc/12 anos-B1)

Ele morreu porque ele era da turma do [x] e eles tavam trocando tiro com a turma do [y], porque o [y] quer pegar o [assentamento] inteiro pra ele. Tipo ele quer ser o dono do [assentamento], então ele quer a parte que é do [x]. Eles roubam pra comprar droga e depois vendem. Aí eles ficam brigando, porque cada um quer um espaço maior pra vender droga. E depois que o [x] morreu, eles começaram a brigar mais, porque eles ficaram com raiva de quem tinha matado o [x]. (Jovem/masc/13 anos-E1)

Eles tinham tetra [briga]. É tipo uma gangue revoltada por causa de droga, aí um não vai com a cara do outro e começa a briga. Um começa a dar tiro no outro. (Jovem/masc/12 anos-B1)

Ao delimitar seu espaço de atuação, as quadrilhas impõem regras que, quando não cumpridas, os transgressores são punidos brutalmente, na maioria das vezes com a própria morte:

A maioria das mortes que acontece aqui é por causa de droga. Se traficante vende uma droga pro viciado e chega o dia do viciado pagar essa droga e o viciado não tem o dinheiro para pagar o traficante, o traficante busca ele na bala, se passar mais de uma semana. Então é uma coisa que se a pessoa tá livre da droga, ela tá livre de morrer. (Mãe/39 anos-F)

O cara emprestou dinheiro pro outro cara lá pagar a droga, daí ele não devolveu o dinheiro e ele arrancou a orelha lá do outro cara. Eu não vi o cara morto, mas vi ele sem orelha. Ele arrancou com a faca a orelha dele, saiu um monte de sangue! (Jovem/masc/12 anos-H1)

²⁰ Atualmente, as duas quadrilhas que comandavam o tráfico de drogas no assentamento encontram-se desmanteladas. Em uma delas, o chefe e vários de seus membros foram presos e a outra teve seu chefe assassinado.

As punições aos transgressores das regras impostas pelo tráfico se estendem muitas vezes a toda sua família. Os criminosos ameaçam de morte, destroem ou atiram fogo nas casas a fim de expulsar as famílias de seus rivais do assentamento:

Mataram o cara e desmancharam a casa dele. Ai a família inteira teve que ir embora daqui, senão ia morrer todo mundo. (Jovem/masc/12 anos-B1)

Mataram o meu irmão e ainda botaram fogo na casa da minha mãe. A casa era de tábuas, queimou tudo, não ficou nada. (Mãe/45 anos-E)

Aqui já teve caso de um chegar e incendiar a casa do outro. Sabe assim chegar e tacar fogo pra pessoa mudar. (Mãe/39 anos-F)

Como meio de intimidar a população local, os criminosos adotam ainda estratégias de interferência nos serviços públicos básicos, como a realização de cortes nos fios telefônicos a fim de impedir qualquer tentativa de comunicação à polícia:

Telefone mesmo, quantas vezes chegou a desligar o nosso telefone, com medo que a gente chamasse a polícia. (Mãe/40 anos-H)

Embora não seja uma constante as quadrilhas de tráfico de droga determinarem o fechamento de instituições públicas e privadas como forma de protesto pela morte de algum de seus membros, este fato é relatado por uma mãe, que, ao tentar ressaltar os pontos positivos do filho, relata com empolgação o espírito de liderança do jovem:

Lá na escola ele [filho] é o líder [...] ele chegou, falou: "oh!", acabou, todo mundo obedece. Lá no projeto [projeto Viva a Vida] também, as professoras mesmo falam: "Ah, o [...] ? Pode tá o maior rolo, o [...] chegou, acabou. O [...] gosta de ser líder." Uma vez mataram um cara, a gente não conhece, né, mas ... a gente conhece só por nome, né, e paralisou tudo. A escola não abriu e abre pra vê, né? Você acredita que o [...], pegou um jornal [o jornal noticiava a morte de um traficante do assentamento] e saiu mostrando na rua, falando que não era pra ninguém ir pra escola. (Mãe/38 anos-B)

A arma de fogo carregada na cintura e exposta para que todos a observem é símbolo de intimidação à população local, da conquista de integração social e garantia de respeito para o jovem pobre e estigmatizado:

Aqui tem que tomar cuidado com o que fala [...] Estes dias eu tava conversando com a dona [...] e ia passando o [...] que ia assaltar o leiteiro. Em vez da mulher ficar quieta, ela me vira e fala: “olha o revolver dele”. Nossa, em tempo do rapaz virar e dar um tiro na gente. Então eu fico quieta na minha, porque se você ficar na porta da casa dos outros de “fuxico”, aí que é o perigo! (Mãe/42 anos-L)

Vê-se, portanto, que no assentamento a população encontra-se submetida ao poder exercido pelo tráfico de drogas por meio do uso da arma de fogo. Dominadas pela criminalidade e desamparadas pelo sistema de segurança, as pessoas adotam o silêncio como forma de garantia de sobrevivência no local onde moram. Estabelece-se um código de ética local a fim de “não criar problemas com os bandidos”. Sobre a “lei do silêncio” adotada no assentamento, algumas mães assim se expressam:

Tem que saber viver num lugar desses. Não pode criar problema com bandido. Se você ver alguma coisa, você não pode abrir a boca. Eu moro aqui, tem vizinho aqui do lado, aqui na frente, ali no fundo e converso com todos eles. Só que se acontecer alguma coisa, se entrar gente pra roubar, se acontecer de eu ver alguém matando alguém, eu não posso abrir a minha boca. (Mãe/39 anos-F)

Eu falo se alguém passar e perguntar de fulano que morreu ou quem matou fala que não viu, que você [filho] não sabe quem é. (Mãe/42 anos-L)

A atitude de manter-se em silêncio também é tomada diante das situações de roubo que ocorrem no assentamento:

Vê assaltar, a gente vê, mas a gente não pode falar nada. A gente fala que não viu nada. Eu não posso fazer nada, tem que ficar quietinha, senão morre. (Mãe/42 anos-L)

Aqui a gente vê assaltar, mas não pode falar nada! (Mãe/42 anos-L)

Eu vi a turma do [traficante] ‘robando’ e fiquei com vontade de chamar a polícia, mas aí depois a gente se ferra porque eles matam depois [...] Eu não fiz nada fiquei quieta. (Jovem/fem/14 anos-J1)

A maioria dos casos de morte cometidas no assentamento não é solucionada pela polícia. Os autores dos crimes não são identificados, seja devido ao silêncio das testemunhas, seja por causa da morte dos responsáveis antes de serem julgados. Assim, o silêncio das testemunhas favorece a impunidade e a ação dos criminosos como mostram os relatos abaixo:

Até agora nada. Mataram e tão andando livre por aí. (Mãe/43 anos-D)

*Aqui ninguém chama a policia não, senão morre. (Mãe/45 anos-E)
Ninguém foi preso porque mataram o meu tio. Só depois prenderam eles [bandidos], porque eles mexiam com droga. A polícia entrou lá na casa do seu [traficante] e achou um monte de droga e arma debaixo do colchão. Foi a turma do seu [traficante] que matou o meu tio, mas agora tá tudo preso. (Jovem/masc/13 anos-E1)*

Não há uma política pública de segurança capaz de garantir proteção às testemunhas, peças fundamentais no processo investigativo dos crimes cometidos. A atuação da polícia no local se restringe à presença de viaturas circulando pelas ruas do assentamento. Algumas vezes, os carros da polícia param, abordam alguns moradores na tentativa inútil de saber sobre os crimes ocorridos. As “batidas” policiais também são comuns. Diversas vezes, ao passar pela entrada de acesso ao assentamento, pude observar policiais abordando e revistando carros que entravam na região estudada, na busca de armas e drogas. Voltados para ações que tenham visibilidade diante da mídia e da sociedade, a atuação da polícia mostra-se incipiente em face à criminalidade vivenciada pela população no assentamento, (...) *na periferia, lá onde não podemos vê-los, e onde não presenciamos suas cotidianas mortes. Parece que são homens destinados a morrer, vidas nuas, sem valor. (Paves; Oliveira, 2002:84)*

Ao referirem-se ao descaso da policia diante da violência no assentamento, algumas mães assim testemunham:

A polícia não conseguiu que ninguém falasse. É uma coisa assim que se você pudesse denunciar salvava muita coisa. Mas é uma coisa que se você denunciar e o bandido ficar sabendo sua família inteirinha morre. Todo mundo corre risco. E aqui é assim se você tiver vendo uma briga, se vê que vai sair morte e chama a polícia, a polícia não vem aqui na hora, porque se a polícia vem junta todo mundo trocando tiro com a polícia, então a polícia não vem. A polícia espera matar primeiro, entende?! Então se acontece em outro bairro diferente que não é assentamento a polícia vai lá verificar e aqui a polícia não vem. Se você ver um batendo no outro, arrancando sangue um do outro, se tiver esbagaçando o outro no pau e você ligar pra polícia, a polícia não vem. A polícia só vem pra buscar o cadáver, isso que é difícil morar aqui! (Mãe/39 anos-F)

Muitas vezes, quando a gente chama a polícia, percebe que eles estão mais preocupados em pegar droga, arma e mais nada. Só se preocupam com isso. Não tá preocupado com quem tá morrendo, porque se eles tivessem ligando pra alguma coisa, isso aí tinha jeito de ter fim, se tivesse mais polícia na redondeza. Eles ficam hoje ali, dali a pouco não tem mais ninguém. Aí é quando acontecem as coisas. Quando a gente chama a polícia, ela demora, demora demais. (Mãe/ 38 anos-G)

A polícia passa lá e pergunta as coisas pra mim eu falo pra ela com aquela cara de sonsa: “ah! Senhor, eu não sei não. Não conheço não. Eu mudei pra cá esta noite”. (Mãe/42 anos-L)

Baierl e Almendra (2002), ao analisarem as reações dos indivíduos frente às situações de violência vivenciadas, comentam que a lei do silêncio constitui-se em um mecanismo natural de defesa frente à falta de alternativas reais e concretas no âmbito estatal e coletivo. Em muitos casos, os indivíduos ao manter-se em silêncio, se mostram alheios ao que ocorre a sua volta, não somente permanecem em silêncio, como mantêm a convicção de ‘não ter nada a ver com isso’, é o que os autores chamam de ‘fazer cara de paisagem’.

Adorno (1998:86), ao referir-se ao sistema de justiça criminal no país, fala sobre uma justiça que tem se mostrado incapaz *de responder prontamente, com eficiência e rigor à violência crescente e ascendente.*

Ainda segundo o autor, entre 1977 e 1986, no Rio de Janeiro, houve um decréscimo da taxa de aprisionamento de cerca de 50%. Isto mostra que, se por um lado, há mais pessoas cometendo crimes, por outro há uma diminuição no número de prisões decorrentes dos delitos cometidos.

Souza et al (1999), em pesquisa sobre os processos judiciais que envolvem homicídios de crianças e adolescentes de classes populares em

Fortaleza-Ceará, coletou dados que apontam para a impunidade do sistema jurisdicional na apuração das mortes ocorridas.

Segundo dados da pesquisa, dos 50 homicídios dolosos estudados, apenas 44 foram registrados nas delegacias competentes para que fosse aberto inquérito policial. Em 6 casos, não houve qualquer encaminhamento judicial visando à apuração dos crimes. Ou seja, não ocorreu nem o primeiro passo para o início do processo investigativo das mortes. Sendo assim, o culpado nunca será punido, ampliando desta forma a impunidade e, conseqüentemente, a criminalidade.

No universo dos 50 crimes investigados, os pesquisadores constataram que em 14 deles (28%) não houve a identificação da autoria do delito cometido. Este fato constitui um dos principais motivos que leva ao arquivamento de processos na justiça. Assim, a falta de identificação de autoria constitui um dos principais motivos que impedem a punição dos criminosos. Deste mesmo universo

apenas seis (12%) foram julgados, de modo que mais da metade (54%) ainda não chegou à fase de julgamento.

Dados divulgados pela revista *Veja* em 7/2/2001 igualmente confirmam a impunidade da justiça no Brasil. Para cada 100 crimes violentos registrados nas delegacias brasileiras, calcula-se que a polícia consiga prender os suspeitos somente em 24 casos. Desses 24, somente 14 são levados a julgamento. Entre esses, somente um cumpre pena até o final. Ou seja, para cada 100 crimes violentos cometidos, apenas um criminoso cumpre pena integral.

No assentamento, diante da fragilidade do sistema de segurança em proteger os bens da população, sejam eles simbólicos ou materiais, muitos adotam “estratégias de justiça” que lhes são próprios. Por meio delas, julgam, condenam e punem os considerados bandidos, ou seja, aqueles envolvidos com atos ilícitos como roubos e homicídios na comunidade e livram aqueles a quem julgam trabalhadores, honestos e bons:

Se chega alguém e fala pra mim que vai matar uma pessoa e que essa pessoa não sabe que vai morrer, se eu for lá por debaixo dos panos e avisar ela e essa pessoa sair daqui [assentamento] ela se salva, entendeu? Então tudo de baixo de um segredo. Eu avisei um rapaz que eu conhecia, só que ele não escutou o que eu falei. Eu fiquei sabendo antes e ele sabia que tinha uma pessoa que ia morrer aqui, só que não sabia que era ele [...]. A minha parte eu fiz, só que ele não fez a dele. Ele tinha que ter saído daqui. Se ele tivesse ido embora, ele não tinha morrido. (Mãe/39 anos-F)

O meu sobrinho morreu e olha que ele nem era bandido, não tinha nem passagem pela polícia, nem era envolvido com droga, roubo, nada. (Mãe/30 anos-K)

A semana passada, um cara veio da cadeia ver os parentes, aqui no bairro. Ele tinha tido uma filha com a vizinha que mora aqui em cima, [...] Quando ela tava grávida da menina, ele queimava ela com bituca de cigarro e torturava ela. [...] Um dia, ela catou a filha dela e veio morar aqui na casa do pai dela. Aí ele descobriu veio aqui e ameaçou a família inteira. ‘Falô’ pra ela e pro pai dela “ou ela volta a morar comigo ou eu venho aqui e acabo com vocês!” [...] Quando foi no sábado, chegou o comentário que ele vinha aqui matar a família inteira da moça e falô’ que ia matar também um outro rapaz aqui da rua. Aí os outros bandidos ficaram sabendo e mataram ele primeiro [...]. Então, a hora que eu fiquei sabendo que ele tinha morrido eu falei: “ainda bem que ele morreu”!! [...] Tem mal que vem pra bem, como diz a história [...] se é pra ele matar uma pessoa decente, que morra ele então que não presta! (Mãe/39 anos- F)

No assentamento, a prática de estupro é punida com morte por linchamento:

Já ouvi um boato, mas não sei se é verdade. O padrasto estuprou a menina da mulher de 6 anos e ela só mandou ele embora, porque é perigoso eles matarem ele, porque aqui no bairro se fica sabendo eles acaba com ele. Aqui quem faz isso é linchado, não tem perdão não! (Mãe/38 anos-G)

Diante da impotência para pôr fim à violência, muitos desejam deixar o assentamento, enquanto outros vêem apenas no poder divino a possibilidade de justiça e conforto diante das situações de violência. Esse fato pode ser considerado uma das explicações para a tendência ao crescimento de adeptos das religiões, principalmente as evangélicas. De acordo com dados divulgados pela revista *Veja* em 3/7/2002, o total de evangélicos aumentou cinco vezes no Brasil. Com base em dados divulgados pelo Censo 2002, a revista divulgou que mais de 15%, ou seja, um total de 26 milhões de pessoas são protestantes no país. É um percentual cinco vezes maior que em 1940 e o dobro de 1980.

Eu tenho vontade de ir embora daqui (risos)! É porque não tem jeito de ir embora mesmo, então tem que ficar aqui. A gente tem um monte de filho que tá crescendo e por mais que você tenta ensinar coisa boa, tem gente querendo ensinar coisa errada. Não é fácil não, sabe! O mal aprende mais rápido que o bem! (Mãe/38 anos-G)

(...) a minha cunhada mesmo falou que entregava nas mãos de Deus, porque Deus sabia o que fazia. A gente é evangélico, então ajuda a gente. A minha cunhada não caiu em depressão de tanto ir à igreja, ouvir conselho, conversar bastante na igreja, porque a justiça quem vai fazer é Deus. (Mãe/30 anos-K)

A violência aparece ainda nas falas associadas a sentimentos como tristeza, ódio, raiva, vingança e angústia. Na declaração destes jovens, estes sentimentos expressam:

Violência traz angústia. Violência não traz alegria pra ninguém. Também não traz diversão. Não traz nada disso, só traz tristeza, angústia e morte. (Jovem/ fem/12 anos-K1)

Violência é só ódio, só raiva e vontade de matar. (Jovem/ masc/12 anos-B1)

Quando perguntados sobre o que sentiam diante dos atos de violência por eles vivenciados, tanto os jovens como suas mães se lembravam dos homicídios ocorridos com membros da família ou com pessoas conhecidas, de quem gostavam e com quem conviviam:

A minha vida é um pouco ruim e um pouco boa. Nunca aconteceu nada comigo, mas com alguém da minha família já. E quando acontece com alguém da nossa família, a gente se sente triste. Se sente como se tivesse acontecido com você. (Jovem/ fem/12 anos-K1)

Na hora que eu vi o meu filho morto, foi uma tristeza só! Pra mim, acabou até hoje [...]. Quando mataram ele, eu fui lá vê e desmaiei. Não vi mais nada, eu fiquei desmaiando direto. Agora que eu 'tô' me recuperando mais. (Mãe/43 anos-E1)

Fiquei triste, porque mataram o meu pai. Eu gostava dele. (Jovem/masc/ 13 anos-D1)

No depoimento seguinte, há ainda a referência ao sentimento de tristeza de uma mãe ao ver o sofrimento de outra mãe que perdeu o filho:

Aqui mesmo na esquina de cima mataram um cara. Eu escutei os tiros e, quando eu sai, o cara já tava caído morto. Aí, a mãe dele, ela mora lá em baixo, veio gritando e o filho dela tava caído ali. Foi muito triste de vê, porque a gente também é mãe, né! (Mãe/42 anos-C)

Ao presenciar uma situação de assassinato, a mãe, no trecho a seguir, diz sentir-se triste ao lembrar a morte do filho. Em silêncio, ela abaixa a cabeça, se emociona e diz:

Eu vi um cara que morreu ali na rua pra frente. Eu só ouvi os tiros. Aí me mandei pra dentro e depois eu vi ele morrendo já no chão. Mas eu não vi eles atirando nele. Nossa é ruim a gente vê, dá uma coisa ruim na gente. [silêncio, em seguida, choro] Dá um desgosto, uma tristeza na gente [choro]. Porque aí eu fiquei lembrando do meu filho que também morreu! (Mãe/43 anos-D)

O sentimento de pena foi citado apenas por uma mãe e seu filho ao se referirem às mortes prematuras de jovens:

[...] eu sinto muita dó, porque eles são tão novinhos e tão morrendo por bobeira. Igual estes meninos que roubam são tudo novinhos. Não têm nem 18 anos e já tá tudo morrendo. Eu tenho dó das mães, porque quem sofre são as mães, né? (Mãe/42 anos-L)

Aqui é muita violência! Deu dó do cara, porque ele tinha que viver mais. Ele era muito novo, tinha uns 18 anos. (Jovem/13 anos-L1)

Grande parte dos sentimentos descritos pelos entrevistados fazem uma conexão entre tristeza e morte. Na declaração seguinte, o sentimento de saudade pode ser associado à possibilidade de reencontro:

Eu sinto saudades do meu pai que tá preso. (Jovem/masc/12 anos-B1)

Raiva, angústia, agressividade, desespero e indignação foram sentimentos que também apareceram nos depoimentos relacionados às mortes ocorridas no assentamento. Nos dois primeiros depoimentos a seguir, fica evidente o sentimento de raiva associado à vingança, suscitado pela mãe e seu filho em um movimento de reprodução da violência:

Senti raiva e angústia! Eu fiquei com vontade de matar eles também, mas aí eu entreguei pra Deus. (Mãe/43 anos-E)

Eu só senti vontade de matar eles [criminosos que mataram seu tio]. (Jovem/ masc/13 anos- E1)

Deus me livre, dá um desespero e as crianças então! A gente não sabia se acudia os grandes ou os pequenos. Nossa como eles gostavam dele [sobrinho assassinado]. Tanto eles gostavam dele como ele gostava deles, porque foram tudo criados juntos. (Mãe/30 anos-K)

O sentimento é de querer acabar com isso. Eu não me conformo. Criticar um ou outro, eu não critico não, mas as pessoas têm que pensar mais no que faz, né? Morte não é assim não, ir pegando e ir matando. (Mãe/38 anos-G)

Ah! Eu pensei: "o cara tem sangue de barata para matar o outro". (Jovem/ masc/12 anos-H1)

Nesta definição de violência abaixo, elaborada por um jovem, fica expresso ainda um sentimento de negação da violência vivenciada.

Violência não é nada. (Jovem/masc/13 anos-E1)

É como se algumas pessoas já estivessem imunes as agressões física que não atinge diretamente a elas próprias, a membros de suas famílias ou a pessoas conhecidas. Segundo Baierl & Almendra (2002), diante da violência urbana, percebe-se um comportamento nas pessoas que tende à paralisia ou a entrega ao seu algoz, no sentido de agir como se a violência sobre o outro não lhe dissesse respeito ou que a violência contra si mesmo é um problema particular. Aceitam-na desde que, aparentemente, sejam preservadas a sua integridade física e

psicológica. Ainda segundo os autores, o mesmo acontece quando a violência atinge o seu extremo: a violência brutal. O terror também paralisa.

Baierl & Almendra (2002), ao escreverem sobre a reação das pessoas diante da violência urbana, traduzem em grande parte os sentimentos de alguns entrevistados, ao se referirem a uma violência já banalizada:

Eu vi um cara sendo esfaqueado lá em baixo. Ele era colega do meu pai e levou oito facadas. Aí ele morreu [...] Eu fui embora pra casa jogar vídeo game e não vi mais nada. (Jovem/masc/ 12 anos-H1)

Acho que já vi uns 10 mortos. Eu já vi cada coisa aqui nesse lugar que eu já peguei trauma. Quando acontece, eu nem vou ver mais, só se for alguém que eu conheço. Tirando isso eu não vou ver não! (Mãe/39 anos-F)

Eu já tava separada dele [marido] mesmo. Ele até já tinha outra mulher lá, dois filhos, então não fez muita diferença! (Mãe/43 anos-D)

Não senti nada, eu não conhecia muito ele. Só tinha visto ele duas vezes só. (Jovem/masc/13 anos-D1)

Não era gente que eu conhecia não! Mas nossa quando é uma pessoa que você realmente conhece, "Deus me livre", é terrível! (Mãe/38 anos-I)

Medo e pânico para a população local, fascinação para os jovens, o mundo do crime ameaça a população local, que busca no espaço privado de suas moradias manter-se um pouco mais segura. Lima (2000), ao se referir à região de abrangência do assentamento, contextualiza que, ao anoitecer, há um completo esvaziamento das ruas, que são tomadas e apropriadas pelos contraventores. Mesmo durante o dia, analisa o autor, é comum a presença de jovens cheirando cola e/ou perambulando armados pelo assentamento.

As mães, quando se referem ao sentimento de medo, se dirigem aos filhos como objeto maior de sua preocupação. Temem que os filhos sejam atingidos por balas perdidas em tiroteios ou que se envolvam com más companhias e/ou uso de drogas. Assim, como medida de segurança, as mães procuram manter-se sempre por perto, controlando horários e saídas dos filhos e, muitas vezes, arriscando a própria vida para proteger a deles:

Eu tinha mandado o [filho] ir na casa da minha filha lá na frente, aí começou um tiroteio e eu fui atrás dele! Passou um tiro bem zunindo na minha orelha. Eu quase morri de medo! Mas eu me mandei embora atrás dele. (Mãe/43 anos-D)

Aqui é violento viu! Tenho até medo de largar os meninos sozinhos aqui em casa. Eu tenho medo de pegar algum tiro neles, bala perdida, né, porque aqui é tiro direto. (Mãe/43 anos-D)

O fato de já ter ocorrido a morte de um dos filhos reforça o medo desta mãe que teme que o mesmo ocorra com outros de seus filhos. Este sentimento de medo e pavor também pode ser observado no filho que demonstra receio de morrer como o irmão. Ao temer a própria morte, o jovem opta por permanecer dentro de casa. É o que exemplificam as seguintes declarações:

Eu morro de medo de pegar algum tiro no meu menino, né! Que nem um filho meu de 17 anos que foi morto aqui. (Mãe/43 anos-E)

Eu tenho medo do homem que matou o meu irmão pegar eu, dele me matar também. [...] Eu não saio, só fico em casa. (Jovem/masc/13 anos-E1)

Dois jovens relataram ainda o medo de ter a casa atingida por tiros ou de serem baleados, medo explicitado nos trechos abaixo:

E eu vi o cara morrendo lá no chão. Foi a polícia que atirou nele, mas eu não vi, só vi o cara morto. Eu senti medo. Medo deles ficarem trocando tiro lá e acertar na minha casa. (Jovem/masc/12 anos-A1)

A gente tava chegando em casa, daí eu senti muito medo. Medo do tiro pegar em mim e também no meu irmãozinho. (Jovem/masc/13 anos-I1)

A liberdade de ir e vir, de circular pelo assentamento para cumprir atividades cotidianas como ir à escola, ao supermercado para fazer compras ou sair durante a noite para passear torna-se limitada diante do medo da violência. A falta de liberdade constitui também uma preocupação das mães, que sentem que os filhos não estão seguros nem mesmo na escola:

Eu senti que a gente morando num lugar de violência não se preocupa com a gente, a gente se preocupa com os filhos que tá crescendo vendo tudo isso. Os filhos da gente não têm liberdade pra sair, passear, voltar, eles não têm liberdade, por causa que é arriscado. A polícia mesmo pode atingir um filho da gente fazendo um tiroteio com bandido. E se um bandido tiver encurralado, não tiver pra onde correr ele pula até dentro da escola. Porque na escola a polícia não faz tiroteio, então eles podem entrar lá pra se proteger da polícia. Então é um risco que todo mundo corre, aluno, professor, o diretor! (Mãe/39 anos-F)

A gente tem que procurar andar aqui só se for necessidade. Andar de noite tem que evitar, tem que ficar dentro de casa. Aqui tem que ser assim, você não pode ir em uma lanchonete, você não pode ir em um bar de noite, não pode sair no centro pra voltar tarde. (Mãe/39 anos-H)

O medo e a falta de liberdade limitam as poucas alternativas de lazer encontradas pelos moradores. Os momentos de diversão, socialização, confraternização entre vizinhos e pessoas conhecidas na comunidade são atividades restritas devido à violência. *Estamos vivendo um esgarçamento do tecido social, uma fragmentação das formas tradicionais de solidariedade e de vinculação dos indivíduos com as instituições promotoras da solidariedade.* (Adorno, 1998)

Antes ainda tinha diversão, assim festas pra divertir. No final de semana, tinha festa de aniversário, festinha no bairro. Agora com essa guerra, tiroteio, ninguém é besta de sair pra rua. A gente fica com medo. (Mãe/38 anos-I)

Eu gosto de andar de bicicleta, mas só lá na rua de casa, porque a bicicleta é do meu pai e ele não deixa eu andar mais longe. Ele fica com medo de alguém roubar a bicicleta dele e depois ele tem que ir trabalhar a pé. (Jovem/masc/12 anos-D1)

Apesar de estar bastante concentrada nas periferias, a violência apresenta uma tendência de difusão para os centros das cidades. Um estudo realizado pelo “Núcleo de Estudos da Violência” da Universidade Estadual de São Paulo (USP) e divulgado pela revista IstoÉ em 2/2/2000, constatou que a violência urbana está se espalhando das regiões periféricas para as ruas dos bairros de classe média e alta, considerados até há pouco tempo ilhas de segurança. O estudo foi realizado nas cidades de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo

Horizonte, Salvador, Recife, Belém, Porto Velho e Goiânia. Foram ouvidas cerca de 1600 pessoas, das quais metade deixou de sair de casa à noite, pelo menos uma vez no ano.

Uma das principais causas de medo e insegurança na sociedade atual, a violência que envolve em grande parte o tráfico de drogas e que atinge de maneira acirrada as diversas periferias de determinadas cidades do país, como é o caso de Londrina, tem influenciado o comportamento dos jovens. No assentamento estudado, foi possível observar, entre os jovens, atitudes de agressividade física, em alguns casos envolvendo ameaças com armas de fogo como forma de resolução dos seus conflitos. Estes dados, serão abordados com maior profundidade na análise que se segue.

Agressão Física entre Jovens

O tipo de violência praticada com maior frequência pelos jovens são as brigas envolvendo agressões físicas entre colegas. No entanto, tanto para as mães quanto para os jovens, esta não é considerada uma forma de violência, pois ela aparece associada, nos relatos, a agressões físicas extremas como as mortes brutais e os espancamentos. Foi muitas vezes, necessário substituir a palavra violência por briga. Nos depoimentos abaixo, fica evidente o entendimento de violência:

Violência é bater na molecada aí de graça sem tá fazendo nada, espancar a molecada. (Jovem/masc/ 12 anos-A1)

Ao mesmo tempo que eles [filho e os amigos] tão brincando, um lá faz uma coisa errada, que não dá certo que atrapalha as coisas dele [filho], ele já começa brigar. Não briga de violência sabe, de bater um no outro, mas eles vão de pedra, todos eles. (Mãe/ 42 anos-L)

Considerado um período caracterizado por diversas mudanças de ordem biológica e social, os jovens se deparam com situações que envolvem conflitos e angústias, próprios dessa fase da vida. Ainda sob os olhos atentos dos

pais, os jovens buscam autonomia e independência da família agindo, muitas vezes, como um adulto. Ao falar grosso, o menino se mostra arrogante e presunçoso em uma tentativa de ocultar os seus sentimentos de inferioridade e infantilidade. A menina pode se antecipar ao curso natural da vida e internalizar um 'mulherão poderoso', que ela mesma não sabe e não pode administrar (Lima,1997). Entre os jovens aqui estudados, associam-se outros eventos potencialmente conflitivos. Nos comportamentos que envolvem agressividade física, verbal, intrigas e rivalidades, é possível constatar uma rede de intrigas, na qual os jovens são os personagens principais. Com exceção de uma menina que disse nunca ter se envolvido em conflito físico, meninos e meninas interagem nas brigas:

Brigamos lá na pracinha [...], todo mundo fica lá na pracinha. Faz uma roda e já começa os dois a brigar de chute e pontapé. (Jovem/masc/13 anos-I1)

Tinha uma menina que batia nos meninos e os meninos batiam nela também. Não quer nem saber se é menino ou menina, bateu, eles querem bater também. (Mãe/42 anos-L)

A [filha], ela bate nas meninas e nos meninos também. Ela é terrível. (Mãe/36 anos-J)

Eu empurrei ele [colega] , aí ele me chutou e quebrou a perna e ainda ficava me falando "eu vou te catar na saída, eu vou te catar na saída", mas não catou nada. (Jovem/fem/14 anos-J1)

Quase todo mês eu tinha que ir lá na escola, ou ele [filho] brigava com a professora ou brigava com algum aluno. Agora a última vez que eu fui lá faz um mês. Aí peguei e tirei ele da escola, porque não tava estudando nada, tava xingando os professores de tudo quanto é nome. (Mãe/38 anos-I)

Um dia eu tava brincando com uma colega minha, daí eu taquei o tamanco dela no ventilador e pegou no nariz dela [...]. Saiu aquela sangão! (Jovem/masc/12 anos-B1)

Apesar do envolvimento das meninas nos conflitos, é possível perceber em relação aos meninos uma agressividade mais acentuada. Criados e socializados para serem invencíveis, temidos e admirados, a violência é compreendida pelos jovens do sexo masculino como elemento de poder e virilidade.

Ao analisar a socialização dos meninos, Nolasco (1995) coloca que este processo é alimentado por fantasias de onipotência e senhoridade que

posteriormente deixam de ser traços subjetivos e se transformam em cena do cotidiano. Assim, no comportamento violento extremado de alguns jovens, é possível identificar um conteúdo de virilidade, ousadia e coragem em um cenário tipicamente masculino. Em um local onde a arma de fogo é símbolo de justiça e proteção pessoal, os jovens a invocam como objeto de resolução dos seus conflitos pessoais:

Eu bati no moleque, aí ele falou que ia pegar o revolver. Aí eu falei “Vai lá que eu espero você aqui então”. Aí ele foi pegar e eu fiquei esperando, e eu ia pegar o revolver do meu primo. Se ele viesse com o revolver, eu ia pegar o revolver dele e ia dar um monte de tiro na cabeça dele. Mas o menino não apareceu mais lá não. (Jovem/masc/13 anos-E1)

Eu fui pra cima do moleque, ele tava com uma faca e daí eu meti um pedaço de pau na cabeça dele. Ele falou que ia chamar o irmão dele, daí eu falei: “então espera aí que você vai levar um tiro”. Daí eu fui lá busquei o revolver de brinquedo na minha casa, ele pensou que fosse de verdade e saiu correndo. (Jovem/masc/12 anos-G1)

Veio o [...] e o amigo dele pra cima de mim, daí quase que eu mato ele e o amigo dele. Os dois vieram pra pegar eu na porrada. Aí eu fui lá e catei os dois, eu peguei os dois de murro mesmo porque não tinha nada na minha frente, nem arma, nem pau, nada. Eu quase arranquei sangue dele. (Jovem/masc/12 anos-G1)

Os motivos que levam às brigas estão na maioria dos casos associados à intolerância e à dificuldade de se estabelecer o diálogo como alternativa para mediar os conflitos individuais. Lima (2000:125), ao referir-se ao comportamento agressivo entre os jovens residentes na região em estudo, analisa que as atitudes de intolerância entre os jovens são comuns na escola e na família. Geralmente se traduzem em agressões verbais e em alguns casos em agressões físicas.

O comportamento agressivo dos jovens, na maioria dos casos, vem precedido por provocações. Xingam, apelidam os colegas, principalmente aqueles que apresentam alguma deficiência física. Empurram, passam rasteira, em um movimento de atração do outro para briga.

Ele queria brigar comigo e eu não quis. Aí ele me empurrou. Eu dei um chute bem na cara dele e ele caiu. (Jovem/masc/12 anos-G1)
Esses dias aí um moleque pôs apelido em mim e eu bati nele lá no projeto [projeto Viva a Vida]. (Jovem/fem/14 anos-J1)

Eu bati no moleque aqui do projeto [projeto Viva a Vida] porque ele mexeu com o meu irmão. Ele chamou o meu irmão de aleijado. (Jovem/masc/13 anos-I1)

O meu [filho] batia nela porque ela mexia com ele. Nossa! Aquela menina falava cada palavrão e o [filho] não gostava daquilo. Aí ele batia e ela batia também. (Mãe/42 anos-C)

A agressividade dos jovens muitas vezes é reforçada pelos pais, que consideram “natural” o ataque físico como forma de defesa. É o que pode ser observado a partir das falas abaixo:

O meu [filho] batia nela porque ela mexia com ele também. (Mãe/42 anos-C)

Ela [filha] é menina quieta, só mexe quando os outros mexem com ela [...]. Aí ela vai para cima. (Mãe/36 anos-J1)

Um moleque lá que mora pra cima da minha casa não gosta de mim e uma vez ele me jogou pedra de cima da casa dele. Daí eu falei: “oh, moleque, você pára com isso senão eu vou acabar te batendo”. Daí ele jogou de novo, aí eu subi lá [em cima do telhado] e bati nele. O pai dele nem falou nada, porque ele tava vendo que ele tava me lascando pedra. (Jovem/masc/12 anos-H1)

A raiva foi o sentimento mais citado pelos jovens quando interagiam por meio de brigas. Em determinadas situações, o sentimento suscitado pode ser traduzido pela intenção de destruição do outro:

Na hora da briga, eu senti raiva, vontade de ir pra cima, de sair dando soco em tudo que tivesse na minha frente. Eu senti vontade de matar aquele moleque. (Jovem/mas/12 anos-G1)

Eu senti raiva e vontade de matar. (Jovem/fem/14 anos-J1)

Só raiva só e mais nada. (Jovem/masc/12 anos-H1)

Na esfera pública as mortes por homicídios e as brigas entre jovens foram às formas mais expressas de violência. Tanto as mães como os jovens apresentaram-se como principais vítimas dos assassinatos praticados pelas quadrilhas de tráfico de drogas que atuam na região do assentamento estudada. As

agressões físicas, decorrentes da intolerância e do pouco diálogo, evidenciaram dificuldades na resolução de conflitos entre os jovens. Ou seja, em uma região em que as diferenças, em muitos casos, são resolvidas pela arma de fogo, entre os jovens as intrigas e rivalidades são motivos para ameaças, socos e pontapés. Os jovens que compõem o cenário da violência no assentamento apresentam-se igualmente como principais vítimas da violência doméstica. As agressões físicas praticadas pelos pais contra os filhos e as brigas entre cônjuges são as expressões mais evidentes deste reflexo, a seguir analisados.

4.1.3 Violência na Esfera Privada

Violência Física dos Pais contra os Filhos

A violência praticada pelos pais em relação aos filhos, na maioria dos relatos aqui obtidos, está relacionada à agressão física severa. Ao associar violência e espancamento, duas mães assim se expressam:

Violência é espancamento. É briga dentro de casa, os pais que espancam os filhos, isso é violência. (Mãe/38 anos-B)

Violência para mim é dentro de casa. Qualquer coisa a mãe tá espancando o filho. (Mãe/32 anos-A)

Ser agredido pelos pais não se revelou, entre os jovens entrevistados, como uma forma de violência. Em muitos casos, era necessário perguntar aos jovens como agiam seus responsáveis, quando cometiam algo de errado. Percebe-se assim que a agressão física praticada pelos pais é negada pelos filhos, que a reconhecem e aceitam como estratégia de educar:

Eu apanho da minha mãe, mas não é violência, é pra educar. (Jovem/masc/12 anos-D1)

Meu pai e minha mãe são muito legais, eles só me batem quando é o certo, quando eu fico brincando muito na rua. (Jovem/masc/12 anos-H1)

Apenas um jovem considerou apanhar dos pais uma prática violenta e errada:

Eu acho que eles [pais] me baterem é errado, que isso é violência. (Jovem/masc/12 anos-H1)

Entre as mães, o “bater nos filhos” também é visto como meio de educar para que o filho “não cresça malandro”, “não cresça no caminho errado”:

Eu bato sim. Precisou, eu tô batendo. É melhor bater agora do que chorar mais tarde, quando já tá no caminho errado. (Mãe/42 anos-L)

Eu bato sim! E tem que ser de cinta, porque com a minha mão dói. Dá uma dor nos nervos que só vendo! [...] Se não for assim, cresce malandro. (Mãe/40 anos-H1)

Nos depoimentos seguintes, é possível constatar que a violência contra os filhos possui determinadas limitações. Agressões físicas em áreas sensíveis do corpo como olho e cabeça, provocadas por pedaço de ferro ou pau, foram consideradas em algumas situações como formas que extrapolam os limites aceitáveis da agressão física contra os filhos:

Ele [filho] apanhou estes tempos de mim. [...] E eu bato de cinta, porque com a mão não adianta, tem que ser de cinta, de chinelo, com uma vara bem firme! [...] Teve uma vez que eu fiquei cega, eu peguei um negócio no chão, eu achei que fosse uma mangueira, uma borracha, sei lá, e não, era um ferro! E acertei o olho dele [filho] e quase que eu furo o olho do meu filho! Ai que vi que exagerei! (Mãe/42 anos-G)

Ele [padrasto do filho] bate do que tiver na frente cinta, pau, vassoura e é na cabeça que ele bate. Como coisa que na cabeça fosse lugar de bater! Mas ele não olha lugar não. (Mãe/38 anos-I)

Uma vez, o meu pai foi bater em mim, ele bateu com força. Daí pegou a fivela no meu olho e machucou [mostra a cicatriz no olho] e nunca mais ele me bateu. Agora só a minha mãe que bate em mim. (Jovem/mas/12 anos-A1)

Na maioria dos casos, as mães foram consideradas as principais autoras dos atos agressivos, seguidas dos pais e padrastos. Provavelmente este fato ocorra porque as mães estão mais atentas aos filhos, acompanhando mais de perto suas ações cotidianas.

Entre as mães entrevistadas, pode ser constatado que muitas, ao bater nos filhos, agem de forma mais violenta quando comparada com os castigos infligidos às filhas. Entre as três meninas entrevistadas apenas uma relatou ter apanhado de vara. As outras duas disseram ter levado palmadas, consideradas por elas uma forma mais amena de serem agredidas.

A minha mãe me bate de vara. (Jovem/fem/14 anos- J1)

A minha mãe só me bate com a mão. (Jovem/fem/12 anos-K1)

Eu levo só uns tapas de vez em quando da minha mãe. (Jovem/fem/13 anos-F1)

Azevedo e Guerra (2001), em pesquisa realizada com crianças e adolescentes entre 7 e 15 anos, estudantes de escolas públicas de São Paulo²¹, constataram situações semelhantes às aqui obtidas. Segundo as pesquisadoras, a violência praticada pelos pais contra os filhos encontra-se presente entre pessoas de diferentes origens sócio-econômicas. De acordo com os dados apresentados, mais de 50% dos meninos e meninas, independentemente da classe social a qual pertenciam, revelaram ter apanhado dos pais. No entanto, algumas formas cruéis de punição corporal como queimaduras, ataque com faca ou revólver apareceu entre os adolescentes residentes em regiões mais empobrecidas. Ainda segundo as autoras, independente das condições socioeconômica, a mãe foi indicada em 57,7% das respostas como aquela que mais bate nos filhos.

Além das agressões físicas, algumas mães entrevistadas para este trabalho relataram ainda outras formas de violência, como as ameaças dirigidas aos filhos. Em uma espécie de preparação para o ritual da violência física, duas mães assim se expressam:

²¹ Para a realização da pesquisa, as autoras delimitaram algumas escolas públicas localizadas em regiões com Alto Índice de Desenvolvimento Humano e outras situadas em locais com Baixo Índice de Desenvolvimento Humano.

Eu falo se você não passar de ano, você vai apanhar: "você tem que se esforçar porque eu não sou obrigada a trabalhar pra comprar material para no outro ano, repetir o mesmo material e gastar o mesmo que eu gastei". (Mãe/42 anos-L)

Esses dias eu falei "olha, menina você tá marcada na minha caderneta. O saco vai enchendo, na hora que o meu saco encher você vai ver." (Mãe/30 anos-K)

Ao desejar a morte do filho por considerá-lo um marginal, uma mãe reproduz no próprio ambiente doméstico o estigma, que ainda se faz presente na sociedade atual, ou seja, a discriminação de jovens em situação de vulnerabilidade, vistos ainda como meninos e meninas de rua, futuros bandidos, como seres passíveis de serem banidos do convívio social. Abaixo, o jovem reproduz o discurso da sua mãe:

A minha mãe ficava me acusando, dizendo que eu era um marginal. Eu falava "ah, sou mesmo", falava "ah, moleque você é um marginal, tem que morrer" e eu pensava "ah! se eu morrer, não vou fazer falta pra ninguém". (Jovem/masc/12 anos-B1)

Comportar-se de maneira indisciplinada na escola e permanecer na rua além do tempo permitido pelos pais, estão entre os principais motivos pelos quais os jovens são agredidos pelas mães:

Foi porque ele xingou demais a professora de ciências. Ele chamou a professora de puta. E ele tava demais, aí eu dei uma surra nele pra valer. (Mãe/38 anos-I)

Foi porque eu fui lá [na escola] e ele tava cheio de nota vermelha e não ia passar mesmo por causa de bagunça, aí eu bati. (Mãe/38 anos-H)

Eu bati nele foi porque lá na escola ele pegou e cortou a pontinha do cabelo da menina, aí me chamaram lá [...]. Aí eu bati [...]. (Mãe/42 anos-L)

Eu bati porque o [...] ficou muito na rua. (Mãe/43 anos-D)

Quando eu fico muito na rua, eu apanho. (Jovem/masc/12 anos-H)

Visto pelas mães como uma forma de defesa, o envolvimento dos filhos e das filhas em brigas nas ruas ou em casa com os irmãos não foi, apontado como um motivo para punir ou repreender os filhos. Ao se depararem com situações de brigas entre os filhos em casa, algumas mães assim relataram seus comportamentos:

Deus que me livre falar! Mas a semana passada se não fosse o vizinho, o [filhox] tinha matado o [filhoy]. Ele pegou a faca e colocou no pescoço [filhoy], aí o [filhoz] tava aqui e foi lá chamar a vizinha para acudir. Depois que ela me ligou no serviço avisando [...], mas quando eu cheguei de tarde eu nem falei nada porque o meu filho [y] é terrível, ele jogou o tênis do [filhox] lá do outro lado, no quintal da vizinha. (Mãe/38 anos-I)

Eu briguei com a minha irmã uma vez [...]. Ela começou dar chute em mim, aí fui lá falei para minha mãe e ela não falou nada. Aí eu peguei, saí de perto e ela provocava, batia, batia e a minha mãe perto não fazia nada. Aí eu não agüentei! Peguei e taquei uma pedra no braço dela. Quebrei o braço dela na pedra! (Jovem/masc/12 anos-B1)

Esses dias, ela [filha] deu um tapa na boca do irmão dela e falou assim “a próxima vez que você me chamar de vagabunda eu quero ‘dibuiar’ seus dentes. Porque eu não sou biscate. Eu nunca dei para ninguém para você falar isso de mim.” Ela deu uns tabefes nele aqui perto de mim e eu não fiz nada. Não briguei com ela, porque ela tá na razão dela. Ele tem que aprender a respeitar ela, por mais que ela brigue com ele, isso não é palavreado de um irmão falar pra uma irmã. (Mãe/39 anos)

O uso de bebida alcoólica foi citado como um dos principais desencadeadores da violência. Ao confessar ter sido alcoólatra, uma mãe relata seu comportamento em relação aos filhos:

Eu era alcoólatra, eu quase morri! E quando eu bebia, ficava mais nervosa, qualquer coisa eu já explodia. Aí se eles [filhos] me irritassem, eu batia, mas se ficasse quieto, eu ficava na minha. (Mãe/42 anos-L)

Este jovem, ao lembrar o momento em que apanhou de soco do padrasto, abaixa a cabeça e chora, revivendo o sofrimento diante da violência sofrida:

*Ele [padrasto] me bate de soco, quando ele tá bêbado [choro].
(Jovem/masc /13 anos-I1)*

A mãe do jovem acima citado, ao referir-se ainda ao motivo pelo qual o filho apanha, relata a preferência do companheiro pelos filhos biológicos em detrimento do enteado:

Ele [o companheiro] bate mais no [enteado] com mais raiva, com mais violência. Nos outros que é filho dele, não. E ele [filho] fala “porque que ele bate só em mim e não bate nos meus irmãos?” Acho que é porque ele não é filho dele, né? Geralmente, padrasto não é grande coisa. (Mãe/38 anos-I)

Ao serem agredidos pelos pais, grande parte dos jovens não toma qualquer atitude. Muitos relataram não fazer nada, permanecendo quietos diante do seu agressor (a). Julgam-nos(as) correto na sua maneira de agir e que devem a ele (a) respeito e obediência. Nem mesmo o choro foi apontado como forma de reação dos jovens. Isto significa, que precisam demonstrar força e resistência diante da punição a um ato errado cometido:

Eu fiquei quieto, não fiz nada. Eu tava errado. (Jovem/masc /12 anos-G1)

Eu fico quieta. (Jovem/fem/12 anos-K1)

Eu vou dormir, não faço nada. (Jovem/fem/14 anos-J1)

No entanto, quando agredidos por pessoas que não são os pais, alguns jovens relataram ter reagido à violência sofrida. É o que pode ser observado de acordo com o depoimento de dois jovens:

Quando meu padrasto me bate, eu fujo de casa. Fico lá no centro pedindo dinheiro para comer. Já fiquei uma semana dormindo na rua. (Jovem/masc/13 anos-I1)

Ele saiu com a molecada, ficou muito na rua, aí eu fui lá e contei pra minha mãe. Ela ficou brava com ele, bateu nele pra corrigir, né? Ah! ele ficou com raiva [...]. Saiu foi lá fora e mandou pedra na minha

casa. Moeu a vidraça da minha casa. Olha, eu juro, eu fiquei com medo do meu próprio filho. Eu não tive coragem de sair lá fora pra enfrentar ele de tão violento que ele tava. Eu desconheci ele. (Mãe/38 anos-B)

Grande parte dos jovens entrevistados relatou se sentir nervosos ou com ódio, ao apanharem de seus pais. Expressam um sentimento de revolta diante da violência sofrida:

Eu fico nervoso, porque ela bateu em mim e eu não gosto. Eu não gosto de apanhar não. (Jovem/13 anos-D1)

Eu fico nervoso. (Jovem/masc/13 anos-D1)

Eu ficava nervosa quando ela [mãe] me batia. (Jovem/fem/14 anos-J1)

Eu sentia ódio. (Jovem/masc/12 anos-I1)

Eu sinto ódio. (Jovem /masc/13 anos- H1)

O sentimento de dor foi citado somente por um jovem:

Eu senti muita dor. (Jovem/masc/12 anos-A1)

Embora muitos jovens se mostrem revoltados com a violência sofrida, estes sentimentos não são traduzidos em agressões físicas ou verbais contra os pais, os quais detêm maior força física e poder de punir. Entre as mães, o sentimento de raiva foi citado como motivador para o ataque de fúria, ao se sentirem desafiadas pela impertinência dos filhos. De acordo com Azevedo e Guerra (2001:38) *esta resposta é passível de ser desencadeada onde e quando a sociedade considere natural que pais batam nos filhos para o próprio bem deles.*

Eu não gosto de bater, mas na hora dá vontade de bater mais, de tanta raiva que eu fico. Mas aí tem que parar, senão eu acabo machucando. (Mãe/43 anos-D)

Quando eu bato, eu sinto raiva e vontade de bater mais ainda. (Mãe/43 anos-E)

Eu batia de mangueira. Sentia raiva deles, olhava pra cara deles sentia raiva das coisas erradas que eles fazia. (Mãe/38 anos-G)

Segundo análise de Marques et al (1994), a família, que deveria oferecer aos seus jovens um ambiente de tranquilidade, auxiliando na formação da personalidade da criança, de modo a prepará-la para os 'tropeços da vida', inverteu o seu papel transformando-se no seio da violência dos mais fortes contra os mais fracos.

A violência doméstica praticada pelos pais contra os filhos mostrou-se ser uma ação bastante presente nos lares dos jovens, sujeitos desta pesquisa. Ao conceberem as agressões físicas como meio legítimo de serem punidos e ao temerem a força física dos pais, os jovens em um primeiro momento se comportam como vítimas passivas da violência sofrida. Entretanto, o sentimento de impotência, a revolta e o inconformismo expressos nos jovens, ao serem agredidos pelos pais, pode ser considerado um dos fatores de potencialização das brigas e provocações praticadas pelos jovens contra seus colegas e contra seus irmãos.

Ainda no âmbito da violência doméstica, a agressão física envolvendo cônjuges também pode ser considerada como uma das principais formas de violência com que os jovens se deparam no ambiente doméstico.

Agressão Física entre Cônjuges

A violência entre cônjuges é vista pelos entrevistados como decorrente de agressões físicas, seguida de lesões corporais. Nas definições abaixo, fica evidente o conceito de violência elaborado por algumas mães:

Violência para mim é dentro de casa. Por exemplo, o marido que espanca a mulher, porque eu quando era criança eu assistia isto dentro da minha família entre meu pai e minha mãe. Então a violência para mim é isto. (Mãe/32 anos-A)

Ele uma vez me empurrou, eu caí e quebrei a minha clavícula no chão. Foi uma violência o que ele fez comigo. Mas só essa vez que eu machuquei, no resto ele me empurrava sim, mas assim bater, espancar, machucar, não! (mãe/38 anos-B)

O uso de drogas lícitas ou ilícitas é apontado pelas mulheres vítimas da violência como o principal fator das agressões físicas e ameaças sofridas. Dos quatro casos relatados, em três os parceiros conjugais foram considerados os principais agressores. Nas expressões “quase sempre” e “quase todo dia” fica evidenciada a violência que atingiu seu estágio crônico no ambiente doméstico:

Eu sofria muito com meu marido. Eu apanhava dele quase sempre! Ele bebia muito e não trabalhava, aí eu implicava com ele e ele me batia. Eu vivia toda roxa, ele me batia com a foice, com o cabo da foice. (Mãe/36 anos-J)

O pai deles [filhos] mesmo, a gente brigava muito, ele era ruim comigo, me batia [...]. Quase todo dia ele chegava cedo da rua e já era aquele 'brigueiro'. Já queria bater nas crianças, aí eu entrava no meio falava “não, amor, não faz isso” e ele ia pra cima de mim já começava a me xingar, chamar de vagabunda... Nosso relacionamento era um horror! (Mãe/38 anos-G)

O meu marido amanhecia na rua usando droga, então a gente brigava muito. Eu falava pra ele “eu vou sumir daqui, eu vou embora”, e ele falava “se você for embora, eu mato você” [...]. (Mãe/38 anos-B)

Segundo Linhares (1998), ao mencionar dados correspondente ao período de 1991 a 1996, provenientes das delegacias distritais e de cinco Delegacias Especializadas de atendimento à mulher (Deams) no Rio de Janeiro, coloca que entre os tipos de ocorrência mais comuns contra as mulheres estão as lesões corporais e as ameaças. No caso das lesões corporais, cerca de 65% das ocorrências denunciadas nas Deams refere-se a agressões físicas provocadas em grande parte pelos parceiros conjugais das vítimas.

Quanto aos crimes de ameaça, 52% do conjunto das ocorrências registradas nas delegacias distritais tinham como vítimas mulheres. Na pesquisa realizada para este trabalho de pesquisa, apenas uma situação mencionada apresentou a mulher como a principal agressora do homem. É o que relata uma jovem quando reporta à agressão física da mãe ao companheiro:

Agora meu pai não bebe mais, mas quando ele bebia e chegava bêbado em casa, a minha mãe não gostava. Ele nem falava nada e ela já batia nele [...] Ela é forte e ele tava bêbado, aí ele apanhava dela. (Jovem/ fem/12 anos-K1)

A mãe desta jovem, entretanto, ao ser indagada em entrevista se apanhava ou batia em seu companheiro, negou o fato. Ao sorrir, ela me disse:

Bater no meu marido? Eu ainda não estou louca! (Mãe/30 anos-K)

Este fato vai ao encontro do defendido por Saffioti (1997). De acordo com a autora, a agressão da mulher contra seu cônjuge, mesmo que para se defender é mal vista pela sociedade, que só legitima a violência praticada pelos homens.

Em outro depoimento, no entanto, uma mãe cita a agressão física contra o companheiro como estratégia de defesa do seu agressor. Orgulhosa do feito, ela assim se expressa:

Chega uma hora que a gente não agüenta só apanhar, só apanhar e briga com marido. Eu não chamo a polícia não, eu mesma resolvo. Quando eu morava com meu marido numa briga, eu enfiei a faca nele, furei tudo a perna dele! Aí separamos. Acabou faz 3 anos já. (Mãe/38 anos-G)

O fato é confirmado pelo seu filho:

Meu pai batia na minha mãe, aí um dia ela deu duas facadas na perna dele. (Jovem/masc/12 anos-G1)

Outra mãe relata ainda não reagir à violência física sofrida por considerar-se fisicamente inferior ao companheiro:

Eu já fui agredida pelo meu marido, mas nunca agredi ele não. Eu não conseguia bater nele! Não tinha como, ele era forte demais! [...] Agora ele já tá preso tem cinco anos. (Mãe/38 anos-B)

Entre as alternativas utilizadas para conter as agressões sofridas, uma quarta mãe relata ter procurado a justiça. Foi quando decidiu denunciar o companheiro pela violência praticada:

Eu tinha vontade de matar ele. Aí uma vez eu dei um arranhão na cara dele e depois eu denunciei ele. Dei parte dele no papel, mas ele não foi preso não. Chamaram ele na justiça, mas ele não foi, aí de tanto beber ele passou mal. Quase morreu, aí que ele parou. (Mãe/36 anos-J)

Apesar da denúncia feita, nenhuma providência foi tomada pela justiça para conter o agressor, que só parou de violentar sua vítima por vontade própria. Esta questão reflete um contexto mais amplo que diz respeito à impunidade dos crimes cometidos no ambiente doméstico.

Segundo Linhares (1998), em uma única delegacia do Rio de Janeiro, em 1995, 498 mulheres registraram pela segunda ou terceira vez agressões anteriores. Ou seja, há uma recorrência de agressões e ameaças que não têm os encaminhamentos adequados no sistema policial.

Ainda de acordo com a autora (1998), há uma hierarquia que determina a importância na investigação dos crimes cometidos. Crimes ocorridos na rua são considerados mais graves, quando comparados com aqueles cometidos no ambiente doméstico. *A quantificação do preconceito que impregna o judiciário [...] exigiria a análise de todos os processos, para verificar quantas vezes os juízes usaram ao quantificar uma mulher vítima de violência, termos como 'leviana' ou 'mentirosa'. (Linhares, 1998:107)*

Nas entrevistas realizadas para o trabalho de pesquisa que aqui se apresenta, nos casos de violência entre cônjuges, os filhos foram citados também como vítimas. Ao vivenciarem brigas com seus companheiros, algumas mães relataram ter agido de modo menos tolerante com seus filhos. Ficar brava e bater foram algumas atitudes agressivas tomadas pelas mães em relação aos jovens. Diante deste contexto, uma mãe relata como os filhos foram influenciados pelo cenário de violência em que viveram e o modo como eles reproduziram no ambiente público as agressões com que se deparam dentro de casa:

Quase todo dia a gente brigava [mãe e o companheiro] e os meus filhos tavam tudo perto. Eles ficavam vendo e gritavam. Ficavam doidinhos [...]. Brigavam mais na rua, porque eram criados com agressão dentro de casa, aí ficavam agressivo na rua também. Não é fácil não. Na escola, eles brigavam, xingavam a diretora, os colegas. Aí me chamavam lá sempre! E eu não tinha paciência não, eu batia mesmo. (Mãe/38 anos-G)

As crianças viam a gente brigando [mãe e o companheiro] e choravam e ficavam super agitadas, nervosas. E eu andei percebendo que eu alterava com as meninas também. Eu era mais brava pra elas. (Mãe/30 anos-K)

Prado e Oliveira, ao discutirem a violência que envolve parceiros conjugais nas famílias de camada populares, colocam que a família pode ser definida em muitos casos como 'um terreno privilegiado para o aprendizado de normas, valores e técnicas de violência'.

No entanto, é importante ressaltar que a violência entre cônjuges não constitui um fenômeno da pobreza. De acordo com Linhares (1998), em 1995, 5,82% do total dos Boletins de Ocorrência (BOs) feitos junto a cinco Deam no Rio de Janeiro diziam respeito a mulheres com renda superior a cinco salários mínimos. E 5,7% partiam de mulheres com grau superior de instrução. Certamente, completa a autora, para as mulheres com melhor situação econômica há outros meios a serem recorridos, como a busca de apoio de um advogado. Isto implica em um menor comparecimento das mulheres vitimizadas às delegacias, o que não indica que elas sejam menos agredidas que as mulheres pobres.

Raiva foi o sentimento mais expresso pelas mães ao serem agredidas, associado à vontade de matar e de se ver livre do agressor. Este sentimento aparece como principal motivador para as agressões físicas das mulheres contra seus companheiros:

Eu morria de raiva do meu marido. (Mãe/36 anos-J)

Eu sentia muita raiva, ai meu Deus do Céu!! Eu queria que ele sumisse, eu queria matar ele na hora da raiva. (Mãe/ 38 anos-B)

Eu sentia raiva, vontade de me livrar dele. (Mãe/38 anos-G)

Entre os jovens que presenciaram atos agressivos entre cônjuges no ambiente doméstico pode ser observado um sentimento de indiferença em relação à violência que não os atinge de forma direta. Sentimento semelhante pode ser analisado no item homicídios, quando alguns sujeitos desta pesquisa se mostraram indiferentes diante das mortes que não envolviam pessoas conhecidas ou da família.

Ou seja, a única violência que ainda desperta algum sentimento é aquela que desencadeia a morte de algum membro da família.

Eu não senti nada, não aconteceu nada comigo, só aconteceu com ele. (Jovem/masc/12 anos-G1)

Eu não sentia nada, eu achava engraçada a minha mãe bater no meu pai. (Jovem/fem/12 anos/K1)

De acordo com a construção social da violência realizada pelos sujeitos desta pesquisa pode-se constatar que a agressão física é a forma de violência vivenciada com maior intensidade pelos jovens e suas mães. No espaço público os homicídios decorrentes do tráfico de drogas e as agressões física ente jovens foram citadas com maior ênfase. No ambiente domestico as agressões praticadas pelos pais em relação aos filhos e as brigas envolvendo cônjuges ganharam destaque nas falas dos entrevistados.

Frente aos significados da violência acima construídos, será a seguir analisada a atuação do projeto Viva a Vida no atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco. Tendo em mente os objetivos do projeto que estão voltados para o desenvolvimento de uma educação para cidadania baseada no enriquecimento artístico cultural, no desenvolvimento biopsicossocial da criança e do adolescente, na potencialização da auto estima, na formação de valores de cooperação, ética e respeito e na promoção da sociabilidade e convivência familiar, serão a seguir apresentado as mudanças e desafios enfrentados pelo projeto no trabalho junto aos seus usuários. Também será discutido sugestões e críticas feitas por mães e jovens em relação as atividades desenvolvidas pelos projeto.

4.2 PROJETO VIVA A VIDA: MUDANÇAS E DESAFIOS DE UM PROJETO EM CURSO

4.2.1 Mudanças de Comportamento

Neste item, pretende-se abordar as mudanças atribuídas ao projeto Viva a Vida, relacionadas ao comportamento de jovens em situação de vulnerabilidade para a violência.

No discurso das mães, ao se referirem sobre os motivos pelos quais matricularam os filhos no Viva a Vida, ficava explícita a opinião de que o jovem que frequenta o projeto “não fica na rua à toa” e ocupa-se com o aprendizado de coisas boas, como são as atividades de capoeira, artes plásticas, dança, entre outras que lá são desenvolvidas. Por trás desta idéia, estava sempre presente, embora nem sempre explicitada, a preocupação com a violência e com a má influência do crime organizado que atua no assentamento e que tem os jovens entre suas principais vítimas.

Dentre os inúmeros depoimentos que mostram que as mães consideram a rua como sendo um lugar perigoso, onde os filhos estão sujeitos a serem atingidos por balas perdidas, a se envolverem “com más companhias” e “aprenderem o que não devem”, alguns podem ser citados:

Na rua, ele aprende muitas coisas que não presta. (Mãe/32 anos-A)

Eu matriculei ele [filho] por uma questão, assim, para ele não ficar na rua à toa aprendendo o que não deve. Ele [filho] já chega da escola e já vai pra lá [Projeto Viva a Vida] e lá também já tem as atividades, né? Então, quer dizer, tira o tempo da criança ficar na rua. (mãe/38 anos-B)

O [filho] ficava muito na rua. A professora chegou a achar cigarro dentro da bolsa dele, canivete. Ele tava no 2º ano da escola quando ele começou a ir pro caminho errado, andar com má companhia. A professora da escola ficou até com medo que ele tava se envolvendo com droga. Aí, ela que conseguiu o projeto pra mim pra ele não ficar na rua. (Mãe/38 anos-I)

Lá [no Projeto Viva a Vida] eles pintam, desenham, brincam, tem capoeira, dança, artes. Então, é melhor do que ficar na rua, né? (Mãe/36 anos-J)

Ele vai no projeto para não ficar o dia inteiro na rua, porque na rua a gente tem medo. Eu tenho que trabalhar e a gente não fica com a cabeça tranqüila. Fica pensando: “ai, meu Deus do céu, o que será que tá acontecendo com meu filho?” A gente tem medo, porque na rua sai tiro, tem bandidinho, então a gente tem medo. (Mãe/42 anos)

Eu coloquei ela lá porque ela ficava na rua. Ela ficava na rua brincando de pega-pega, brincava de casinha, de pular elástico e eu não gostava, porque na rua é perigoso. A gente tem medo de tiro de bala perdida. (Mãe/36 anos-K)

Outro motivo ressaltado por uma das mães para a inserção do filho no projeto está relacionado à intenção de que ele não fique perambulando pelas ruas no centro da cidade de Londrina. Alvo de projetos sociais de abordagem de rua, como é o Sinal Verde, que tem entre seus procedimentos o encaminhamento para o Conselho Tutelar, esses jovens têm atendimento priorizado no Viva a Vida. Considerando esta questão, é possível compreender o problema que envolve a falta de vagas no projeto diante da demanda apresentada, o que aponta para a necessidade de ampliação dos atendimentos prestados. Nos depoimentos abaixo, este fato é abordado por duas mães:

Ele [filho] saía demais, aí o Conselho Tutelar trazia ele aqui pra mim. Ele ficava muito na rua lá no meio [centro de Londrina]. Aí, a assistente social arrumou vaga aqui para ele no projeto [Viva a Vida]. Porque é difícil, eu já tinha ido lá e eles [coordenadores] falaram que não tinha vaga. (Mãe/38 anos-G)

Não é toda mãe que tem oportunidade de por o filho no projeto. Igual aqui nesta rua aqui, tem muita criança aqui que não tá no projeto. Se fosse uma coisa que o projeto fosse maior, que tivesse mais educador. Se a prefeitura tivesse mais gente pra colocar daria para pegar muitas mães que passa dificuldades com os filhos. Tem muitas mães que sai para trabalhar e os filhos fica por conta, fica sozinho em casa. (Mãe/39 anos-F)

A frequência no projeto é vista também como possibilidade de um futuro melhor que, na visão de uma das mães, contribui para prevenir uma situação de gravidez da filha adolescente:

Eu matriculei ela [filha] no projeto porque eu quero que ela tenha um futuro bom. A gente que é adulto sabe que adolescente é difícil. Quando chega na adolescência, a gente sabe que o filho dá um pouco de trabalho. Então, a gente tem que cuidar! A gente não quer que ela fique assim andando pras casas dos outros, com namoradinho pra lá e pra cá. Amanhã ou depois chega aqui grávida e daí? (Mãe/39 anos-F)

Entre os jovens, há um consenso que aponta para o reconhecimento de que “ir para o projeto é melhor do que ficar na rua”. Neste sentido, o projeto é visto como um local de proteção à violência, de ocupação do tempo ocioso e de aprendizado, em contraste com os perigos e ameaças cotidianas do assentamento onde moram:

Aqui é melhor, porque na rua aprende coisa errada. Aprende roubar, matar. (Jovem/masc/13 anos-D1)

Porque na rua tem muita morte, bala perdida e no projeto a gente aprende muitas coisas: dança, capoeira, aprende fazer boneca de pano, pintura e não fica na rua. (Jovem/fem/12 anos-C1)

Durante o período de acompanhamento das atividades no projeto, o discurso de coordenadores e educadores era de que nenhuma criança ou adolescente ali presente encontrava-se envolvida em atividades ilícitas. No entanto, no decorrer das entrevistas, foi percebido o envolvimento de três jovens em atividades como a prática de roubos e porte de arma. Após a inserção no projeto, dois deles relataram mudanças de comportamento.

Eu usava droga. Aí eu quebrava tudo dentro de casa e minha mãe me colocou aqui no projeto e mudou a minha vida. Eu parei com tudo. Eu roubava, a minha mãe falava comigo e eu gritava com ela. Discutia, xingava e agora eu não xingo mais. Eu cheirava cola, fumava maconha, maconha e maconha, e cigarro também. E tudo escondido, porque eu ficava até tarde na rua. Daí quando ela [a mãe] ia dormir eu chegava, tomava banho e ia dormir [...]. Eu vinha no projeto, mas mesmo vindo no projeto, eu ainda continuei roubando um pouco. Mas fui parando aos poucos. Aí eu parei. Eu falei “vou tomar uma decisão na minha vida”, aí eu parei. Foi decisão minha e do projeto. Eu tinha dois caminhos pra perseguir: cadeia ou ir pro cemitério. Aí eu decidi seguir o caminho melhor, né! (Jovem/masc/12 anos-B1)

Eu venho aqui pra fazer as atividades, brincar com os meus amigos [...]. Antes de estudar no projeto eu brincava na rua. Agora mudou a minha vida. Eu estou melhor na escola, antes na rua eu só ficava bagunçando: mexia com os outros, catava as coisas dos outros, roubava bicicleta aqui no bairro pra andar. Agora eu parei. (Jovem/masc/12 anos-G1)

No entanto, um jovem afirmou ainda praticar roubos. Outro, que se diz um membro da “tropinha”, serve de segurança dos traficantes que atuam no assentamento. Se por um lado este fato demonstra uma desinformação da equipe técnica sobre a vulnerabilidade ao risco para violência que atinge os jovens, por outro aponta para a necessidade de uma maior integração do projeto com o contexto vivenciado pelos educandos. Alguns depoimentos demonstram esta realidade:

Eu roubo com a molecada. Eles chamam eu, aí eu entro e pego as coisas dentro de casa e se o dono da casa reagir a gente bate, espanca ele. (Jovem/masc/13 anos-E1)

Eu sou da tropinha do [traficante] já tem três anos. A minha arma é eles que emprestam. (Jovem/masc/12 anos-G1)

Entre as opções de ir para rua, correndo os perigos por ela oferecidos e a de ficar em casa, alguns jovens, antes de participarem do projeto, optavam pela segunda por considerá-la uma alternativa mais segura. É importante lembrar que as famílias desses jovens, por serem pobres, vivem em espaços pequenos e sufocantes. Desse modo, o Viva a Vida é então apresentado como um espaço de liberdade, de lazer, de novas relações e experiências. É o que pode ser observado de acordo com a fala de uma mãe e dois jovens:

Eu matriculei porque aqui eles não tinham espaço para brincar e para não ficar na rua. (Mãe/32 anos-A)

Eu venho aqui para fazer atividades, brincar com meus amigos. Em casa, não tem nada para fazer. [...] Na rua tem morte, bandido, tiroteio, nem dava para brincar. (Jovem/masc/13 anos-D1)

Eu chegava da escola e não tinha nada para fazer, aí eu só ficava assistindo televisão, porque na rua não podia sair por causa que aqui tem muita violência [...] O projeto mudou a minha vida para melhor, porque aqui eu brinco, converso com meus amigos, tem dança, capoeira, pintura, todas essas coisas. (Jovem/fem/13 anos-F1)

O projeto se constituiu também em um espaço de lazer e entretenimento para as mães. Diante do convívio com situações de cerceamento da liberdade provocadas pela violência no assentamento, muitas mães se restringem a permanecer no ambiente doméstico. Atividades como conversar com um vizinho ou caminhar pelo assentamento podem ser motivos de risco. Neste sentido, o projeto é visto como um local de lazer, socialização, respeito e troca de experiências:

É bom vir nas reuniões porque eles [coordenadores do projeto] chamam, conversam com a gente, falam das bagunças das crianças pra gente chamar a atenção deles. É bom, tem brincadeiras nas reuniões, a gente brinca da cor da roupa. Fala a cor da roupa, aí todo mundo que tem aquela cor na roupa tem que levantar e trocar de lugar. É bom que 'interte' a gente! (Mãe/36 anos-J)

Às vezes, a gente chega nervosa lá [na reunião do projeto] e aí 'interte' nas brincadeiras, dá risada, conversa... Então é bom! (Mãe/40 anos-H)

Além das atividades internas ao projeto, os jovens têm a oportunidade de interagir junto a espaços que extrapolam a estrutura física do Viva a Vida. A promoção de eventos para que os jovens mostrem os resultados dos seus trabalhos, como a apresentação de capoeira e dança em espaços públicos mais amplos – o calçadão no centro da cidade, por exemplo - contribui para que o jovem, muitas vezes discriminado pela sociedade devido a sua condição de pobreza, interaja como cidadão na cidade na qual vive. A iniciativa do projeto em despertar nos pais ou responsáveis o interesse pela produção artística dos filhos é também vista como um ponto positivo. No depoimento abaixo, uma jovem diz sentir-se incentivada com a presença da mãe em sua apresentação de dança. Em seguida, uma mãe relata a satisfação da filha ao se fazer presente nos eventos em que ela participa:

Nós fazemos apresentação de dança fora. Eu fico com vergonha, mas eu gosto. Gosto também que a minha mãe vai ver eu fazendo, pra ela ver o que eu aprendi. (Jovem/masc/13 anos-L1)

Eu gosto das apresentações deles [crianças e jovens que freqüentam o projeto]. Eu fui ver uma vez lá no calçadão. Ela [filha] gosta que a gente vai ver. Ela fica contente. Um monte de criança e adolescente apresentando é bonito de ver. (Mãe/36 anos-J)

O desenvolvimento da capacidade de resolver conflitos sem o uso da violência tem constituído um importante exercício para as mães e jovens que freqüentam o projeto. Ao participar de uma reunião, uma mãe testemunhou a importância dos pais ou responsáveis discutirem conjuntamente as dificuldades encontradas na educação dos filhos:

A gente faz grupo e acaba saindo resultado bom. Nas reuniões, a gente fica sabendo alguma coisa lá daquela mãe, o que ela está passando. Porque julgar é fácil, mas a gente nunca sabe o que aquela mãe tá passando com aquele filho. [...] Eu aprendi muito, porque uma vez uma mãe colocou que aqui no projeto os colegas tavam tirando sarro do menino dela porque ele tinha problema na vista e, você sabe, eles [crianças e adolescentes que freqüentam o projeto] são terríveis! Então, ele [coordenador do projeto] deu oportunidade para aquela mãe expor os problemas dela e eu acho que resolveu, porque eu não vi mais ela reclamar. Porque aí chega em casa a gente conversa com o filho da gente. Então, eu acho que eles entenderam. Ela falou que o filho dela tá até gostando do projeto agora. (Mãe/30 anos-K)

Educar os filhos por meio de agressões físicas é uma prática que está sendo revista no ambiente doméstico. Grande parte das mães entrevistadas revela estar adotando outras formas de se dirigir aos filhos, quando eles cometem erros. Ao reconhecerem que a surra não tem trazido grandes êxitos, mas que, ao contrário, contribui para potencializar um comportamento violento no jovem, algumas mães assim se expressam:

A surra deixa ela [filha] mais revoltada. Vai ficando revoltada e às vezes acaba até indo embora de casa, então eu evito bater. (Mãe/30 anos-K)

Porque eu batia, no começo dava resultado, mas depois de uma semana aprontava tudo de novo. (Mãe/38 anos-G)

Percebe-se assim o trabalho desenvolvido pelo projeto no sentido de apresentar às mães outras formas de educar os filhos, que não sejam por meio da violência. Conversar, dar conselhos, ou mesmo adotar outras formas de punição como o castigo, foi uma das alternativas apontadas pelas mães em substituição à prática da agressão física:

Eu aprendi no projeto que tem mãe que bate nos filhos de mangueira, de pau... Assim você está expulsando os seus filhos da sua casa e de perto de você. Então, você sentando e conversando com seu filho é melhor! (Mãe/39 anos-F)

Eu não sou de espancar filho não. [...] Não precisa muito: deixar ela sem assistir televisão uns dias já é o suficiente. (Mãe/30 anos-K)

A minha mãe me colocou de castigo, porque ela falou que bater não adianta. (Jovem/masc/13 anos-L1)

Agora eu bato menos neles. O projeto ajudou, porque agora eu aconselho. Mas bater, eu não bato mais. (Mãe/43 anos-E)

Ao mudar a forma de tratar o filho, uma mãe relata a melhora de comportamento do jovem, que se apresenta mais obediente às solicitações. Este fato demonstra uma maior aceitação das regras e normas colocadas, o que conseqüentemente contribui para que a agressão física seja menos utilizada com os filhos:

Eu batia muito neles [filhos] agora eu não bato mais. Espancava eles demais. Qualquer coisinha já tava batendo. Agora eu converso, falo: "Não faz isso que não tá certo". Aí eles falam: "Tá bom mãe, eu não vou fazer" e não fazem. De primeiro não, eu chegava batendo já. (Mãe/38 anos-G)

A diminuição do tempo de permanência do jovem em casa, também é apontado por uma mãe como um fato que reduz as possibilidades de agressão:

Antes ele ficava o dia todo em casa aqui comigo. Ah, aí aprontava e apanhava mesmo! (Mãe/42anos-L).

É importante lembrar, entretanto, que o ato de bater nos filhos, apesar de estar sendo revisto, ainda é uma forma de violência bastante presente no ambiente doméstico dos jovens sujeitos desta pesquisa:

Eu acho que o projeto ajudou com as reuniões, porque ensina a maneira de como tratar um filho e aqui também ensina como um filho deve tratar uma mãe, ensina que uma mãe não tem que bater. É, tem que bater umas vezes para não acostumar, mas depois tem que conversar, pôr de castigo. Eu não apanho. Ela [mãe] me batia assim, quando eu merecia, quando era muito sério, mas agora ela conversa mais. (Jovem/fem/13 anos-F1)

A gente tem que por limites e sempre que passa dos limites eu dou umas “correíadas”, mas agora eu converso mais. Dou conselho. Não bato tanto. (Mãe/42 anos-L)

No trabalho desenvolvido pelo projeto, foi possível perceber um esforço para estreitar os vínculos familiares, o que pode ser observado quando as mães relatam estarem mais atentas às ações dos filhos. Isso acontece em grande parte porque elas participam de maneira mais próxima das atividades propostas pelo projeto, como as reuniões, cujos temas trabalhados envolvem, entre outros, o desempenho e comportamento dos filhos e também as maneiras de melhor lidar com as dificuldades na educação dos jovens. Carinho, elogio e atenção são algumas atitudes motivadas pelo projeto junto às mães que, ao dispensarem mais atenção aos filhos, reconhecem as mudanças nos jovens que se apresentam menos agressivos e mais felizes.

Com base nos resultados obtidos, é possível perceber ainda que houve uma melhoria na auto-estima dos jovens, ao se sentirem capazes de realizações valorizadas pelos pais e também pelo meio social no qual vivem. Neste sentido, algumas mães assim se expressam:

Eu aprendo no projeto também a educar as crianças. Bastante coisas que eu não fazia, agora eu faço. Eu não dava atenção pras minhas crianças, não participava das reuniões [...] aí comecei a ir, aprender a lidar melhor com ele e eu mudei com eles. Agora eles pararam de brigar. Mudaram o jeito deles conversarem. O [filho] qualquer coisinha queria brigar, agora não briga, eu falava as coisas pra eles e eles viravam as costas pra mim e saíam andando. Não davam nem bola pra mim. Agora eu falo com ele e ele fala: “Tá bom, mãe”. Então ele obedece mais. Ele faz o que eu peço. (Mãe 38 anos-G)

Eu nunca tinha chegado nela e falado: “ô filha, ficou bom, ficou bonito”. Eu não tinha prestado a atenção ainda nos trabalhinhos que ela fazia. Aí, teve uma exposição de trabalhinhos deles e eu fui ver. Você precisa ver a felicidade dela com aquelas bonecas. Aí ela chegou em casa, o meu marido falou: “poxa, minha filha, você fez,

você?” (risos) [...] eu falei pra ela: “poxa, filha, a sua boneca é a mais bonita”. Ela falou: “você achou, mãe?” E eu falei: “achei a mais bonita”. Nossa, aquilo fez ela ficar toda contente, ela ficou rindo sozinha, então eu aprendi que a gente tem que falar que tá bonito, mesmo que não tá. (Mãe/30 anos-L)

A minha mãe ficou mais legal. Ela dá carinho, conversa mais, pergunta como foi na escola e se eu estou bem. (Jovem/masc/13 anos-F1)

Estes dias, ele [filho] chegou todo contente. Ele trouxe aí uns carrinhos que ele fez. Eu falei mas que lindo! Nossa ele ficou contente. (Mãe/38 anos-J)

A valorização e o incentivo dos educadores aos trabalhos desenvolvidos pelos jovens são reconhecidos por esta mãe, que testemunha a motivação da filha na realização das atividades propostas:

Ela [filha] fala que ela desenha, e aí os professores falam pra ela que ficou bonito e ela fala pra mim assim “oh, mãe, eu fiz, mostrei pra ela [educadora] e ela falou que ficou bonito, que gostou”! (Mãe/30 anos-L)

Associadas ao trabalho desenvolvido junto às mães, outras iniciativas do projeto foram citadas pelos jovens como sendo responsáveis pela mudança de comportamento por eles engendrados. São elas: proporcionar a eles tempo para que vivenciem de forma lúdica e reflexiva, a fase da vida pela qual estão passando, possibilitar a convivência em um ambiente onde são reconhecidos independentemente da classe social a qual pertencem. Entre os depoimentos colhidos citam-se alguns:

Agora eu mudei. Antes eu ficava o tempo todo pra rua. Agora mudou a minha vida, eu tenho tempo para conversar com meus colegas, brincar... Porque antes eu ficava todo tempo na rua, não me alimentava direito, tava virando magro. A maconha tava acabando com meu corpo, tava perdendo tudo. (Jovem/masc/12 anos-B1)

Depois que a gente volta do projeto, a gente volta mais calmo. Porque na rua a gente se sente estranho, os outros olham pra gente na rua, assim... Às vezes ficava muito tempo na rua, não tomava nem banho, só lavava o pé e ia dormir. Eu já pulava cedo e ia pra rua. Já dormi duas vezes na rua e andava sujo, eu nem ligava. (Jovem/masc/12 anos-B1)

O mesmo jovem acima citado revela ainda sentimento de auto-estima ao afirmar sentir-se alegre por estar convivendo junto a bons amigos e aprendendo coisas boas:

A gente aprende muito lá [no projeto]. Lá a gente fica mais alegre, tem mais amigos gente boa. (Jovem/masc/12 anos-B1)

Baseado em atividades artístico-educativas, voltadas para o lazer, o projeto Viva a Vida contribui para canalizar as energias dos jovens para ações positivas através de gincanas e prática de competições esportivas. Castro et al (2001), ao pesquisar projetos que trabalham com jovens em situação de vulnerabilidade para o risco da violência, coloca que a arte, o esporte, a educação e a cultura podem ser vistos como contrapontos estratégicos para enfrentar e combater a violência, para construção de canais de expressão alternativos, de incentivo ao jovem para que se afastem de situações de perigo, sem que para isso lhes sejam negados meios de expressão dos sentimentos de revolta, protesto e afirmação positiva de suas identidades.

No próximo relato, uma mãe testemunha o empenho da filha ao participar da gincana promovida pelo projeto. Em seguida, um jovem se refere à importância de saber ganhar e saber perder na prática esportiva:

Teve um dia também que elas tavam tipo em turma, e ela [filha] era a líder da turma e nisso eles ia ganhar um troféu. Nossa, ela me deixou quase louca aquela semana. Tudo ela queria que eu soubesse. Foi até lá no presidente do bairro perguntar quantas pessoas moravam aqui. [...] Aí ela e um outro menino que tavam organizando a competição ganharam a competição. O troféu tá até lá em casa (risos). (Mãe/30 anos-K)

Eu jogo futebol na quadra com os moleques. Lá na [escola municipal do assentamento] fica aberto de final de semana, joga eu e o pessoal da minha rua, da outra rua, moleque do [assentamento próximo], do projeto também. Se perder, a gente não briga não, porque tem que saber ganhar e saber perder. Eu aprendi isso no projeto, antes eu reclamava, brigava, agora eu acho que eu tô certo! (Jovem/masc/13 anos-E1)

Em pesquisa junto a projetos sociais que têm o esporte como principal meio de trabalho junto a crianças e adolescentes, Zaluar (1994 a) conclui que das atividades esportivas não resultam pessoas individualistas ou competitivas, mas pessoas que reconhecem limites e que aprendem a vencer ou perder, de acordo com as regras do jogo, estabelecidas antecipadamente e válida para todos.

Apesar dos avanços observados na mudança de comportamento violento dos jovens por meio da prática esportiva, algumas dificuldades ainda são enfrentadas pelos educadores do projeto. Ao se referir a uma gincana esportiva, um dos coordenadores revelou ter forjado juntamente com educadores do projeto a vitória de um jovem, com receio de sua reação, caso viesse a perder a competição. Isto evidencia a dificuldade do projeto em trabalhar situações que envolvem atitudes agressivas dos educandos. A mãe, ao relatar a mesma gincana esportiva acima citada, testemunha a dificuldade do filho em lidar com perdas:

No projeto também, teve uma competição este ano e o [filho] bateu o pé e falou que ia ganhar a competição. E ah, se não ganha, o [filho] vira o bicho. Nossa! Ele chuta, xinga, joga pedra e tava todo mundo até os professores morrendo de medo do [filho] perder. E aí ele falava com os colegas “nós vamos ganhar, nós vamos ganhar”. Foi a competição e o [filho] ganhou. Até os professores falaram “Graças a Deus que o [filho] ganhou porque senão nós não sabíamos o que podia acontecer...” (Mãe/38 anos-B)

O mesmo jovem, ao qual a mãe se refere acima, cita a influência positiva de um amigo do projeto para sua mudança de postura em uma outra situação envolvendo uma situação de rivalidade esportiva:

Esses dias aí, eu briguei com um colega meu. Ele é do projeto também, a gente tava perdendo num jogo lá e ele começou a dar risada da gente. Ficou provocando, provocando... Era uma competição lá no projeto, aí eu achei ruim, me revoltei e fui pra cima dele. Eu fui lá, dei um chute nele. Aí ele veio e me deu um murro. Passou uns dias, um colega, meu amigo pra caramba, mandou eu pedir desculpa, porque eu não ia pedir não! Mas aí eu fui lá e pedi desculpa pra ele. (Jovem/masc/12 anos-B1)

Segundo algumas mães a convivência com “boas amigas” contribui para um comportamento diferenciado daquele apresentado quando o jovem convive com “moleques de rua”, “bandidinhos” ou “más companhias”:

O [filho] sempre teve esse temperamento rebelde. Mas diminuiu bem, porque o ano passado ele tava mais. Este ano, o [filho] melhorou bastante. Eu tive lá no projeto e eles falaram que ele tinha melhorado, mas agora parece que tá voltando, né? Ele é nervoso. Ele junta com uma molecada aqui da rua e vai lá pras chácaras. Lá tem rio que eles gosta de nadar, mas é uma molecada que é fogo. Tudo molecada de rua, má companhia, que fica fazendo o que não deve, mexendo com os outros, mexendo com droga... (Mãe/38 anos-B)

Os colegas gritam ele o dia inteiro, quando ele tá lá em casa. Não os moleques bandidinho, não. É tudo gente legal, tudo de família boa. (Mãe/42 anos-L)

Antes, as amigas dele eram tudo má companhia e agora não. Ele tem as amigas é tudo moleque bom [...] Agora ele não sai daqui de perto de casa, de primeiro, ele ia pro centro, ficava lá com a molecada, só vinha embora de noite. Agora, ele chega de noite, vai dormir e não sai mais não. (Mãe/43 anos-E)

Nas horas vagas, principalmente nos finais de semana, os amigos conquistados no projeto são também companheiros das brincadeiras no assentamento. Soltam pipa, brincam de pega-pega e de jogar “burquinha” (bolinha de gude), permanecendo sempre sob os olhos atentos dos pais, que temem a violência no local. Percebe-se assim que, apesar da falta de segurança, de equipamentos públicos de lazer - como praças e jardins - muitos jovens permanecem, mesmo nas horas vagas no assentamento, ou em locais próximos, o que aponta para o desenvolvimento de relações de pertencimento ao local onde vivem.

Além de brincarem, os jovens também ocupam as horas vagas auxiliando as suas mães nas tarefas domésticas. Lavar louça, varrer o chão e limpar a casa foram citadas por meninos e meninas como ações voluntárias de auxílio para a arrumação do local onde residem. Este fato demonstra que grande parte dos jovens está mais responsável e mais receptiva às normas e regras que determinam o tempo de brincar e o tempo de ajudar em casa. É o que pode ser percebido de acordo com os depoimentos a seguir:

Ele [filho] gosta de soltar pipa, assistir desenho e me ajuda também fazer as coisas dentro de casa. Ele lava louça, varre o chão. Mas ele brinca também, gosta de pular bastante, soltar pipa, jogar bola ali na quadra do [conjunto habitacional vizinho] [...]. Ele tem os amigos dele aqui do bairro, do projeto também, então eles ficam tudo aqui brincando por perto. (Mãe/42 anos-C)

Tem vez que eu ajudo a minha mãe a fazer serviço. Eu ajudo ela lavar louça, varrer o chão e passar pano. Eu gosto de ajudar ela porque é muita coisa para ela fazer. (Jovem/masc/13 anos-D)

Ela vai na casa da vizinha ali do lado. Ela me ajuda bastante também. (Mãe/36 anos-J)

Freqüentar a igreja, passear na casa de parentes ou participar de projetos sociais, como o desenvolvido pela ONG local voltado para o desenvolvimento do hábito da leitura em crianças e adolescentes são também algumas atividades realizadas pelos jovens nos finais de semana:

Eu vou na [ONG], a gente conta história, ouve também. Dá risada. É de dia de sábado à tarde. (Jovem/masc/12 anos-G1)

A minha mãe é crente. Às vezes, eu vou na igreja com ela. Eu gosto de cantar hino [música religiosa]. (Jovem/fem/12 anos-K1)

Ele [filho] é da infância [movimento religioso]. Então, de sábado de manhã, ele ajuda o padre na missa. Veste aquela roupa branca de coroinha, sabe? (Mãe/42 anos-C)

Entre os jovens, muitos revelaram estar adotando outras estratégias para lidar com situações conflituosas entre colegas que não a violência. Ao serem insultados, ameaçados ou provocados para brigas, eles ignoram o ocorrido em alguns casos, evitando assim, muitas vezes, o emprego da força física:

Nossa, já fiz tanta coisa na minha vida! Agora sou um moleque sossegado. Já passei vários tipos de morte. Eu tenho ameaça até hoje! Mas agora eu fico quieto, eles mexem comigo e falam: "se ele falar alguma coisa, a gente mete bala", mas eu fico até quieto assim, sabe? Mexer com esses negócios não dá certo não. Mas eles mexem, falam: "oh, bandidinho, parô, parô", "ah! Esse moleque é um cu de burro". Agora eles passam e não falam mais nada, porque eu não ligo mais pra eles. Essa vida não interessa pra mim não. Aí eu fico quieto. Não tenho mais arma. Não roubo. Não faço mais nada. (Jovem/masc/12 anos-B1)

Eles provocam a gente. Eles ficam amolando a gente, xingam a gente de palavrão. Aí eu deixo pra lá, não faço nada. (Jovem/masc/13 anos-D1)

Mudou mais o jeito de tratar os outros. No começo, aqui [projeto Viva a Vida] todo mundo era rebelde. Todo mundo, um tratava o outro mal, um respondia o outro retrucava e agora não. Agora um responde o outro fala assim: “que pena que você acha isto”. Aí não retruca, perde a graça e ele pára. (Jovem/fem/13 anos-F1)

O meu comportamento mudou, antes eu era muito nervoso e agora eu estou mais calmo. (Jovem/ masc/13 anos-H1)

Eu batia muito nas minhas irmãs. Quando a gente tá falando, elas ficam tirando “sarro”, ficavam me imitando, aí eu batia, corria atrás delas e tacava o chinelo. Agora eu brigo menos, não ligo para o que elas fazem. (Jovem/fem/14 anos-J1)

Situações envolvendo um “esbarrão” ou “um olhar meio torto” eram para os jovens motivos de brigas, seja com os colegas ou irmãos. No entanto, duas mães e um jovem, ao reconhecerem o papel desempenhado pelo projeto, assim relatam:

Ah, assim, tudo ele queria brigar com os outros, você entendeu? Os coleguinhas dele, ninguém podia olhar para ele com olho meio torto, que ele já dizia: “ei, o que você tá me olhando?” Aí a professora já me chamava na escola e falava que o [filho] tava com a nota baixa porque ele tava muito nervoso. Ninguém podia nem olhar para ele que ele já tava querendo bater. Agora, depois que ele foi no projeto ele melhorou, parou com as encrencas! (Mãe/32 anos-A)

Antes dele ir no projeto, aqui em casa, os irmãos não podiam chegar perto dele. Era só passar perto dele, se relasse já era motivo de briga. Ele brigava de mais, assim sem motivo nenhum. Era uma guerra, uma guerra terrível, mesmo entre eles. Às vezes, só de olhar um pro outro já era motivo de briga. Às vezes, até por causa de televisão, você sabe, né? Um quer um canal, outro quer outro, aí você já viu: brigam. (Mãe/38 anos-I).

Eu parei de brigar com a molecada na rua, parei de ficar encrencando com os outros na rua. [...] Era porque eles ficavam me olhando, me encarando e eu não gostava. Ficavam pondo apelido na gente também. Aí, nós saíamos no tapa. Agora não, nem ligo para isso mais! (Jovem/masc/12 anos-A1)

Uma mãe observa ainda mudanças na filha em relação à prática da violência verbal:

Eu acho que ela mudou muito, porque ela falava muito palavrão. Xingava os irmãos dela de desgraçado, mandava os irmãos dela tomar no rabo, tomar no cu e depois que ela começou a ir pro projeto ela melhorou muito nessa parte e ela aprendeu muita coisa boa. (Mãe/39 anos-F)

De acordo com o trabalho de pesquisa realizado, foi possível constatar que as mudanças nos jovens não se deram somente no âmbito da violência. Grande parte dos jovens, como das mães, relatou importantes mudanças ocorridas em relação à escola. Diferente da convivência na rua, desprovida de regras e normas, o jovem que frequenta o projeto tem pela frente a jornada escolar, depois de encerrada as atividades do Viva a Vida. Desta forma, a inserção do jovem no projeto contribui para que ele tenha uma rotina de compromissos a ser cumprida. É o que relata uma mãe:

A [filha] não tem tempo de ficar em casa. Ela entra 7:30 na aula, 11:30 ela sai, aí chega 12h em casa. Aí, 12:30 ela sai, vem pro projeto e só chega em casa quase 5:30. (Mãe/30 anos-K)

Este fato contribui para um maior rendimento do aluno, consequência do seu empenho e dedicação escolar. Ao mostrar-se motivado com o seu rendimento escolar, um jovem assim testemunha:

Eu repeti de ano. Uma vez foi por causa de falta e outra por causa de bagunça [...] Este ano eu acho que vou passar, porque as minhas notas tão tudo boa. Eu não tenho nenhuma vermelha, só tenho nota azul. Antes, eu faltava muito da escola. Agora não. Eu comecei a ir em todas as provas e acertar as provas porque antes eu não acertava nenhuma. Só levava vermelha, vermelha e agora tá melhor. (Jovem/masc/12 anos-G1)

Eu repeti 2 anos, a 2º e a 3º, eu não ia pra escola não. Eu ficava o dia inteiro no meio da rua lá no centro. Andava de cavalo, roubava [...] agora eu não roubo mais não, agora vou na escola certinho. Antes eu tinha um monte de vermelho, agora não tenho nenhuma vermelha. O projeto me ajudou bastante melhorar na escola. (Jovem/masc/12 anos-B1)

A melhora do filho na escola é observada também por uma mãe que se sente satisfeita com as boas notas e com a mudança no comportamento agressivo do jovem no ambiente escolar:

Na escola mesmo, de primeiro, ele tava com bastante nota baixa. Agora, esses dias, eu fui na reunião da escola e este ano ele tá tudo com nota alta. O comportamento dele na escola também melhorou. A tarefa ele faz certinho. Até esses dias eu fui chamada, que ele tava meio sapeca, encrencando lá com os colegas e agora a professora disse que ele melhorou bastante. (Mãe/42 anos-C)

No próximo relato, são apontadas algumas dificuldades enfrentadas pelo projeto em obter resultados positivos dos jovens em relação à escola. Associando-se comportamento agressivo e desempenho escolar insatisfatório, uma mãe relata a inquietação do filho em querer saber sobre o pai, ao se referir a uma situação em que foi vítima de abuso sexual. O procedimento do projeto neste caso é o encaminhamento do educando para serviços que dispõem de atendimento especializado, como é o serviço de psicologia, estruturado em uma ONG próxima ao Viva a Vida.

Na escola, tava cheio de reclamação dele. Tanto é que ele repetiu o ano passado e este ano repetiu de novo. Olha, o [coordenador do projeto Viva a Vida] conversou com ele, a [auxiliar de coordenação] também, chamou ele, conversou, mas não adiantou. O [filho] é muito nervoso, acho que é porque ele não sabe quem é o pai dele [...]. Quando eu tive ele, eu tinha problema de cabeça. Aí eu fiquei umas três vezes internada no hospital psiquiátrico e quando eu vim de lá, já tava grávida. Então, como eu nem sei quem é o pai dele e nem nunca vou saber, eu falo que o pai dele morreu. Mas ele pergunta, ele não acredita. Esses dias o meu pai falou que um vizinho lá dele que eu namorei era o pai dele, você acredita que ele queria ir lá perguntar para ele? Eu falei: “não, ele não é seu pai não!” Ele até falou que quer ir no “Ratinho” fazer o DNA, mas eu nunca me interessei nisso não! [...] Ele já foi na psicóloga, mas acho que tá precisando ir de novo! (Mãe/38 anos-I)

A integração com a escola e o empenho do projeto no sentido de auxiliar os educandos a superar dificuldades e a ter compromisso com as atividades escolares são citados como pontos positivos por uma mãe:

Aqui também eles ajudam os filhos da gente se tiver dúvida na escola. Se o aluno chega, fala pra eles [coordenadores] que tá com dificuldade eles ajudam sim, porque eles já ajudaram a [filha] e ela melhorou bastante. Uma vez por semana a [filha] tem que levar o caderno da escola pra eles [coordenador e auxiliar de coordenação]. Até ela fala: “hoje é dia de levar o caderno”. (Mãe/30 anos-K).

Ao reconhecerem que os filhos comem bem no projeto, muitas mães deixam implícita a idéia de que o jovem se alimenta melhor no projeto do que em casa ou quando passavam grande parte do tempo na rua. O cuidado com a aparência e com a higiene pessoal foi também destacado pelas mães ao se referirem ao maior cuidado dos filhos em tomar banho, cuidar dos dentes e dos cabelos:

Lá [projeto Viva a Vida] eles tratam bem dele [filho], tem comida boa pra ele comer. Lá tem de tudo, a comida é boa [...] Antes ele só ficava na rua. Ele comia na rua, porque nem em casa pra comer ele vinha. Às vezes, ele ficava até sem comer também. Eu fazia comida, mas ele não vinha pra comer. (Mãe/43 anos-E)

Ele [filho] não gosta mais da minha comida, ele chega da escola e não come em casa não, vai comer lá no projeto. Ele fala que lá é muito mais gostoso. Lá eles comem bem. (Mãe/42 anos-L)

Eu gosto da educação que eles dão pras crianças e a higiene no projeto é uma coisa muito boa, porque eles ensinam a tomar banho, a cuidar dos dentes, do cabelo. (Mãe/39 anos-F)

Mudou a limpeza higiênica dele. (Mãe/38 anos-G)

De acordo com os depoimentos acima citados foi possível constatar que muitas foram as mudanças proporcionadas pelo projeto Viva a Vida na vida dos jovens e suas mães. Estreitamento dos vínculos familiares, melhora da auto-estima, desenvolvimento de estratégias para lidar com os conflitos pessoais, que não o uso da violência, foram os principais pontos positivos levantados pelos entrevistados após a inserção no projeto. No entanto, alguns pontos, como o desenvolvimento de estratégias para lidar com o comportamento violento de alguns jovens, se apresenta como desafio a ser vencido. Neste sentido algumas críticas e sugestões serão apresentadas, no sentido de contribuir para o avanço das ações do projeto.

4.2.2 Críticas e Sugestões

Neste item serão analisadas críticas e sugestões dos sujeitos pesquisados, a fim de contribuir para um melhor redimensionamento da atuação do projeto junto a seus usuários.

De modo geral, embora os jovens tenham dito se afinar mais com algumas atividades do que com outras, relataram gostar dos trabalhos que desenvolvem no Viva a Vida. Ao serem indagados sobre o que mais gostavam no projeto e sobre o que poderia ser feito para melhorá-lo, algumas sugestões foram mencionadas. A inclusão do teatro²² foi a mais a mais citadas:

Eu gosto de todas as atividades. Mas não muito de pintura, porque às vezes eu faço errado. Em vez de pintura, eu acho que podia ter teatro. (Jovem/masc/12 anos-C1)

Gosto de fazer artes plásticas e gosto de dançar também, de fazer teatro e de educação física, mas não muito de dança, porque é chato. E também não gosto muito da capoeira, porque eu não gosto de ficar gingando. (Jovem/masc/12 anos-A1)

Podia ter teatro, a [educadora] monta teatrinho com a gente. É legal. Eu gosto também quando tem festa de aniversário de mês em mês. É uma festona, só para todos que faz aniversário. Tem bolo, canta parabéns... (Jovem/masc/13 anos-D1)

No próximo depoimento, um jovem sugere a substituição da dança pelo futebol. No projeto, já existe a prática da educação física que inclui esse esporte. Neste sentido, há um desejo de que aumente o tempo de oferta desta atividade:

Eu acho que em vez da dança deveria ter futebol. (Jovem/masc/ 13 anos-E1)

²²Durante um período de substituição de licença gestante, uma educadora substituta ensinou aos educandos técnicas para montagem de peças teatrais. Esta atividade é ministrada em diversos núcleos do projeto Viva a Vida, mas no momento ainda não faz parte do programa desenvolvido na unidade em estudo.

O convênio entre a prefeitura e um clube particular de Londrina, possibilitou a alguns jovens a prática de esporte profissionalizante. O basquete era uma das modalidades oferecidas àqueles que apresentassem maior afinidade com o esporte. No entanto, com o término do contrato, muitos deixaram de treinar, como é o caso deste jovem:

Eu gostava do basquete que eu fazia lá [clube no centro da cidade], eu queria voltar a ir de novo. (Jovem/masc/12 anos/A1)

Ao relatar sobre as dificuldades em cumprir as tarefas escolares, um jovem sugere o retorno do reforço escolar²³:

Eu trazia a tarefa da escola, aí, a professora do projeto ajudava a gente fazer tarefa, mas agora não ajuda mais não. Agora é ruim, porque agora eu tenho que fazer tarefa sozinho quando eu não sei fazer. Eu queria que tivesse de novo. (Jovem/masc/12 anos-C1)

A recusa de alguns jovens em realizar determinadas atividades constitui um dos principais motivos de conflitos envolvendo os jovens e educadores. Em determinadas circunstâncias, os educadores são alvos de provocações como as aqui citadas:

Eu falo pra eles que, se não tiver capoeira, eu vou embora. Aí eles já começam a ficar nervosos (risos). (Jovem/masc/13 anos-E1)

A gente chama ele [educador] de cabeçudo. Eu não gosto da aula dele. (Jovem/masc/12 anos-H1)

Ao se deparar com tal situação, alguns educadores se comportam de modo autoritário. O uso de puxões de orelha e do termo “pivete” para se dirigir aos jovens foram atitudes extremas tomadas pelos educadores e condenadas pelos educandos. Percebe-se, assim, que o uso da violência também aqui é entendido

²³ É importante ressaltar que o projeto Núcleo de Convivência tinha o reforço escolar como parte de sua proposta de trabalho com os jovens. Ao ser reestruturado, o agora chamado Projeto Viva a Vida não possui mais na sua proposta pedagógica o reforço escolar.

como uma forma de educar e punir. O resultado obtido é a revolta e incompreensão de alguns educandos:

Eu faço bagunça, xingo a professora de dança e bato na mesa. Aí ela fala que vai bater na minha cabeça. Eu não gosto dela. Ela quer tirar os outros da dança, quer mandar nos outros. (Jovem/masc/13 anos-E1)

Eu gosto de Artes Plásticas, porque tem desenho que eu gosto. De capoeira eu não gosto, mais tem que fazer. O professor é chato, ele puxa a orelha dos moleques, aí eles sai chorando lá fora. Ele chama a gente de “pivete”, fala que vai colocar a gente na lata do lixo pro lixeiro levar. (Jovem/masc/13 anos)

Ah, o jeito que os professores tratam a gente. Ah, um moleque que tava lá na rua lá, aí o professor lá puxou as orelhas e eu não achei certo, não. (Jovem/masc/12 anos-A)

No entanto, ao tratar os jovens de maneira mais tolerante, adotando o diálogo como forma de se dirigir a eles, os resultados obtidos foram de maior êxito:

No projeto, a gente não briga porque a [auxiliar de coordenação] não deixa. Quando nós começamos a discutir ela já conversa, fala pra não brigar e aí nós paramos. (Jovem/masc/12 anos-H)

Eles [educadores] dão conselho pra gente e a gente vai mudando. Agora eu brigo menos. Antes eu era ruim mesmo, não respeitava ninguém. (Jovem/masc/12 anos-B1)

Ao relatarem a satisfação com o trabalho desenvolvido pelo projeto, que beneficia a si e a seus filhos, algumas mães fazem seus apontamentos:

Eu gosto de tudo lá [projeto Viva a Vida]. Até agora eu não tenho o que reclamar. Meus filhos gostam de lá, eu vou nas reuniões e gosto do que aprendo lá! (Mãe/40 anos-H)

Ele [filho] adora esse projeto. Ele vem porque ele gosta mesmo. Ele não vem obrigado não. Ele gosta de tudo, da capoeira, dos professores, fala que eles são bonzinhos. (Jovem/masc/13 anos-L1)

A [filha] gosta de tudo, porque ela não mata um dia do projeto. Eu posso precisar dela aqui, mas só se for caso muito urgente, senão ela não falta mesmo! (Mãe/43 anos- F)

Atividades como a capoeira e a confecção de pipas, ao serem relacionadas com a violência, foram criticadas por algumas mães. Na visão delas, a prática da capoeira fora do projeto tem constituído para seus filhos instrumento de fomento da violência. E a pipa, motivo de intrigas e brigas entre os jovens. Apesar das mães se referirem ao cuidado dos educadores em zelar pela aprendizagem inofensiva, o contexto apresentado indica a necessidade de uma maior conscientização dos jovens em relação às atividades que praticam. Aflitas, as mães assim relatam suas preocupações:

Eu não gosto da capoeira. Se eu pudesse tirar a capoeira do projeto eu tirava. E eles [educandos] adoram, mas eu não gosto. Eles [coordenadores do projeto] falam que não, mas tem moleque que leva pra violência. O professor ensina que não, mas em casa com os irmãos ele [filho] usa o que ele aprende aqui com os irmãos. (Mãe/38 anos-I)

De vez em quando eu vejo umas artes que ele faz com a capoeira. Os professores mesmo falam que não pode fazer em casa porque não tem proteção. Se fizer alguma coisa cai, quebra o pescoço, então não pode fazer. Em casa eu não deixo fazer, não, mas, às vezes eu pego ele fazendo. (Mãe/42 anos- L)

Eu não gosto que fica fazendo pipa não! Chega em casa pra tirar isso deles é fogo. Isso mata os outros, eles [educadores] não manda pôr cerol (cola com farelo de vidro), mas eles põem, né? Aí, só da briga porque um corta a pipa do outro. Um mete pedra no outro. E tem uns cavalão que você sabe né? Aqueles que matam mesmo. (Mãe/42 anos-L)

A distância entre o assentamento e o local de funcionamento do projeto foi também citada como um motivo de preocupação para as mães. Segundo elas, no percurso de ida e volta do Viva a Vida, os filhos acabam se envolvendo em brigas, perturbando a vizinhança ou arriscando a própria vida, quando “pegam rabeira” nos ônibus. A distância foi citada também por uma mãe como um fator que dificulta o cumprimento de compromissos, como a presença nas reuniões do projeto e a frequência à escola no período noturno. Neste caso, a antecipação do horário da reunião é apontada como uma das soluções para o problema.

Eu só acho que lá no [local onde se localiza o projeto] é muito longe e eles vão bagunçando pra rua. Ontem, mesmo eu peguei meu filho se pegando com a molecada no meio da rua, eles estavam indo no projeto e peguei eles tudo brigando. (Mãe/43 anos-D)

Eles pegam rabeira de ônibus, mexem nas coisas dos vizinhos, apertam a campainha dos outros. Eles são terríveis! [filho e os amigos do filho] [...] Por isso que precisava ser mais perto. Aí ele não tinha tempo para fazer arte. (Mãe/42 anos-L1)

Dia que tem reunião a gente quase não tem tempo de ir em casa fazer janta e ir na aula de noite. Então, se a reunião fosse mais cedo, umas 3 horas, era bom para gente, senão fica difícil para gente que tem filho. (Mãe/39 anos-G)

Ao se referir à distância, um jovem relata ainda a dificuldade em conciliar os horários do projeto e da escola:

Eu queria que o projeto fosse lá no [assentamento], porque aqui fica muito longe, demora uns 20 minutos pra vir pra cá e depois tem que voltar pra ir pra escola. É mais 10 minutos, mais 20 minutos. A gente tem que sair do projeto 11h 30, no máximo, para dar tempo de tomar banho e ir pra escola e eles não deixam, tem que sair 12h. E na escola, se chega atrasado e passa de 1h e 10, não entra mais. 1h que é a hora de entrar. (Jovem/masc/13 anos-H1)

Este fato reafirma a posição de Zaluar (1994 a). Segundo a autora, as políticas sociais no Brasil enfrentam um paradoxo que envolve o preconceito dos pobres contra os mais pobres. Criados para atenuar carências dos setores mais pobres, os projetos em muitos casos acabam criando preconceitos contra esses próprios projetos, vistos como ‘coisa de miserável’.

Uma outra mãe associa ainda a sugestão de mudança de local do projeto ao fato de que a mesma estrutura utilizada pelo Viva a Vida serve também de espaço para a realização de velórios, o que segundo ela contribui para um clima de tristeza no local:

Gosto de tudo, só podia mudar de lugar, porque lá no [local onde se localiza o projeto] tem velório lá, então era bom que mudasse de lá. [...] Velório traz muita tristeza. (Mãe/43 anos-E)

O projeto é do [assentamento], então tem que ser lá, porque o pessoal aqui não gosta. Eles [vizinhos do projeto] implicam com as crianças porque são de lá [assentamento]. (Mãe/40 anos-H)

A participação dos jovens nas atividades do projeto Viva a Vida tem promovido o desenvolvimento de capacidades relacionadas a arte como a capoeira e a dança. O que tem contribuído para a garantia de perspectivas futuras entre os jovens, como aquelas relacionadas ao trabalho. É o que será discutido no próximo item.

4.2.3 Perspectivas Futuras

A qualificação profissional constitui uma das principais preocupações entre os sujeitos entrevistados. Quando indagados sobre as expectativas futuras, tanto os jovens como suas mães, consideraram o projeto Viva a Vida como parte de um processo, que dará acesso a cursos de qualificação profissional e, conseqüentemente, à inserção no mercado de trabalho. Em Londrina, entre os cursos voltados para a educação para o trabalho, os mais citados foram: a) a Guarda Mirim - instituição de cunho filantrópico, que possui uma filosofia voltada para a educação disciplinar para o trabalho. Ao final do curso a entidade busca a inserção dos jovens em órgãos públicos e empresas. b) Programa de orientação profissional (POP), mantido pela prefeitura municipal de Londrina, o POP compõem 2 das 14 unidades do Projeto Viva a Vida. Entre as atividades desenvolvidas cita-se o artesanato e a marcenaria. c) Escola Profissional Social do Menor de Londrina (EPESMEL), de cunho filantrópico, é mantida com recursos das taxas de estacionamento recolhidas da Zona Azul, na região central de Londrina e de doações. Artes-gráficas, tipografia, marcenaria e costura industrial estão entre os cursos oferecidos.

Sobre a qualificação profissional, entretanto, é importante a ressalva sobre a falsa idéia que envolve esta questão. O atual contexto socioeconômico, permeado por mudanças tecnológicas, organizacionais e políticas têm levado à redução dos postos de trabalho. De outro lado, cresce a participação do jovem na

População Economicamente Ativa a procura de trabalho (Leite,2003) levando as empresas a serem mais seletivas, como estratégia para justificar a ausência de postos de trabalho. Neste sentido, escreve Martins (2001:69) *os jovens se apropriam de um discurso formulado por empresas e autoridades educacionais, divulgado amplamente pelos meios de comunicação de massa, de que hoje, para se ter um emprego, é preciso escolaridade maior.*

Ao relatarem suas perspectivas em relação ao mercado de trabalho, mães e jovens assim se expressam:

Eu vou pra outro projeto, lá na Epesmel. Eu quero fazer curso de informática também. (Jovem/masc/12 anos-A1)

Eu queria fazer um curso no Pop ou na Epesmel pra aprender ser marceneiro. E depois trabalhar de marceneiro. (Jovem/masc./12 anos-B1)

Queria que encaminhasse pra ele fazer curso. Ser alguma coisa na vida né, pra trabalhar numa oficina de carro, ele gosta é disso! (Mãe/43 anos-E)

Quando a [filha] não quer estudar eu falo pra ela: “você quer ficar igual a família do seu pai menina, tudo analfabeto? tudo sem emprego por falta de estudo?” (Mãe/30 anos-K)

Entre os motivos levantados para busca de trabalho remunerado está a independência financeira. Entre os jovens esta questão associa-se à possibilidade de consumo de produtos que se relacionam à construção da sua identidade, tais como o tênis, camiseta, bonés, esmalte e brinco. Para as mães, o fato dos filhos adquirirem estes bens com recursos próprios significa uma desobrigação com gastos para suprir o consumo dos jovens. É o que pode ser observado com as falas abaixo:

Quero arrumar um serviço pra trabalhar e ganhar um dinheiro e só. Não sei em que, mas qualquer coisa que desse pra trabalhar e ganhar dinheiro para poder comprar as coisas que eu gosto já estava bom. (Jovem/masc/ 12 anos-G1)

Ele acha que trabalhando ele tem dinheiro pra comprar as coisas dele, ele é muito vaidoso! Ele gosta de andar bem arrumadinho, tênis de marca, camiseta, boné dos racionais. Como eu não posso dar pra ele tudo que ele quer, ele acha que trabalhando vai ter as coisas. (Mãe/ 38 anos-B)

Ela [filha] gosta muito de batom, esmalte e brinco... o que eu posso dar eu dou [...] agora, quando ela trabalhar, ela compra o que ela quer. (Mãe/30 anos-K)

Outro motivo que se vincula à inserção do jovem no mercado de trabalho é o da prevenção contra riscos e descaminhos da rua. Em uma atitude autoritária, a mãe no primeiro depoimento afirma a intenção de que o filho seja encaminhado para uma instituição rígida, como é a Guarda Mirim. Em seguida o filho nega a vontade de freqüentar a entidade:

Ele [filho] vai só mais este ano no projeto Viva a Vida, ai de lá ele vai pra Guarda Mirim, porque lá eles são rígido, já ensinam como que tem que ser quando ele for trabalhar. Eu fui lá ver, lá tem que falar "sim, senhor" para os professores, tem que bater continência pra entrar. Se levar suspensão três dias, já é expulso. Sabe, então lá a disciplina é bem rígida! Então eu prefiro que ele vá pra lá [...] Ele é rebelde, se deixar ele faz coisa errada mesmo. Então é bom que vá pra Guarda Mirim, porque senão ele vai voltar a ficar na rua sem fazer nada, aprendendo o caminho errado! (Mãe/38 anos-I)

Eu vou pra Guarda Mirim porque a minha mãe está me obrigando, se não ela me bate. Ela fala que é pra mim sair do projeto e ir pra Guarda Mirim, mas eu não quero ir não. Eu quero ir no POP. (Jovem/masc/13 anos-I1)

O acesso ao mercado de trabalho é visto também como uma questão moral, pois quem não trabalha na visão das mães está mais vulnerável a diversos riscos como o uso de drogas e a violência. De acordo com Leite (2003), o 'trabalhador' ainda é uma figura valorizada em nossa sociedade. 'Trabalhador' é, no imaginário popular e também dos jovens, a condição que distingue o 'cidadão' do 'marginal'. Assim, o trabalho representaria a possibilidade de sair de uma vida de marginalidade e vencer na vida honestamente. Nesta mesma linha de raciocínio, Zaluar (1994b) analisa que os trabalhadores pobres, ao se dedicarem ao trabalho árduo, consideram-se moralmente superiores aos bandidos, a quem julgam ganhar a vida facilmente.

A seguir, uma mãe destaca a importância da escola e do projeto Viva a Vida, vistos como caminhos a serem trilhados para a vida profissional:

O que eu quero é que ele tenha uma profissão, que ele seja um bom filho, que ele não se envolva com coisas erradas. A gente vê aí criança com 12, 13 anos já ladrão, envolvida com droga, isso eu não quero nunca pra ele, porque se entrar pra sair é difícil. Então a gente tem que ficar em cima. Então eu to direto no pé dele, sempre que eu posso eu vou lá na escola, vou no projeto pra saber como que eles [filhos] estão. (Mãe/38 anos-I)

Através dos depoimentos de algumas mães entrevistadas fica clara a importância dada aos estudos. Referindo-se a esta questão, elas falam de si próprias, utilizando-se como exemplo de como a falta estudos interfere para que se tenha acesso a bons empregos. Este fato diverge do defendido por Carmo (2001a). Segundo o autor além das poucas perspectivas de mudanças que a escola apresenta para os jovens mais pobres, a vida escolar não faz parte do cotidiano 'familiar'. De acordo com a pesquisa aqui realizada, as mães, apesar das dificuldades financeiras enfrentadas, defendem a importância da frequência dos filhos a escola e a projetos de educação para o trabalho como condição para que tenham acesso a condições de emprego melhores do que as obtidas por elas:

Eu tenho uma filha de 14 anos, ela quer parar de estudar pra trabalhar e eu não quero. Prefiro que ela vá no POP, que estude, tem que terminar pelo menos o colegial porque hoje em dia sem escola a gente não arruma emprego. Eu vejo eu tô desempregada e não arrumo nada. Eu acho que se eu tivesse estudado mesmo, eu acho que hoje eu podia até ter um emprego melhor. (Mãe/38 anos-J)

Eu não quero que ele trabalhe agora não, porque na escola ele já vai mal. Ai se ele começar a estudar e trabalhar ai que não vai sair nada mesmo. Vai ficar igual eu ai sem estudo. Então trabalhar agora não! (Mãe/38 anos-I)

De acordo com Alvim e Aguilar (1992), assim como o trabalho e a família, a escola representa o espaço da ordem e da segurança, da esperança de uma boa formação e ascensão social, o que se opõe a um lugar 'perigoso e desordenado' como é considerado a rua.

A formação escolar dos jovens foi ainda valorizada por duas mães, que almejam para eles o ingresso em um curso superior, como o de medicina. Embora não explicito, fica aí subentendido o desejo de que os filhos sejam valorizados e prestigiados, como são os médicos em nossa sociedade. Entretanto,

remetendo-se às limitações financeiras, as mães reconhecem as dificuldades que terão que ser enfrentadas para formação profissional desejada:

Eu quero que ele estude até terminar, até entrar numa faculdade e sair com um diploma, uma profissão, ou médico ou qualquer outra profissão. Até onde eu puder pagar, porque depois que termina o colegial, faculdade você sabe tem que pagar né, então, quando chegar essa idade ele tem que trabalhar pra manter os estudos também [...]. (Mãe/38 anos-I)

Eu quero que ele [filho] tenha uma profissão no futuro pra poder trabalhar. Se quiser ser um médico, trabalhar com computador, melhor do não querer trabalhar e ficar fazendo coisa errada. A gente tem medo que sai pra roubar, usar droga, começar a mata os outros, tudo isso preocupa, né? Por que o que está acontecendo por aí? A maior guerra, gente morrendo três por quatro, isso eu não quero pra mim, nem pros meus filhos e não quero pra ninguém! (Mãe/38 anos-G)

De acordo com Carmo (2001b), é flagrante a desigualdade de oportunidades, quando se pensa no sistema de acesso às universidades públicas no país. A entrada nos cursos universitários públicos e gratuitos mais concorridos, constitui um futuro quase impossível para os jovens das classes desfavorecidas. No entanto, é destino normal e corriqueiro para os filhos de famílias abastadas.

Diferente das falas das mães, entre os jovens entrevistados não houve referência aos estudos como garantia de acesso ao mercado de trabalho. A dedicação aos estudos, assim como o ingresso em uma universidade, configuraram-se para eles como um futuro distante.

Segundo Carmo (2001b) a resistência dos jovens pobres aos estudos, ocorre muitas vezes porque a passagem pela escola aparentemente trouxe poucas mudanças em suas vidas. Tendo por base os resultados do processo de escolarização, é possível analisar que eles desmentem a ilusão e o desejo de ascensão social das classes economicamente desfavorecidas. Assim, finaliza o autor, torna-se compreensível que a classe média ou a classe alta manifestem seu apego aos valores escolares: *para elas a escola dá objetivamente condições de satisfazer expectativas, mesmo que parcialmente. (Carmo,2000:20 b)*

Por outro lado, a conquista de um trabalho remunerado apareceu entre as principais preocupações dos jovens sujeitos desta pesquisa.

Lima (2002), ao analisar a visão de diversos autores sobre a centralidade do trabalho na vida de jovens, afirma que as opiniões divergem quando se leva em consideração as diferenças sociais vividas pelos jovens no Brasil. Para aqueles pertencentes às classes média e alta, a preocupação principal é com a garantia de uma profissão, através do acesso ao ensino superior. No entanto, quando se trata daqueles provenientes da classe trabalhadora, a preocupação central é com a garantia de um emprego.

Segundo Carmo (2001b), muitos jovens pertencentes às camadas populares, que tem que buscar uma ocupação como fonte de renda para sobrevivência, ao terem que optar entre emprego ou escola, esta última é a primeira a ser deixada de lado. Para o autor, muitos jovens chegam a conclusão que a escola que freqüentam 'não lhes permitira ir muito além de onde já estão'. Muitas vezes, a escola pública a que os jovens da periferia freqüentam são tão precárias e desatualizadas que eles acreditam estar perdendo tempo.

Lima (2000), em pesquisa sobre as perspectivas de trabalho dos jovens do assentamento estudado, assim relata os resultados encontrados: *Leandro faz curso de torneiro numa entidade filantrópica. Agora esta fazendo um curso no SENAI à noite. Deixou a primeira série do segundo grau por causa do curso. Achou que dava mais futuro. (Lima, 2000:145)*

Ainda segundo o autor, outros jovens procuram conciliar trabalho com a escola: *Mariana é baby sitter. Trabalha de dia e estuda à noite. Daniele, 14 anos, está procurando serviço remunerado. Ambas agem pela necessidade. Não podem esperar até o fim do segundo grau para começar a trabalhar. (Lima,2000:142)*

Diante das dificuldades e limitações de acesso à escolarização como meio de obter profissões que lhes tragam remuneração e ascensão social, muitos jovens, além da busca de cursinhos profissionalizantes, citaram como saída profissional a dança, a capoeira e o teatro. Associadas à programação do projeto Viva a Vida, estas atividades são vistas por jovens e mães como possibilidade de ocupação que trarão, além de rendimento financeiro, reconhecimento e prestígio social:

Ah! eu espero que uma coisa boa para ela. Eu quero que ela seja professora de teatro. No projeto, a professora falou que ela tem muito jeito pra teatro. Ela falta bastante, ela não tem vergonha. Muitas pessoas perde oportunidade por ter vergonha, né? Ela não tem vergonha. (Mãe/39 anos-F)

A [filha] gosta muito de dançar, até porque ela é bem magrinha. Então eu queria arrumar pra ela tipo um curso pra ela ser modelo. (Mãe/30 anos-K)

Eu gosto mais de dança. Porque eu quero ser dançarina. Eu gosto de dançar. (Jovem/fem/ 13 anos-F1).

Eu quero ser professor de capoeira. (Jovem/masc/12 anos-C1)

Percebe-se assim, que os jovens, a partir do contexto em que vivem procuram alternativas profissionais que possibilitem melhorar de vida, por meio da busca de qualificação profissional e da inserção no mercado de trabalho. Apenas em uma entrevista, uma jovem expressou a intenção de ser doméstica, equiparando-se a sua mãe:

Eu quero trabalhar de limpar a casa, de ser doméstica, igual a minha mãe. (Jovem/fem/14 anos-J1)

Ao se referirem às perspectivas futuras, os jovens em relação às mães, se mostram mais lúcidos ou conscientes das chances que o futuro lhes apresenta. De acordo com Lima (2002), muitos jovens trabalhadores, pertencentes às camadas populares, tendem a se conformar com aquilo que lhe é oferecido. Grande parte dos jovens sente-se privilegiada por estar empregada, o que os difere daqueles que estão fora do mercado de trabalho. Assim, dedicam-se às suas atividades para não serem demitidos ou substituídos por outros mais dispostos a fazerem tudo. É como se os jovens tivessem que se adequar a realidade, procurando sobreviver para não serem excluídos do mercado de trabalho, mesmo que, para isso, eles tenham que desistir de sonhos e projetos futuros. *Ainda não estão desiludidos ou perderam totalmente o encanto, mas parecem acomodados, tendo que deixar de “fazer o que gosta” e passar a “gostar do que faz”.* (Lima, 2002: 191)

5 SINTESE CONCLUSIVA

No cenário contemporâneo, no qual evidencia-se grande desenvolvimento e progresso associado às novas tecnologias, encontram-se, sem dúvida, diversos pontos positivos: as distâncias se reduziram e o conhecimento científico permitiu desvendar enigmas seculares da vida humana. No entanto, são os efeitos drásticos deste processo que se constituem em um dos principais problemas a serem enfrentados atualmente. As diversas sociedades ocidentais passam por um momento de enfraquecimento das tradições, acirramento das desigualdades sociais e da violência cujas principais vítimas são os jovens.

Neste sentido estudar a vulnerabilidade dos jovens ao risco da violência constituiu um tema de extrema importância, a medida em que permitiu uma apreensão sobre os diversos aspectos de ordem econômica, social e cultural que envolvem a violência entre os jovens.

No Brasil, em algumas cidades de grande e médio porte, a violência decorrente do tráfico de drogas apresenta-se como uma das principais causas de morte entre jovens pobres e estigmatizados, que no interior do crime organizado buscam socialização, sobrevivência e prestígio na comunidade em que residem.

Desenvolvido em uma região periférica de Londrina, cujos índices de violência, associado em grande parte ao tráfico de drogas, apresentam-se como um dos maiores do município, foi possível verificar entre alguns jovens sujeitos desta pesquisa que os membros das quadrilhas são vistos por eles como pessoas da família, a quem dedicam lealdade incondicional. Observa-se, assim, que o processo de socialização e a busca de referenciais não acontece mais no seio da família mas, muitas vezes, na rua e no interior de grupos associados ao crime organizado.

As necessidades de consumo criadas pelo mercado frente às dificuldades econômicas enfrentadas pelas famílias a qual pertencem os jovens e a promessa de dinheiro “fácil” ganho com a venda da droga foram apontadas também como um fator de vulnerabilidade pelo jovem pobre que almeja poder consumir bens materiais como tênis, bonés e camisetas. Os roubos praticados pelos jovens também foram apontados como meio de ter acesso ao consumo de bens materiais como roupas, sapato, comida e drogas.

Ao analisar os significados da violência elaborados por jovens e mães residentes no assentamento onde foi desenvolvido este trabalho de pesquisa, pôde-se verificar que a violência esta associada às agressões físicas graves como são os homicídios decorrentes de ações das quadrilhas de tráfico de drogas nos espaços públicos, ou seja nas ruas do assentamento. Os principais motivos das mortes relatadas pelos jovens e suas mães para o assassinato de vizinhos ou parentes são as brigas entre quadrilhas rivais e as dividas contraídas com traficantes. Tristeza, ódio e vingança foram os sentimentos expressos com maior intensidade pelos entrevistados ao se referirem a morte de pessoas conhecidas ou membros da própria família. Entretanto ao relatarem a morte de pessoas com as quais não tinham proximidade, o que se observa é um sentimento de indiferença diante dos homicídios ocorridos. O que aponta para a banalização da violência que não atinge diretamente a si próprio ou pessoas próximas.

O tráfico de drogas que se impõe pelo medo suscitado pela arma de fogo silencia a população, que ao temer pela própria vida se cala diante da justiça, dificultando a punição dos culpados. A impunidade dos crimes cometidos se associa ainda à falta de uma política pública de segurança capaz de garantir a integridade física da população e a falta de empenho policial em investigar os crimes cometidos.

Parte de um contexto mais amplo, este fato reflete a justiça brasileira, que se mostra ineficaz diante da ação de policiais que se deixam corromper pelo dinheiro pago pelo tráfico, pelo limitado controle sobre a entrada de armas no país e pela incipiente fiscalização sobre as rotas do tráfico de drogas no Brasil.

No assentamento em estudo, onde a pobreza e a violência associada ao tráfico de drogas saltam aos olhos, a agressividade e a demonstração de força e coragem demonstrada por alguns jovens ao se referirem ao acesso à arma de fogo, reflete em muito a ação das quadrilhas que atuam no assentamento. A organização do tráfico não permite negociação, as rígidas regras colocadas punem com a morte aqueles que ameaçam a ação criminosa.

Embora nenhum dos jovens entrevistados tenham sido apontados como autor dos homicídios cometidos, alguns demonstraram disposição para matar ao se referirem às brigas entre colegas nas ruas, na escola ou no projeto Viva a Vida.

A referência ao uso de arma e as agressões físicas foi a atitude de grande parte dos jovens diante da intolerância e da dificuldade de diálogo na resolução dos conflitos individuais. No entanto, por ser a violência tão freqüentemente associada às agressões física graves como os homicídios, mães e filhos não consideraram agressões verbais, tapas e chutes como sendo uma expressão de violência. As agressões físicas praticadas contra colegas ou irmãos, muitas vezes eram reforçadas pelos pais que, consideraram normal o ataque físico como forma de defesa.

Na esfera privada, a violência praticada pelos pais em relação aos filhos foi relatada pelos jovens e suas mães como estratégia de educar e ser educado. Ameaças, tapas, cintadas e chineladas não foram citadas pelos jovens e suas mães como forma de violência. Citadas como as principais agressoras dos filhos algumas mães consideraram as agressões físicas envolvendo espancamentos com pedaços de ferro ou pau, formas que ultrapassaram os limites aceitáveis de agressões aos filhos.

Embora grande parte dos jovens tenha relatado aceitar a punição física como forma de serem educados, muitos testemunharam sentirem raiva e/ou ódio ao serem agredidos fisicamente. Esta questão pode ser apontada como um fator de potencialização da violência entre colegas e irmão, vítimas da violência que os jovens por obediência e respeito não dirigem aos pais. Observa-se assim um processo que pode ser equiparado a uma cadeia de violência. Pais e mães violentos que têm os filhos como vítimas, que, por sua vez, se tornariam violentos, fazendo outras vítimas.

Ainda na esfera privada, as agressões entre cônjuges envolvendo lesões físicas foram citadas pelos jovens e mães como uma forma de manifestação da violência. As mulheres foram consideradas as principais vítimas dos seus agressores, na maioria dos casos seus próprios companheiros conjugais. Embora algumas mulheres tenham relatado ter também agredido seus cônjuges, este fato foi citado como decorrente de um ato de defesa diante da violência sofrida.

Algumas mães ao ter sido agredidas por seus cônjuges relataram agirem de maneira agressiva com os (as) filhos (as). Ao se comportarem desta forma, estas mesmas mães constataram comportamentos agressivos nos filhos (as). O que demonstra mais uma vez uma tendência à reprodução da violência sofrida.

Constata-se assim, tanto no âmbito público como no privado os significados da violência elaborados pelos jovens e suas mães estão relacionados às agressões físicas severas como os homicídios e espancamentos.

Foi possível verificar ainda que os jovens desde crianças podem ser considerados as principais vítimas da violência. No ambiente público, deparam-se, cotidianamente, com os crimes brutais cometidos por pessoas ligadas ao tráfico de drogas que agem violentamente no assentamento. No ambiente privado, crescem sendo surrados pelos pais que adotam a violência como forma de educar. São ainda os principais espectadores das agressões físicas que envolvem muitas vezes seus pais. Diante disto, a violência praticada pelos jovens torna-se apenas uma reprodução do contexto no qual vivem.

Diversas iniciativas de ordem governamental, não governamental e religiosa são desenvolvidas no assentamento buscando atenuar o risco social, ao qual os jovens estão expostos. Entre estas iniciativas o projeto Viva a Vida pode ser apontado como um trabalho que tem em alguma medida, contribuído para atenuar o comportamento violento dos jovens. As atividades desenvolvidas pelo projeto têm se constituído em um espaço seguro de lazer para eles que, ao participarem do Viva a Vida permanecem menos tempo na rua, expostos as ações das quadrilhas associadas do crime organizado.

Ao apontar aos jovens e às mães estratégias outras que não o uso da violência na resolução dos conflitos, o projeto foi percebido como um fator positivo. As mães, ao relatarem conversar e aconselhar seus filhos como forma de alertá-los sobre os atos errados cometidos, demonstraram uma revisão da prática da agressão física como forma de educar. O que não implica, entretanto, que esta prática foi abolida completamente dos lares.

Entre os jovens, a socialização promovida pela prática de atividades como a gincana esportiva, o futebol, a dança e a capoeira foram analisadas como um processo que tem contribuído para a aceitação de regras e normas de convivência harmoniosa com os colegas. Muitos jovens ao serem insultados, ameaçados ou provocados relataram ignorar o ocorrido, evitando assim o envolvimento em brigas físicas.

As mudanças atribuídas ao projeto em relação aos jovens foram lembradas pelas mães também através da melhora nas notas escolares dos jovens, nos hábitos alimentares e na higiene pessoal.

Apesar das mudanças obtidas em relação aos jovens, há alguns desafios no âmbito do projeto. Entre os desafios a serem enfrentados estão a necessidade de maior integração dos educadores com o contexto vivenciado pelos jovens e melhor capacitação técnica no tratamento dispensado aos educandos.

Embora, coordenadores e educadores tenham afirmado que nenhum dos jovens participantes do projeto encontram-se envolvidos com atividades ilícitas, a pesquisa aqui realizada para este trabalho apontou que entre os jovens entrevistados, um relatou praticar roubos e outro afirmou envolvimento com membros da quadrilha de tráfico de drogas. Isto revela que os dirigentes podem não ter conhecimento mais aprofundado do que se passa na vida dos seus educandos.

Foi ainda identificada a dificuldade dos educadores em lidar com atitudes extremas de violência praticada pelos jovens. Ao terem estabelecido critérios que favoreciam determinado resultado de uma competição esportiva com receio da atitude violenta de um dos educandos, educadores e coordenadores apresentaram despreparo profissional para lidar com tal comportamento. Atitudes autoritárias, agressivas e discriminatórias tomadas pelos educadores foram criticadas pelos jovens que, ao se depararem com tais situações, relataram ações de revolta e incompreensão diante da atitude tomada pelos educadores. Este contexto aponta para a necessidade de uma maior capacitação técnica profissional da equipe, no sentido de oferecer subsídio aos educadores para lidar com situações como a citada cima. Por outro lado, nas situações em que os educadores demonstraram paciência e atenção diante de comportamentos agressivos apresentados pelos jovens, houve a conquista de respeito e obediência para com os educadores.

O projeto Viva a Vida foi mencionado pelos jovens e suas mães como garantia de perspectivas futuras, relacionadas principalmente a qualificação profissional e à conquista do mercado de trabalho.

Para as mães, mesmo diante das dificuldades financeiras enfrentadas a intenção é de que os (as) filhos (as) estudem e conquistem ascensão social por meio de profissões reconhecidas como a de professor e médico. Entre os jovens, entretanto, ao se referirem à qualificação profissional mencionaram o ingresso em cursinhos profissionalizantes, como a EPESMEL e o POP, e ocupações relacionadas a dança, capoeira e teatro como alternativa profissional.

Percebe-se assim que ao se depararem com as limitações econômicas e as dificuldades de acesso a um sistema escolar de qualidade, os jovens mostram-se mais conscientes das reais possibilidades de ingresso no mercado de trabalho.

Ao mencionar as mudanças e desafios do projeto Viva a Vida é importante destacar ainda que um dos desafios mais importante enfrentados relaciona-se a fragilidade do projeto diante da atuação das quadrilhas de tráfico de drogas, que se contrasta com a falta de um sistema de segurança público, com a impunidade da justiça e com as limitações do Estado diante da incapacidade em dismantelar o poder exercido pelo crime organizado.

O acesso a drogas e armas garante as quadrilhas de tráfico de drogas que ajam impunemente, seduzindo os jovens para um mundo de promessa de dinheiro “fácil”, de aventura e prestígio que se contrasta com a pobreza e muitas vezes com a falta de perspectivas dos jovens em ter uma vida digna através do trabalho honesto.

Neste sentido, este trabalho aponta para a necessidade do desenvolvimento de uma política pública de segurança, não só em âmbito local, mas em escala nacional, que combinada com projetos sociais que se propõe a trabalhar com jovens vulneráveis a violência, seja capaz de garantir uma vida digna não somente aos jovens mais a todos os moradores de regiões dominadas pelo crime organizado.

Longe de esgotar a discussão que envolve o contexto de vulnerabilidade ao risco para violência entre jovens, este trabalho pretende ser uma contribuição teórica no sentido de auxiliar na busca de estratégias de ação que tornem possível a construção de uma outra história para jovens vítimas da violência.

REFERENCIAS

ABRAMO, W.H. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: ANPOCS, 1994.

ABRAMO, W.H. Espaços de Juventude. In: FREITAS M.V; PAPA F.C. *Políticas Públicas Juventude em Pauta*. São Paulo: Cortez, 2003.

ABRAMOVAY, M (Org). *Juventude, Violência e Vulnerabilidade na América Latina: Desafios para Políticas Públicas*, UNESCO, Brasília, 2002.

ADORNO, S. Adolescentes, crime e violência. In: ABRAMO. W.H; FREITAS, M.V; SPOSITO.M (Org). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

ADORNO, S. *Violência Criminal no Brasil*. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento CNPD/Seminário Nacional de população e Violência. Brasília,1998.

ADUM, Sônia. *Imagens do Progresso: Civilização e Barbárie em Londrina: 1930/1960*. 1991. Dissertação (Mestrado) - UNESP, Assis.

ALVES, J.M. *Historia da Assistência Social ao Pobres em Londrina 1940/1980*. 2002.Tese (Doutorado) - PUC-SP, São Paulo.

ALVIM, R & AGUILAR, A . I. "*Ganharás o pão com o suor do teu rosto*". Trabalho apresentado na ANPED. Caxambu, Minas Gerais, 1992.

ARARIPE, Paula Tavares. *A Gestão Intersetorial das Políticas Públicas de Assistência Social e Cultura: a experiência do Projeto Viva a Vida-Londrina/ PR*. 2003. (Trabalho de Conclusão de Curso) - UEL, Londrina.

ARBLASTER A . *Dicionário do pensamento social do século XX* . In: OUTHWAITE, W; BOTTOMORE, T, *Violência*. Rio de Janeiro: Ed.Jorge Zahar, 1996.

AZEVEDO, M.A; GUERRA, V.N. A . *Mania de Bater: a punição corporal domestica de crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo:Iglu,2001.

AYRES, J.R.C.M; FRANCA-JUNIOR, I e CALAZAS,G.J; SALETI-FILHO,HC.
Vulnerabilidade e prevenção em tempos de Aids. In: BARBOSA. R.M E PARKER, R.
Sexualidade pelo avesso: direitos, identidade e poder. Ed. 34,1999.

BAIERL. L.F; ALMENDRA C. A .C. A dinâmica Perversa do medo e da violência.
Serviço Social & Sociedade. São Paulo, ano XXIII, nº 70, p.59-79, julho. 2002.

BALANDIER,G *O Contorno: Poder e Modernidade*. In: O Imaginário na Modernidade.
Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

BARATA, A . *Introdução a uma sociologia da droga*. In: MESQUITA, F.; BASTOS,
F.I. Drogas e Aids: estratégias de redução de danos. São Paulo: Hucitec,1994.

BUCHER, R. *Drogas e Drogadição no Brasil*. Porto Alegre: Artes Medicas, 1992.

BUCHER, R. *Drogas e Sociedade nos Tempos de Aids*. Brasília: UNB, 1996.

CASTRO, M.G; ABRAMOVAY, M. Jovens em Situação de Pobreza, Vulnerabilidades
Sociais e Violências. *Cadernos de Pesquisa: Autores Associados*, Campina,116,
p.143-176, julho, 2002.

CASTRO, M. G (Org). *Cultivando vidas desarmando violências*. Brasília: UNESCO,
2001.

CARMO, Paulo Sergio. *Culturas da Rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo:
Senac, 2001a .

CARMO, Paulo Sergio. *Juventude no Singular e no Plural*. Cadernos Adenauer II,
São Paulo, nº 06, dez.2001b.

COSTA, A . C.G . Infância, juventude e política social no Brasil. In: *Brasil Criança
Urgente: A Lei 8069/90*. São Paulo: Columbus, 1992.

DURHAM, E.R. *A Sociedade Vista da Periferia*. Revista Brasileira de Ciências
Sociais, São Paulo, v 1, nº 1, p.84-99, jun. 1986.

ESTATUTO da Criança e do Adolescente/ECA. *Assistência Social: ética e direitos-
Coletânea de leis e Resoluções*. Rio de Janeiro: CRESS, 2002.

FERREIRA, Y.N. Bolsões de Pobreza e Pontos de Pobreza em Londrina. Londrina: *Revista de Geografia da UEL*, v.8, n.1, p. 65-8, jan, 1999.

GIDDENS, A . *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo, Unesp 1991.

GRACIANE, Maria Estela S. *Pedagogia social de rua*. Cortez, 1997.

GROPPO, L. A . *Juventude: ensaios sobre sociologia e historia das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HARVEY, D. *Condição Pós Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

JEOLÁS, Leila Sollberger. *O Jovem e o imaginário da aids-o bricoleur de suas práticas e representações*. Tese (Doutorado) – PUC-SP, São Paulo, 1999.

JORGE, M.H.P M. *Morbi-Mortalidade por Violência*. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento/Comissão Nacional de População e Desenvolvimento: Brasília,1998.

LACERDA, P.M. *Experiências de planejamento estratégico de políticas culturais municipais: um estudo de caso em Londrina Brasil*. Projeto de Investigação Internacional do Observatório de Políticas Culturais de Montevideu e UNESCO-UY: Londrina, 2002.

LEITE, E. M. Juventude e trabalho: criando chances, construindo cidadania. In: FREITAS, M.V; PAPA. F.C. (Org). *Políticas Públicas: Juventude em Pauta*. São Paulo: Cortez,2003.

LINHARES, L. *Gênero e Violência*. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento CNPD/Seminário Nacional de população e Violência. Brasília,1998.

LIMA, A . Adolescência: Ligando continentes. In: LIMA, A . *Brincadeiras Selvagens: Problema Nosso*. São Paulo: Oficina de Textos, 1997.

LIMA, José Carlos Franco. *Vencer na Vida: Os mitos referentes à obtenção de Renda Entre Os Adolescentes do (...)*²⁴ (Doutorado) –PUC-SP, São Paulo, 2000.

²⁴ Parte do título referente a esta referência bibliográfica será omitida por identificar o local onde foi realizado este trabalho de pesquisa.

LIMA, M. E. M. S. S.L. Representações Sociais dos Jovens sobre o trabalho: ente fazer o que gosta e gostar do que faz (Mestrado)-UEL, Londrina,2002.

LOAS-Lei Orgânica da Assistência Social/lei nº8.742-dez/93. Assistência Social: ética e direitos-coletânea de leis e resoluções: CRESS-RJ,2002.

LOBO, T. *Avaliação de processos e impactos sociais- algumas questões para reflexão*. In: RICO, E.M. (Org). *Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate*. São Paulo: Cortez, 1999.

LOLIS, D. *A pobreza em Londrina: As ações do Orgão Municipal de Assistência Social em Londrina-PR*. (Monografia de Especialização). UEL, Londrina,1993.

MARQUES, M. A . B (Org) . *Violência doméstica contra crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro:Vozes,1994.

MARTINS, H.H.T.S. O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador:conhecimento e participação. *Tempo Social*. USP, São Paulo, ano 13, nº 2, p.61-87, nov.2001.

MICHAUD, Yves. *A Violência*. In: MICHAUD, Y. O problema das definições. São Paulo: Atica, 1989.

MINAYO, M.C.S. *O Desafio do Conhecimento-Pesquisa Qualitativa em Saúde*. Rio de Janeiro: Hucitec,1993.

MINAYO, M.C.S. *Violência como construção social- refletindo com os Jovens*. *Agenda Pública-Drama Social*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002.

MULLER, M.S; CORNELSEN, J. M. *Normas e Padrões para Teses, Dissertações e Monografias*. UEL, Londrina, 2002.

Ministério Público. *Sexualidade, Prevenção das DST/AIDS e Uso Indevido de Drogas: Diretrizes para o trabalho com crianças e adolescentes*. Brasília, 1999.

NETO, M. J. *O Eldorado: Londrina e o Norte do Paraná – 1930/1975*. Tese (Doutorado) - USP, São Paulo,1993.

NOLASCO, S. *O Imaginário masculino e as ideologias de guerra*. In: O mito da masculinidade. Rio de Janeiro:Rocco,1995.

NOVAES, R. Juventude, exclusão social e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: Freitas, M.V; PAPA, F.C. *Políticas Públicas Juventude em Pauta*. São Paulo: Cortez, 2003.

PAULILO, Maria Ângela Silveira. *Risco do HIV/Aids: Representações Sociais Entre Soropositivos e Doentes*. Tese (Doutorado) – PUC-SP, São Paulo, 1998.

PAULILO, Maria Ângela; JOLÁS, Leila Sollberger. Jovens, drogas, risco e vulnerabilidade. *Serviço Social em revista*, Londrina, v. 03, nº 1, p.39-59, jul/dez. 2000.

PAVEZ. G. A ; OLIVEIRA, I.I.M.C. Vidas Nuas, mortes banais. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, ano XXIII, nº 70,p.80-91, jul.2002.

POTYARA A .A . P . PEREIRA. *Necessidades Humanas: Subsídios à crítica dos mínimos sociais*. São Paulo: Cortez, 2000.

PROCOPIO, A .*O Brasil no Mundo das Drogas*. São Paulo: Vozes, 1999.

SAFFIOTI. B.I. No Fio da Navalha: Violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual. In: MADEIRA, F.R. Quem mandou nascer mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos,1997.

SANTOS, C. S.S. Sociabilidade e cotidiano na periferia de Londrina. Londrina, *Revista Mediações*, v. 6, n. 2, p. 149- 177, Jul/Dez/ 20001.

SODRÉ, M. *O Social Irado: Violência, Neogrotesco e Mídia*. In: A Irradiação da Adolescência. São Paulo:Cortez, 1992.

SOUZA, L. R. P (org). *A Espera de Justiça*. Assassinatos de crianças e adolescentes na grande Fortaleza. Fortaleza: Expressão,1999.

SPOSITO, Marília. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: FREITAS, M.V; PAPA, F.C. *Políticas Públicas Juventude em Pauta*. São Paulo:Cortez, 2003.

TOMASSINO, K; JEOLÀS, L. S. O Trote como Ritual de Passagem: O Universal e o Particular. *Revista Mediações*, Londrina, v 05, nº 02, p. 29-49, jul/dez, 2000.

URAHAMA, C.K. *A Vulnerabilidade do Jovem Diante da Drogadição*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Londrina:UEL, 2002.

YUNES, M.A,M; SZYMANSKI, H. Resiliência: a noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J (Org). *Resiliência e Educação*. Cortez, São Paulo, 2001.

ZALUAR, Alba. *Cidadãos Não Vão ao Paraíso*. São Paulo: Escuta, 1994a .

ZALUAR, Alba. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Revan-UFRJ, 1994b.

ZALUAR, Alba. Crime e castigo vistos por uma antropóloga. In: MARIA, C. L; BARTHOLO, R.S. (Org). *Violência, Crime e Castigo*. São Paulo: Loyola, 1996.

ZALUAR, Alba. A criminalização das drogas. In: ZALUAR, Alba (Org) *Drogas e Cidadania Repressão ou Redução de Riscos*. São Paulo: Brasiliense, 1994c.

DOCUMENTOS ANALISADOS

APEART-*Associação Projeto Educação do Assalariado Rural Temporário*. Uma educação diferenciada em luta pela cidadania. Folder, Londrina, 2002.

COHAB:*Projeto de Trabalho Comunitário Brasil*. COHAB/Habitar Brasil Londrina, 2002.

Outra Historia é Possível: Projeto Viva a Vida. Secretaria municipal de Cultura, Londrina, 2002.

PEMAS-Plano Estratégico Municipal para Assentamentos Subnormais. Subprograma de Desenvolvimento Institucional. COHAB/Programa Habitar Brasil. Londrina, 2000.

Plano Plurianual de Assistência Social Municipal 2002/2005: Apresentação e Diagnostico Social. Londrina, 2002.

Programa Bolsa Escola Municipal. Secretária Municipal de Ação Social. Londrina, 2001.

Programa de Erradicação do Trabalho Infantil-PETI/Secretaria Municipal de Ação Social, Londrina, 2001.

Programa Rede da Cidadania: Uma Política Cultural para o Cidadão-Secretaria de Cultura. Londrina, 2002.

Projeto Núcleos de Convivência/ Secretária Municipal de Ação Social. Londrina, 2001.

Projeto Pedagógico Núcleos de Convivência/Secretaria municipal de Ação Social, Londrina, 1997.

PROVOPAR- LD- Programa do Voluntariado Paranaense de Londrina: Solidariedade: plante esta ação. Folder, Londrina, 2001.

Relatório de Atividades/projeto Viva a Vida. Londrina, fevereiro,2003

Relatório de Atividades/projeto Viva a Vida. Londrina, março, 2003.

Relatório de Atividades/projeto Viva a Vida. Londrina, Abril, 2003.

Relatório de Atividades/projeto Viva a Vida. Londrina, Maio, 2003.

Relatório de Atividades/projeto Viva a Vida. Londrina, Junho, 2003.

Relatório de Atividades/projeto Viva a Vida. Londrina, Julho, 2003.

Relatório de Atividades/projeto Viva a Vida. Londrina, Agosto, 2003.

Relatório de Atividades/projeto Viva a Vida. Londrina, Setembro, 2003.

SUGUIHIRO, V.L; BARROS; M. N. F et al. Relatório Conselho Tutelar de Londrina. Londrina, 1999.

SUGUIHIRO, V.L; BARROS; M. N. F et al. Relatório Instituto Médico Legal de Londrina. Londrina, 1999.

Viva a Vida na família e na comunidade. Secretaria Municipal de Assistência Social. Londrina, 2002.

Outras Fontes Consultadas

EDWARD, J. A. Força do Senhor. *Veja*. São Paulo. nº 26, jul/2002.

LUZ, S.R ; SECCO, A . Somos Todos Reféns. *Veja*, São Paulo, nº 5, fev/2001.

MENDES, L.Z.P. Jovens. *Veja*-Edição Especial, São Paulo, nº 24, agst/ 2003.

MIRANDA,R. *Tráfico de Armas*.ISTOÈ, nº 1763, 16/ 7/2003.

PAGANELE, Conceição. In: FEBEM, o primeiro dos infernos. *Revista Caros Amigos*, São Paulo, nº 60/março, 2002.

SQUEFF, L. Drogas nas Escola. *Época*, nº 4, junho/1998.

WEIS, B. Um Cotidiano de Guerra de Guerra. *IstoÉ-* Edição Especial, São Paulo, nº 1585, fev/2000.

www.andi.gov.br. *Tráfico causa 90% das mortes entre jovens de Londrina P-R*. Site consultado em 3/7/2003.

ZALUAR, A. *A guerra privatizada da juventude*. Folha de São Paulo, São Paulo, 18 maio 1997, Caderno Mais